

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

BRUNO PEREIRA DE OLIVEIRA

**A CULTURA PUNK E O UNDERGROUND
Um estudo no cenário de duas cidades do interior paulista**

SÃO CARLOS - SP

2014

A CULTURA PUNK E O UNDERGROUND

Um estudo no cenário de duas cidades do interior paulista

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

A CULTURA PUNK E O UNDERGROUND
Um estudo no cenário de duas cidades do interior paulista

BRUNO PEREIRA DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis

SÃO CARLOS – SP

2014

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

O48cp

Oliveira, Bruno Pereira de.

A cultura punk e o underground : um estudo no cenário de duas cidades do interior paulista / Bruno Pereira de Oliveira.
-- São Carlos : UFSCar, 2014.

106 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2014.

1. Cultura. 2. Punks. 3. Contracultura. 4. *Underground*. I. Título.

CDD: 306.4 (20^a)



Programa de Pós-Graduação em Educação
Comissão Julgadora da Dissertação de mestrado de
Bruno Pereira de Oliveira

São Carlos 26/08/2014

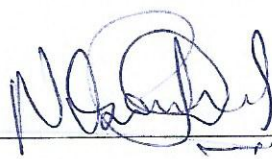
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis


Prof. Dr. Flávio Caetano da Silva

Prof. Dr. Orivaldo Leme Biagi

Pror^a. Dr^a Maria Walberga dos Santos







Dedico este trabalho a todos aqueles que encontraram no Punk, no *Hardcore*, ou em qualquer uma das cenas do *Underground*, seu lugar de conforto, como zona de criação, transformação e multiplicação.

Agradecimentos

Aos colegas de Pós-graduação na Universidade Federal de São Carlos.

Aos meus amigos que sempre me acompanham e nunca deixam a situação ficar pesada demais.

Aos punks, e membros do Hardcore e Underground, que auxiliaram na escrita desse trabalho indicando uma trilha sonora, emprestando zines e livros e cedendo bons depoimentos.

Aos professores Sandra Aparecida Riscal, Maria Cecília Luiz, Flávio Caetano da Silva, e Anete Abramowics pelas aulas, pelos textos, pela paciência, pelas conversas, e pelas indicações, mas acima de tudo pela contribuição que recebi destes durante o período do mestrado.

Novamente a Flávio Caetano da Silva, e Anete Abramowics pela presença e conselhos em meu exame de qualificação.

Ao meu orientador, que além da oportunidade do mestrado, muito me ensinou e me guiou nesta etapa da vida.

A minha família, pelos bons momentos e reuniões mais do que frequentes.

A minha companheira Mariana Pilan, sempre presente, incentivando-me a escrever e a melhorar cada vez mais. Além da própria presença capaz de melhorar qualquer ambiente.

Em especial aos meus pais, Glória e Carlos, que possibilitaram tudo em minha vida.

Uma noite num porão escuro, abafado e barulhento.

Aulas chatas, professores distantes, uma escola que não se preocupa e entender o como e o que você sente ou pensa. Ainda nesta semana, a coordenadora ao lhe dar mais uma bronca por algo que você não fez, perguntou-lhe com ar de desdém: “E ai, muita maconha?”.

Isso dá pra aguentar, você já se acostumou com a escola, sua estrutura e sua pseudo-ordem controladora.

O pior de tudo, o que faz o tempo passar devagar, e o que realmente lhe enoja, são seus colegas de sala. Brincadeiras que você não permitiu, comentários sobre assuntos que eles não conhecem, e as mesmas gracinhas apresentadas em programas de televisão.

Mas o tormento acabou, mesmo que por um curto período você terá um descanso daquele lugar e daquelas pessoas. Por mais que o tempo corra como um assassino lhe perseguindo por um beco escuro, você quer aproveitar esses dias de descanso.

Após ir, como toda sexta feira à loja de CDs, e passar a tarde ouvindo as novas aquisições, algumas horas após o pôr-do-sol, é hora de ir encontrar os amigos e ser livre, mesmo que por algumas horas.

Você está andando pelas ruas do centro durante a noite após mais uma semana de tortura. O ar noturno lhe agrada, o escuro traz uma sensação de conforto. Mesmo que as pessoas continuem lhe olhando, agora o escuro te protege. Em alguns trechos do caminho você propositalmente passa por algumas de suas pichações, Sim, você combateu a ordem e alguns de seus padrões, mesmo que insignificante para a massa é algo que fez você se sentir parte de algo muito maior.

Ou seja, é sexta feira á noite, você está andando pela noite após mais uma semana, mas agora, você já não está sozinho, agora a matilha está reunida, outros como você caminham ao seu lado, e mesmo sem saber o que procuram, vocês sabem exatamente o que não querem.

O barulho aumenta, as luzes ganham vida e você avista outros. A entrada do bar está movimentada, repleta de opções e caminhos a cruzar. Sobre a porta o neon em formato de gato nas cores verde e vermelho. Ao lado da porta, o cartaz do show da noite, outra banda desconhecida de outra cidade.

Quando você entra no bar, a fumaça, o ambiente fechado, quente, os odores, e a pouca luz lhe fazem se sentir confortável enquanto outros evitariam aquele lugar, e você gosta de

pensar que seus colegas de sala evitem aquele lugar, e esse pensamento aumenta seu carinho por aquele espaço.

Lá dentro conhece quase todos, meninos e meninas, assim como cores, sabores e símbolos. Tudo lá dentro lhe agrada, desde o cheiro de fumaça de cigarros, o calor abafado e as cervejas baratas.

A performance da banda começa, e o velho ritual se repete mais uma noite. A música alta com gritos de revolta, a guitarra sempre suja e estridente, a fúria apresentada pela bateria, seus amigos e os demais frequentadores pulando, cantando e se empurrando, sempre sorrindo. Adorando não apenas a banda e a música, mas principalmente aquele lugar e tudo o que ele representa.

Após o show, está quase na hora do bar fechar, e novamente caminhando pelas ruas você retorna para sua casa, mas já não as mesmas ruas, agora toda a cidade está diferente, parece que tudo o que você sentiu e imaginou durante a noite está se encaixando na cidade, uma cidade que agora é sua, que você enxerga e interage a partir daquilo que sente.

A cidade antes aberta, visível e travestida, agora se abre de uma maneira diferente. Ela se apresenta para você com outro nome. A primeira impressão não vale nada, o que conta é esse novo sentimento que você tem por ela.

Das sombras, mais que inesperada surge uma nova cidade, novos caminhos e novos espaços. Onde antes você era rejeitado, agora é abraçado.

Bruno Pereira de Oliveira

RESUMO

Palavras-chave: Cultura Punk; Underground; Contracultura.

Esta dissertação é o resultado da análise de fragmentos da história e da cultura Punk, assim como algumas produções artísticas dos membros desse movimento, como zines e músicas utilizados pelos punks para defender seus ideais e marcar sua posição perante uma cultura hegemônica imposta sobre eles. As produções analisadas constituem as principais fontes de dados para a realização desta pesquisa, pois as fontes selecionadas permitiram realizar uma análise considerando as proximidades entre a cultura Punk e o meio Underground a partir de algumas similaridades encontradas durante a pesquisa, como a influência da Contracultura e do enfrentamento perante determinados padrões impostos. Com o intuito de elaborar uma revisão bibliográfica, considerando as possíveis relações entre o movimento Punk e o Underground, sendo esses elementos presentes em boa parte dos centros urbanos, direcionamos a pesquisa para duas cidades do interior de São Paulo, Atibaia e Bragança Paulista, cada uma com sua cultura e costumes. Nesta dissertação outros movimentos além do Punk, são utilizados meramente como elementos comparativos, pois o movimento Punk, aliado dos componentes do Underground, e todo seu conjunto de práticas e ações, fornecem os dados minimamente necessários para a análise da aproximação entre a cultura Punk e o Underground.

ABSTRACT

Key-Words: Punk culture; Underground; Counterculture

This essay is the result of the analysis of history fragments and Punk culture, as well as some artistic productions by the members of this movement, as zines and musics utilized by the Punks to defend their ideals and to establish its position before a hegemonic culture imposed on them. The productions analysed are the main sources of data for the fulfillment of this research, because the sources selected allow for an analysis considering the proximity between the Punk culture and the Underground scene from some similarities found during the research, as the influence of the Counterculture and the fight before the imposed standards. With the intention to elaborate a bibliographic review, considering the possible relations between the Punk movement and the Underground, being these elements present in most urban centers, this research is directed to two cities from São Paulo inland, Atibaia and Bragança Paulista, each one with its own culture and behavior. In this essay other movements besides the Punk are cited merely as comparative elements, because the Punk movement, its Underground component allies and all its set of practices and actions, provide the minimally necessary data for the analysis of the proximity between the Punk culture and the Underground.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Punk is coming	8
Figura 2 – Punk de Seis Braços	12
Figura 3 – Setas das Ramificações	16
Figura 4 – Cartaz de evento Punk difundido em redes sociais e internet	18
Figura 5 – Capa do disco do Velvet Underground desenhada por Andy Warhol	26
Figura 6 – Andy Warhol e os integrantes do Velvet Underground	27
Figura 7 – Cartaz de show dos Ramones no CBGB	29
Figura 8 – A de Anarquia	39
Figura 9: Apresentação da Test	50
Figura 10 – Os Ramones na porta do CBGB	55
Figura 11 – Palco do CBGB	57
Figura 12 – Principais Rodovias que cercam o município de Atibaia	61
Figura 13 – Cartaz do Anarco-Punk-Nick em Atibaia de 1996	65
Figura 14 – Cartaz contra o consumismo natalino	66
Figura 15 – Galeria Mutante – Atibaia-SP	69
Figura 16: Evento de bandas no Kandangos	70
Figura 17: Evento de bandas no Red Bar	71
Figura 18: Foto tirada do palco da Taberna Dharma	72
Figura 19: Cartas de show de bandas na Casa 30	73
Figura 20: Evento de bandas no Clube Literário de Bragança Paulista	74
Figura 21: Cartaz do Grito Rock de 2012	76
Figura 22: Capa do disco do Desvio de Conduta	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 LEITURAS COMO ACORDES: UMA VISÃO DISTORCIDA SOBRE O MOVIMENTO PUNK	9
1.1 Dos porões da década de 1970 ao cenário brasileiro	23
1.2 A influência de ideais anarquistas no Punk	37
2 O MOVIMENTO PUNK E O UNDERGROUND NAS CIDADES DE ATIBAIA EBRAGANÇA PAULISTA	46
2.1 Cenas Underground de Atibaia e Bragança Paulista	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	95

INTRODUÇÃO

Este estudo propõe a compreensão da relação entre o movimento Punk e o *Underground*¹, tendo como cenário os municípios de Atibaia e Bragança Paulista, localizados no interior de São Paulo.

Primeiramente, existe um motivo pessoal que conduziu a opção por este objeto de pesquisa, e está relacionado à música, pois o Punk se fez presente em minha vida através de bandas importantes dentro dessa vertente musical, como *Ramones*, *Sex Pistols*, *Pennywise* e *Calibre 12*, principalmente através do potencial contestador e provocativo de suas canções. Essa relação e o gosto por estas bandas me aproximaram dos ideais e atitudes presentes no Punk e em outros movimentos. Posso afirmar que se não fosse por essa proximidade com o Punk e seus ideais, eu provavelmente não teria interesse por uma série de assuntos e temas, responsáveis por me fazerem questionar uma enorme variedade de aspectos sobre as culturas urbanas.

Através do Punk, e desse novo olhar obtido sobre as culturas urbanas, conheci o *Hardcore*², também conhecido como HC. Considerado por muitos como a evolução do *Punk rock*, devido a sua abrangência sobre grupos e problemas sociais – ou mesmo opiniões e ações não pertencentes ao Punk – o *Hardcore* surgiu para o público em meados de 1980 nos Estados Unidos tendo como principal característica uma configuração musical mais acelerada e um teor mais agressivo nas letras e na própria sonoridade em comparação ao *Punk rock*, provavelmente por causa de seu caráter político e as críticas presentes nas letras de músicas deste estilo, e também na própria maneira de cantá-las³, tornando esse estilo musical – ou no caso do HC, devido sua abrangência – um movimento musical maior que “abraça” outros movimentos musicais e urbanos menores.

Por último, me deparei com o *Underground* através de eventos de bandas *Hardcore*, e em um primeiro momento estranhei esse nome – assim como muitos, por falta de conhecimento, o

¹ Este termo será trabalhado de uma maneira profunda no segundo capítulo desta dissertação. Será retratado resumidamente nesta introdução.

² Este termo não será analisado nesta dissertação da mesma maneira que o movimento Punk, portando para essa introdução, foi elaborada uma breve apresentação, e no decorrer do trabalho, ele aparece como um divisor do movimento Punk com relação a outros movimentos inseridos no *Underground*.

³ Com berros ou apegado ao estilo gutural. A ideia de gritar e fazer os outros se calarem perante uma realidade apresentada.

relacionei com o metrô de Londres – e aos poucos fui me acostumando com todo aquele universo abrangente⁴. As lojas de discos, os bares, mesmo as praças e outros pontos de encontro que ficavam em locais públicos, permitiram construir minha noção de *Underground*. Para muitos, pensar nestas três esferas tribais⁵ – Punk, *Hardcore* e *Underground* – como elementos que se constituem em momentos distintos, mas que se completam no conjunto da obra, é algo complexo devido a seu potencial plural, que se desenvolve em todas as direções e em todos os sentidos. Claro que muitos elementos que pertencem ao *Underground* não cabem no Punk e no *Hardcore*, pois o *Underground* é maior do que estes dois, já o inverso acontece a todo instante, os elementos presentes no Punk e no *Hardcore*, podem ser inseridos diretamente dentro de uma esfera como o *Underground*.

A partir desta peculiaridade de reconhecimento, desenvolveu-se uma forte influência sobre o meu posicionamento social e político – para alguns, o meu comportamento naquela época, contrário à visão daquilo que era estabelecido como correto, era algo passageiro, visto como coisa da idade, ou apenas mais uma moda passageira – fortalecendo os significados sobre o que compreendo⁶ sobre ser um punk e pertencer a um contexto cultural extremamente plural, resultado de todo um conjunto de transformações pessoais.

Uma vez que o Punk possuiu uma série de vícios sociais como qualquer outro grupo urbano – mesmo não sendo um modo de vida regido por padrões pré-determinados, mesmo com as bandeiras e ideais de lutas comuns – a meu ver, o Punk é por excelência uma atitude de libertação e contestação cultural e subjetiva. O Punk sempre foi algo transformador, em um primeiro momento dentro de cada punk, e posteriormente para a sociedade. Ser um punk é adotar todo um conjunto de vivências, capaz de criar raízes entre os punks e este movimento, e é de certo modo que isso que aproxima o Punk de um ideal influenciado pela anarquia, pois o anarquismo procura a fuga dos padrões da sociedade. Dessa maneira, não acredito possível ser punk, sem adotar alguns ideais e padrões do movimento e da própria anarquia. O Punk – que utilizo como lente para compreender o *Underground* – é uma forma de vivenciar o momento da juventude, e ser punk é uma das formas que muitos jovens encontram para escaparem dos

⁴ Abordo toda a abrangência do *Underground*, e suas aceitações, no capítulo onde o descrevo.

⁵ No sentido de tribos urbanas, sendo essas aglomerações ou grupos geralmente compostas por jovens de gostos e pensamentos similares.

⁶ É impossível explicar de uma maneira precisa o que é ser um punk, pois cada um de nós enxerga o movimento de uma maneira, e mesmo quem está de fora faz um julgamento de toda a cena. Porém aponto nesta dissertação minha leitura sobre o movimento e possíveis interpretações sobre ele a partir da bibliografia selecionada.

parâmetros impostos pela sociedade que os limitam e também de se imporem a ela. Foi devido a esta influência, que me liguei ao *Underground* assim como a sua mítica e representação.

A influência proporcionada pelo lado acadêmico responsável por iniciar os estudos abordando o movimento Punk deu-se durante minha a graduação no curso de História na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, quando fui convidado pela professora Ivone Gallo em 2009 para realizar uma pesquisa de Iniciação Científica, abordando o potencial anarquista existente no movimento Punk. Aproveitando a bagagem temática e bibliográfica, dei continuidade ao estudo deste movimento em meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2010.

Neste segundo momento, meu foco de análise sobre o grupo foi direcionado para seu potencial como agente de resistência, seguindo padrões de contracultura⁷ – com ações similares ao grupo Provos de Amsterdã, apresentado na obra de Matteo Guarnaccia – durante o período da ditadura militar no Brasil. Nos anos de graduação tive a oportunidade de relacionar características pessoais com estudos relacionados ao espaço universitário.

Com o intuito de aprofundar os conhecimentos sobre a temática do Punk e do anarquismo⁸, e participar de discussões sobre estudos contemporâneos relativos a essa filosofia, aproximei-me do Centro de Cultura Social de São Paulo⁹ em 2009, onde tive a oportunidade de estudar o movimento Punk e o anarquismo, com maior embasamento teórico além do diálogo com pessoas com conhecimentos sobre a questão. Foi a partir do aprofundamento no tema, que surgiu o interesse em ingressar no grupo de Pós-graduação “Cultura e Subjetividade” do Programa de Mestrado em Educação na Universidade Federal de São Carlos, com a intenção de desenvolver esta pesquisa.

Pesquisando teses e dissertações¹⁰ produzidas sobre o Punk, destaco a dissertação de Pereira¹¹, que descreve as facilidades que teve em conversar com os punks de sua cidade. Essas facilidades caminharam em dois vieses, o primeiro deles pela idade dos entrevistados, pois o grupo que colaborou com a pesquisadora é de uma geração mais nova deste grupo, e um segundo fator que facilitou seu contato com eles, foi o local onde o grupo se encontrava frequentemente,

⁷ A maneira como abordo a Contracultura neste trabalho é contextualizada no capítulo 2.

⁸ O anarquismo não será aprofundado neste trabalho como vertente política e social, mas será analisado como filosofia social do Punk.

⁹ O CCSSP é um espaço de discussões sobre anarquismo situado na cidade de São Paulo.

¹⁰ Em pesquisa no dia 09/10/2013 a base da CAPES contava com 49 páginas que abordavam o termo Punk.

¹¹ Dissertação de mestrado apresentada por Angélica Silvana Pereira, para o programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2006, com o título: “*Somos expressão, não subversão: A gurizada punk em Porto Alegre*”.

ou seja, o espaço social partilhado por estes punks de certo modo os unia, e pelo fato de a pesquisadora também pertencer à cena Punk. Outra dissertação encontrada foi a de Gonçalves¹², onde a pesquisadora discute a construção do estilo jovem a partir do movimento Punk, e como este se relaciona com outros grupos e espaços, como família, escola e trabalho. Este segundo trabalho foi realizado na região metropolitana de São Paulo. A cidade de São Paulo também é o ambiente de estudo na dissertação de Oliveira¹³, que analisa as influências do anarquismo no movimento Punk. Outra pesquisa que guiou meu estudo foi o de Kemp¹⁴, que apresenta grupos urbanos relacionados a cenas musicais e suas características nos meios urbanos.

Entre as obras consultadas duas se destacam como fonte de pesquisa e material de estudos. O livro *Mate-me, por favor*, onde a história do movimento, e da cena musical e artística do Punk é contada através de entrevistas com personagens marcantes para este movimento, e a coletânea *The best of Punk Magazine*, que contém uma seleção de edições marcantes da revista. Ambas destacam uma transição do movimento Punk, que começa no *Underground*, atinge o *Mainstream*, e retorna para o *Underground*. Sobre o *Underground* e o *Hardcore*, vale destacar o fato de existirem pouquíssimos materiais para pesquisa e obras sobre estes assuntos, a maior parte desses conteúdos está registrada em documentários e outros arquivos de audiovisual.

Essa transição é evidenciada nestas obras como uma reação da mídia, inclusive em relação à própria *Punk Magazine*, sobre aquele fenômeno musical, que no início dos anos 1970 era visto apenas como mais uma vertente do abrangente *rock'n'roll*, mas, claramente, uma vertente muito mais chamativa e provocadora visualmente do que as outras. Essa provocação visual contribuiu para que o *Punk rock* fosse alvo do receio de muitos críticos durante alguns anos.

Em relação ao cenário onde a pesquisa foi contextualizada, os municípios de Atibaia e Bragança Paulista, são pouco expressivas suas contribuições à história do Punk no Brasil, fato que tornou necessário apresentá-las a partir dos ambientes, das bandas, das memórias e dos eventos e espaços públicos onde existiram – e ainda existem – eventos e práticas associadas com

¹² Dissertação de mestrado apresentada por Paula Vanessa Pires de Azevedo Gonçalves, para o programa de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, em 2005, com o título “Ser punk: a narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória”.

¹³ OLIVEIRA, Valdir da Silva. O anarquismo no movimento punk (Cidade de São Paulo, 1980 – 1990). Dissertação para mestrado em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007.

¹⁴ KEMP, Kenia. Grupos de Estilo Jovens: O ‘Rock Underground’ e as práticas (contra) culturais dos grupos ‘punk’ e ‘thrash’ em São Paulo. Campinas. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

as mais variadas formas de vivência dentro do movimento Punk, dessa maneira a sua história nesta região é tão *Underground* quanto o próprio Punk e sua cena.

Não tenho a pretensão de com este estudo abarcar as várias facetas relacionadas ao Punk e ao *Underground*, pois são objetos impossíveis de serem trabalhados de forma conclusiva¹⁵. O que proponho é apresentar leituras e estudos teóricos sobre o *Underground* abarcando aspectos como significância, afeto e representatividade, a partir da ótica do movimento Punk, e explicando a relação existente entre eles, porém, destacando desde já que não é apenas o Punk que se aproxima do *Underground*, uma vez que este é um espaço que abriga uma vasta gama de tribos, grupos e movimentos urbanos.

A organização desta dissertação está estruturada em dois capítulos. O capítulo um traz estudos sobre o movimento Punk, abordando sua história¹⁶ e elementos peculiares, enquanto tribo e cena urbana. No capítulo dois apresento análises sobre o espaço urbano e o *Underground* em Atibaia e Bragança Paulista, elaborando uma descrição sobre os espaços¹⁷ destas cidades que eram frequentados por punks e grupos próximos pertencentes ao *Underground*. É com base nestes dois capítulos que estabeleço as relações entre Anarquia, o *Underground* e o Punk. Este trânsito é também envolvido pelo embate *Underground versus Mainstream*¹⁸, presente em vários momentos da história do Punk e na configuração do *Underground*.

As discussões apresentadas trazem à tona visões, compreensões e sentimentos tanto sobre o movimento Punk, quanto ao *Underground*, lançando luz a algo próximo das sombras, afinal, tanto o Punk quanto o *Underground* sempre estiveram ali, mas como eles não se movem são os transeuntes que acabam se deparando com este movimento e entrando neste espaço, ou evitando qualquer contato com este meio.

A estrutura monográfica foi proposta com o intuito de responder a algumas questões centrais em torno de minha pesquisa. *Quais são as relações que se estabelecem entre Punk e Underground? Como estas relações se estabelecem e são passíveis de serem reconhecidas nas cidades cenários da pesquisa? O que, nas relações entre as tribos e grupos urbanos, torna o*

¹⁵ No primeiro capítulo explico os motivos para tal impossibilidade, mas aproveito para reforçar que cada um interpreta estes elementos de maneiras distintas. Dentro ou fora deles.

¹⁶ Através de um levantamento bibliográfico específico. Não a fim de construir uma história definitiva do movimento Punk, mas de apresentar uma leitura sobre ela para quem não conhece.

¹⁷ Alguns destes espaços já não existem mais.

¹⁸ Antagonista por excelência do *Underground*, também abordado no segundo capítulo desta dissertação.

Underground um espaço tão abrangente? Como interpretar o Punk e o Underground a partir de características regionais específicas?

A fim de responder as questões apresentadas, a dissertação foi estruturada em dois capítulos em que foi elaborado um componente historiográfico abordando o movimento Punk, a fim de entender o posicionamento dos punks com relação ao *Underground*, e com o auxílio de letras de músicas, zines e outros documentos, analiso a maneira como essa relação está estabelecida nas cidades onde realizei o estudo.

Pensando sobre uma metodologia para abordar as músicas de bandas de punk¹⁹, o principal elemento levado em conta sobre estas músicas, é que são compostas em três esferas (que se completam), primeiro na mensagem e na forma como esta é transmitida, segundo pela simplicidade dos acordes e tons dos instrumentos, sendo esta apegada a questão do *faça-você-mesmo*²⁰, e por último a velocidade como elas são tocadas, revelando elementos agitados ou denunciadores de raiva. Depois disso, é impossível pensar e analisar a forma como cada espectador ouviu e absorveu – ou mesmo rejeitou – a música e suas mensagens, mesmo sendo a mesma música e a mesma mensagem. Sobre tais análises relacionando a música Punk, suas mensagens e ideais – referentes a política, sociedade e cultura – como construtores de uma personalidade e um sentimento de identificação entre os jovens daquele grupo. Neste caso, não interessa analisar o embate entre criação e cooptação, pois provar a autoria das canções ou potencial inovador das bandas punks não é o foco deste estudo.

A análise sobre os lugares observados neste estudo pede uma leitura de elementos plurais e caóticos e talvez diretamente mais apegados a elementos sentimentais do que a própria música dos punks, por causa da interação existente entre espaços e frequentadores. Para isso, não apenas o posicionamento daqueles que frequentam esses locais, mas a maneira como estes moldam, e muitas vezes são moldados por aqueles espaços. Isso reflete de um lado, desde colagens de cartazes, adesivos, ou mesmo pichações, enquanto de outro lado vemos esses grupos comprando camisetas dos bares que frequentam. Elementos capazes de destacar a existência de uma identidade e um sentimento de pertencimento com estes locais.

A leitura e interpretação do material produzido pelos punks também faz parte do conjunto de meios para atingir as respostas esperadas desta dissertação, visto que cada produção reflete

¹⁹ Algumas delas também se encaixam no perfil de bandas de *Hardcore*.

²⁰ *Do It Yourself*. Ideal máximo do movimento Punk. Este termo também será abordado de maneira profunda nos capítulos que seguem nesta dissertação.

seu produtor e atinge cada punk de uma maneira distinta, o que pode indicar diretamente uma aproximação ou reconhecimento sobre o Punk e os espaços do *Underground* nas cidades. Sobre esses materiais, o principal elemento a ser analisado são os pontos comuns entre os punks que os produziram, uma vez que entender cada elemento de cada punk seria algo extremamente complexo, temos como objetivo compreender os elementos semelhantes, a fim de compreender a leitura dos espaços *Underground* pelos punks.

Sobre a análise destas produções, tomo como base as palavras de Eric Hobsbawn em sua obra *História Social do Jazz*, onde ele afirma que: “A história das artes não é uma única história, mas, em cada país, pelo menos duas: aquela das artes praticadas e usufruídas pela minoria rica, desocupada ou educada, e aquela das artes praticada ou usufruída pela massa de pessoas comuns” (1989. p.37), uma vez que tal afirmação se aproxima e exemplifica todo o embate existente entre *Underground* e *Mainstream*, ou mesmo, pode ilustrar a revolta apresentada por alguns membros do movimento Punk, expressada²¹ por eles contra a mídia e aqueles que não são punks, mas se comportam como tais, quando veem elementos de sua cultura sendo apropriados e usufruídos por aqueles que não estão inseridos em sua cultura ou condenam suas práticas.

Retomando a ideia apresentada por Hobsbawn, para este trabalho, a leitura mais próxima para analisar os objetos de estudos²² é a segunda, uma vez que a arte e as demais produções presentes no *Underground* são voltadas para uma massa de pessoas com elementos comuns – mesmo que em alguns casos seja apropriada por grupos elitistas – não com o foco em defender uma exclusividade de uma massa excluída sobre o *Underground*, mas analisando o sentimento destes sobre o *Underground* e como estes sentimentos criam determinadas barreiras de pertencimento e mesmo sentimentos de posse.

Com isso, pretendo colaborar com essa pesquisa, destacando as ações do Punk relacionadas com o *Underground* em cidades interioranas como Atibaia e Bragança Paulista.

²¹ Esse fator fica evidente em documentários como o *Botinada* e o *Punks*. Não é um objetivo nesta dissertação de analisar os sentimentos que os punks nutrem pela mídia, mas a fim de analisar as características do Punk no *Underground* – e mesmo o *Hardcore* neste caso – se faz necessária uma apresentação, mesmo que breve sobre estes conflitos.

²² Produzidos por punks e característicos do *Underground*.



Figura 1 – Punk is coming. Logo presente nos primeiros números da Punk Magazine.

Disponível em: <http://www.punkmagazine.com/stuff/morestuff/punkiscoming.html>

1 LEITURAS COMO ACORDES: UMA VISÃO DISTORCIDA²³ SOBRE O MOVIMENTO PUNK

“Todos nós sabíamos que algo de revolucionário estava acontecendo. A gente sentiu isso. As coisas não pareceriam estranhas e novas se alguma barreira não tivesse sido quebrada. ‘É como o Maaar Vermelho...’, disse Nico uma noite, parada perto de mim no balcão do Dom, que dava vista pra toda a ação: ‘se abrinnnndo’”. (Fala de Andy Warhol em Mate-me, por favor. Vol. I – p. 30)

Um ponto fundamental para a compreensão do objeto de estudo são as formas como descrevo o termo Punk, pois, devido à necessidade de apresentar o movimento e seus membros, ambos caóticos, múltiplos e impossíveis de serem caracterizados²⁴, surgiu à necessidade de uma escrita capaz de explicar o movimento Punk.

Existe toda uma cultura Punk, repleta de acontecimentos e costumes, com uma subjetividade própria e plural. É possível aceitar a existência de várias ramificações e subdivisões dentro do Punk, pois a evolução desta cultura e posteriormente de suas ramificações, caracterizam as transformações e adaptações deste movimento perante outras culturas urbanas.

Tentar definir e classificar toda a cultura Punk – que se transformou em um conjunto de culturas Punk – é algo complexo e por causa de sua pluralidade, é algo traiçoeiro. Por mais que não seja o foco deste trabalho caracterizar e definir o Punk, o caminho indicado pela bibliografia selecionada segue parte da jornada deste movimento.

A cultura de onde o punk surgiu me lembra a ópera ‘The Rise and Fall of the City of Mahagonny’, de Bertolt Brecht, onde você pode fazer qualquer coisa que quiser se tem dinheiro, mas se não tem dinheiro você é um criminoso, um refugio, um vômito. E o meio ambiente de onde o punk surgiu também me lembra o cenário do filme ‘Blade

²³ “Distorção” é um efeito sonoro produzido por alguns pedais de guitarra, fazendo com que o som original, teoricamente limpo, pareça “sujo”, com ruídos e chiados. Muitas bandas utilizam este pedal, que colabora para deixar o som mais pesado ou “sujo”. Usei este termo no título deste capítulo, pois aqui apresento muito de minha interpretação sobre o Punk, que para os leitores punks ou não-punks pode parecer um tanto suja, rasgada e agressiva, mas assim como cada guitarrista escolhe o melhor efeito para sua música, elaborei meu ponto de vista a partir de minhas vivências, leituras, experiências, memórias e sentimentos. Destaco que essa noção de distorção tem a ver apenas com o elemento musical impulsionado por um tipo de pedal para guitarras, e em nenhum momento se aproxima de qualquer conceito ou teoria.

²⁴ Talvez alguns punks condenem essa minha necessidade de explicar delimitar o movimento, porém, sinto que devo apresentar minha interpretação sobre este movimento para que o caminho que percorri na confecção de meu texto faça sentido para o leitor.

Runner' – o tipo de estilo de vida corajoso, ameaçador, os tambores do Juízo Final, só que você não sabe se são os tambores do Juízo Final ou a música de alguém. Mas os tambores estão sempre ao fundo, rufando (Trecho da fala de Ed Sanders na obra *Mate-me, por favor*. Vol. II. p. 44).

A fim de descrever o movimento, composto por seus ideais, sua história, seus integrantes e suas atitudes, utilizo o termo Punk, com a letra “P” maiúscula. Com a preocupação de descrever o movimento Punk como algo capaz de criar algo muito maior do que uma simples aglomeração de jovens no meio urbano.

Constituindo ao mesmo tempo um conjunto de ideais de um movimento e estilo de vida, afirmando que as ações dos punks constituam as ações do Punk. Estas por sua vez, englobam o punk com “p” minúsculo, que dá vida a este movimento. Onde pretendo descrever os membros deste movimento – enquanto indivíduos únicos – em suas singularidades, com a intenção de afirmar que o Punk possui vários segmentos, e ramificações, cada um destes caracterizado a partir de afinidades, atitudes, filosofias e ideais.

Entendo que participar do Punk era fazer parte de algo muito maior do que eu ou do que os cenários que estavam ao meu redor. Só um punk sabe o que é ser punk, e pertencer ao Punk, pois é algo muito pessoal, devido à ideologia e filosofia de vida de cada punk. As várias ramificações, subdivisões ou subgrupos indicam a existência de “diversos segmentos” que às vezes são conflituosos, gerando a discórdia dentro do movimento, porém, sem causar maiores danos.

E neste caso, vale destacar que cada punk compreende e vive o movimento de formas diferenciadas. Pela maneira que compreendo o Punk, é impossível tratá-lo como algo próximo de categorias binárias. É evidente a existência de rótulos, aproximação e afinidade, porém, a existência de uma vasta gama de ramificações dentro do Punk, cria um caos e uma enorme complexidade na hora de segregar ou de colocar todos os punks na mesma bacia.

Aproveitando esta explanação sobre a forma como utilizo os termos Punks e punks nesta dissertação, apresento uma analogia que considero válida para nortear o desenvolvimento desta pesquisa: o *Pogoar*.

O *Pogo* é a dança Punk – também conhecida como “roda punk” – presente em todos os shows e eventos desta cena e de tantas outras no meio do universo *rock'n'roll*. Analiso o movimento Punk com sua dança por causa das sensações propiciadas em meio uma roda punk durante um show. Aquela música alta, todas aquelas pessoas, o espaços girando ao seu redor,

todos se empurrando e se esbarrando, sem a ideia de iniciar algum conflito, mas sim de se divertir e se esquecer de todos os problemas perturbadores do cotidiano. Ali todos se respeitam, e mesmo muitas vezes sem se conhecer intimamente, se reconhecem. O *Pogo*, agitado, segue a música, com seu ritmo, sua melodia, a instrumentalidade, e todos os outros demais elementos disponíveis em uma boa roda punk. Cada um sente o *Pogo* – ou o observa – de uma maneira diferente, alguns ignoram, outros fogem, outros curtem o momento, e outros, carregam aquele sentimento, aquele momento, aquela sensação a vida toda. O *Pogo* representa um elemento complexo, muito presente na cultura musical dos punks, apegado a um caos sentimental criado a partir de uma relação entre o som e a identificação – perpétua, ou momentânea de cada pessoa, próxima ou distante – durante aquela dança maluca e bagunceira²⁵.

Existem diversos posicionamentos dentro do Punk, e isso é um fator que ocasiona uma série de distorções sobre este movimento. Esses múltiplos posicionamentos e entendimentos do Punk ficam evidenciados nas músicas e nos zines²⁶.

Porém, existem fatores comuns entre os grupos punks, como o apego pela Anarquia, por sua música e pela liberdade. Cada punk ou pessoa próxima ao Punk, ou mesmo aqueles que só os veem pelas ruas, são capazes de dar um significado próprio para este movimento. Existe uma grande diferença entre dar um significado para um grupo social e rotular este grupo social, fato que está associado às opiniões que estas pessoas constroem sobre o Punk, a partir das mais variadas vivências nos mais variados meios.

Um exemplo disso é o documentário: *Punk roça: Música e conflito no interior*, que descreve o Punk na região de Campinas. Logo no início do documentário, alguns entrevistados tentam explicar o que é o Punk. Entre os entrevistados, está a historiadora e pesquisadora do movimento Punk Ivone Gallo que relata a vez em que perguntou para um punk o que era o Punk e ela devolveu, “o que é o Punk pra você?”, talvez indicando uma dificuldade em classificar o Punk, e também a multiplicidade carregada pelo Punk, que proporciona um vasto leque de interpretações sobre este movimento.

²⁵ Sendo algo repetido frequentemente nos shows de bandas de *Punk rock* e até mesmo de outros estilos do Underground.

²⁶ Zine é junto da música Punk, a maior forma de expressão de um punk. Um zine pode representar um punk ou um grupo de punks. Geralmente são feitos para ampliar e divulgar o potencial artístico, pontos de vista e interpretações pertinentes para outros punks. Existem vários tipos de zines e cada um com seu segmento, estilo e características próprias. Também conhecido como Fanzine, que literalmente significa uma “revista de fã”. Pequenas publicações, feitas de modo artesanal a partir do “faça você mesmo”.

Ainda neste documentário, o depoimento do vocalista do *Mozzarellas*, relata a primeira vez que ele teve contato com algo relacionado ao Punk, foi uma pichação com a frase “*Punk rock, o som dos pobres*”. Essa relação do Punk com a periferia aparece em documentários, em livros, em zines e mesmo na própria música Punk.

Esse conceito de espaço *periferia* deve ser olhado de duas maneiras, a primeira social, como um espaço afastado do centro, com difíceis acessos e qualidade de vida relativamente inferior do que se comparada a uma região central. A periferia, também se aproxima do *Underground* pelas dificuldades de acessos e é com este viés que aproximo a periferia com a segunda leitura, próxima a um caráter cultural. Essa periferia é também um local que oferece atrativo e variedade, novos objetos e novas possibilidades, que podem ser consumidos, apesar de não serem os principais itens de uma vitrine ou mesmo não aparecerem frequentemente em propagandas, mas principalmente por não serem alcançadas com facilidade.



Figura 2 - Punk de Seis Braços

Fonte: Boletim Informativo do Centro de Cultura Social Antonio Martinez, edição única em 2008.

Retomando o relato sobre o documentário *Punk Roça*, cada entrevistado discorre sobre o Punk fornecendo várias visões e ideias sobre este movimento, chegando até mesmo a relacionarem suas histórias com a do próprio movimento, aproximando, narrando e descrevendo a cena da própria região encaixando a mesma dentro de algo muito maior, que é o Punk. Provavelmente esta tendência se repetiria em muitas outras entrevistas, pois cada punk compreende o Punk e suas dimensões de maneiras diferentes e particulares.

É possível adotar o Punk como algo sem um significado definido, uma vez que é um movimento em constante processo de mudanças, e uma de suas principais características é ser um Punk para cada punk, indicando que cada punk compreende este movimento da maneira como o vivencia²⁷. Compreendo o *Underground* da mesma maneira, pois este espaço é interpretado e aceito de formas diferentes para cada indivíduo que se relaciona com ele. O *Underground* assim como o Punk, por causa de sua variada gama de interpretações não é um conceito que pode ser demarcado ou definido, nesta dissertação Punk e *Underground* são trabalhados como conceitos mutáveis e possíveis de serem interpretados de diversas maneiras.

Estas colocações acentuam a impossibilidade de definir o movimento Punk e seus membros, e com isso destaco que para esta dissertação, vivências e interpretações – distorcidas por uma bibliografia – sobre este movimento vão guiar a análise sobre o mesmo. Toda a interpretação realizada sobre o Punk neste trabalho se deve a uma série de lembranças e influencias, para este trabalho destaco três figuras que exemplificam a maneira com que enxergo e interpreto o movimento Punk.

O desenho do *Punk de Seis Braços* (fig. 2) demonstra a maneira como compreendo alguns exemplos de atitudes Punks, e algumas das maneiras encontradas pelos punks, para se manifestar e ser reconhecidos enquanto punks. Na ilustração o punk desenhado possui seis braços, cada um representando as maneiras de se expressar e de se manifestar mais claras dentro do Punk.

Começo pelo item de maior promoção do Punk: a guitarra, capaz de destacar toda cultura musical Punk, muitas vezes marcada pelo ritmo acelerado e por letras de contestação social, caracterizando a música como a principal forma de propagação de ideias e opiniões do Punk e entre os punks, e também para aqueles alheios ou distantes do Punk.

²⁷ É importante interpretar o Punk como um movimento constituído por vários segmentos e ramificações constituídas a partir dos próprios punks e suas práticas.

Também é possível encontrar um vegetal, referente à sua vertente naturalista²⁸, não apenas contra a violência aos animais, mas também contra o desmatamento proporcionado pelas fazendas de criadores de gado. Tal escolha ilustra no modo de vida de muitos punks a opção de não se alimentar de alimentos industrializados.

Noutra mão podemos ver uma garrafa com um pano, em referência aos coquetéis *molotov*, representando uma posição clara contra o inimigo²⁹. Essa parte do desenho permite que pessoas alheias ao movimento e distantes dele por alguma razão, possam interpretá-lo como um conjunto de ações violentas, possibilitando a criação e propagação de uma imagem negativa do Punk perante os demais componentes da sociedade.

Visualizamos em outras mãos duas ferramentas: um martelo e um alicate de corte, indicando a prática *squatter*³⁰ que consiste em invadir construções abandonadas, e deixa-las habitáveis novamente e também torná-las frequentáveis, uma vez os *squatts* não sendo apenas uma moradia, mas também espaços culturais, aproveitados por pessoas que vivem nos arredores destas ocupações.

Na Europa essa prática é muito mais comum do que no Brasil. Em seu livro³¹, Quique Brown (2007) vocalista da *Leptospirose*³², relata como eles passaram por algumas destas ocupações na Alemanha. Para os punks e para aqueles que apóiam tais ocupações e as criações de coletivos que realizam atitudes do Punk, os *squatts* são mais do que um símbolo, mas também a comprovação da possibilidade da existência do modo de vida Punk baseado em seus ideais e cultura.

Ainda sobre os *squatts* Rudy (2010, p.2) afirma que: “O movimento *squatter* nascido na Europa na década de 1960 – envolto pelo fervor da contra cultura – propunha, enquanto

²⁸ Próxima de valores “saudáveis”, que se recusa a ingerir alimentos industrializados, tanto pelo mal ao organismo, quanto pela questão de mercado envolvida.

²⁹ Para um punk, qualquer um, que vá contra os ideais do Punk é um inimigo. Como veremos adiante, devido a proximidade do Punk com a contracultura, é possível enxergar esse inimigo como as culturas vigentes e absolutas em todas as sociedades.

³⁰ *Squatts* são ocupações de áreas abandonadas. Depois de ocupadas estas áreas são limpas e preparadas para receberem grupos de pessoas. As práticas sociais e culturais nestes espaços variam de *squatt* para *squatt*, mas de um modo geral a arte e a música sempre estão presentes nestes espaços.

³¹ Quique é vocalista de uma das bandas mais conhecidas de *Punk rock* da região de Bragança Paulista, em seu livro *Guitarra e ossos quebrados* ele conta como foi a turnê de sua banda pela Europa.

³² O *Leptospirose* é uma banda de Bragança Paulista, muito influente no cenário da música independente no Brasil. Com shows por todo o Brasil e rápidas passagens pela Europa, a banda é referência para muitas outras apegadas ao underground no Brasil.

alternativa à falta de moradia, a invasão de casas ou apartamentos fechados ou abandonados”, e trazendo esta história para o Brasil, Rudy (2010, p.8) narra o caso de Santa Catarina:

No Brasil o movimento *squatter* daria seus primeiros frutos na década de 1990. Enquanto primeira experiência de repercussão no Brasil tem-se uma ocupação realizada na capital do Estado de Santa Catarina. Um prédio composto de 15 cômodos, localizado na Alameda Adolfo Konder (próximo da Praça da Luz) seria ocupado em julho de 1993 por cerca de 10 anarco-punks, que almejavam criar ali um espaço alternativo destinado à produção cultural (o movimento anarco-punk, nascido das imbricações do punk dos anos 80, assimilaria as doutrinas anarquistas, dando às suas manifestações um conteúdo mais político). O prédio ocupado havia pertencido a várias associações entre elas a dos servidores da Santur (Santa Catarina Turismo). Visando utilizar somente parte do espaço, os jovens punks anarquistas almejavam servir de exemplo a outros grupos underground e de minoria, esperando assim, ver na ocupação uma miscelânea de atividades culturais.

O autor analisa a proximidade dos *squatts* com os ideais e práticas anarquistas da seguinte forma:

(...) Diante de toda uma descaracterização do ideal anarquista, por vezes tachado como desordem pelos meios de comunicação, os anarco-punks faziam questão de afirmar a força e criatividade do pensamento libertário enquanto intervenção urbana em busca de saídas ao sistema vigente, neste caso a constituição de um *squatt* que buscava tornar-se um espaço alternativo destinado a eventos e trabalhos que se colocavam na contramão do estabelecido (RUDY 2010, p.9).

E pondera que,

(...) Desta forma, a criação de um espaço alternativo era visto como uma possibilidade de por em prática as teorias libertárias, da autogestão, da solidariedade e da afronta aos valores do mundo capitalista, entre eles o da propriedade privada e da massificação cultural (RUDY 2010 p. 9).

A prática dos *squatts* é provavelmente a maior afronta do movimento Punk ao conceito de propriedade, e merece um olhar muito mais atencioso, por hora, deixo de lado os estudos sobre esta prática.

Retomando a descrição da figura, também encontramos um lápis, que representa a criatividade e a produção dentro do Punk, e seu potencial artístico para desenhos, músicas, poesia e para os zines. Gallo (2008) destaca a conquista da autoridade da palavra possível por meio das intervenções artísticas em lugares não autorizados, tendo como exemplo desenhos e grafismo nas pichações. Estas são características e observações notadas em zines de punks dedicados a produção de uma arte urbana e contestadora comuns desde os anos 1970.

Em contraposição aos grafites da década de 1970 – estes mais inclinados para ações políticas – as intervenções do Punk não eram feitas por intelectuais, nem atraíam o olhar dos

transeuntes. Os grafites eram feitos para chamar a atenção das pessoas, para que reparassem nos desenhos, feitos por punks preocupados em atingir esses espectadores. Geralmente nas pichações e grafites contemporâneos a linguagem é mais áspera com críticas direcionadas ao Estado, as autoridades associadas a uma elite econômica.

As intervenções artísticas como grafites, pichações com mensagens e simbolismos, a distribuição dos zines e a própria caracterização do Punk nos espaços urbanos até hoje continuam sendo uma provocação para quem as vê e enquanto uma provocação também representa uma forma de expressão utilizada pelos punks.

Ainda sobre a ilustração acima, outros elementos que não estão nos braços do punk desenhado, mas em seu corpo, são a jaqueta e a camiseta. A primeira com as tachinhas, muito comuns no vestuário agressivo dos punks, já a camiseta estampada com o símbolo da anarquia, representa a ideologia que os punks escolheram.

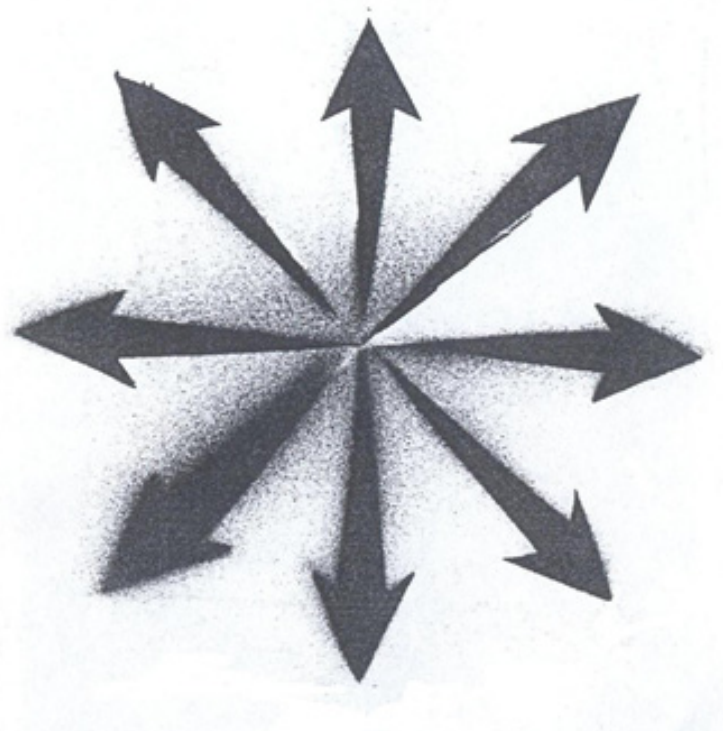


Figura 3 – Setas das Ramificações.

Fonte: Zine de poesia marginal: La Poema – Ramificações.

Outro símbolo, intitulado nessa dissertação como “*Setas das Ramificações*” (fig.3), adotado por grupos de punks pode ser relacionado diretamente com aquele punk ilustrado na

figura anterior (fig.2), pois as setas representam as múltiplas direções, formas de ação ou mesmo práticas adotadas pelos punks, representam os caminhos que os punks podem tomar para realizarem suas vivências a partir da ideia carregada pela frase “faça você mesmo”, que fundamenta esta vivência e atitude dentro do Punk, ou seja, esta imagem explicita que o Punk possui muitos meios para provocar a sociedade a sua volta.

Dentro do Punk esse ideal existe por duas razões: Em primeiro lugar porque os adeptos desta filosofia acreditam que ninguém vai fazer por eles. Outro ponto é que esse ideal dá força ao movimento, pois o Punk começou a se movimentar sozinho para se organizar, crescer e se preservar, uma vez que isso não iria acontecer com nenhuma fórmula mágica. Esta é uma postura transformada em um ideal de vida por muitos punks. Esse ideal, é também um princípio associado ao anarquismo e vários outros movimentos anti-consumistas, principalmente pelos punks.

De certo modo podemos compreender a relação entre estes símbolos punks como seu potencial de ação ou mesmo de expressão, como algo plural e caótico, capaz de atacar o que enxerga de errado em todas as direções possíveis, apresentando elementos originários da contracultura, e essa característica Punk de poder realizar várias ações de diversos tipos, é algo que alimenta uma imagem de resistência do movimento, uma vez que não importa de que lado venha esta ou aquela imposição, o movimento vai tentar contornar esse problema – mesmo o simples e doloroso ato de ignorar já seria uma resposta a ser dada pelos punks, pois a simples participação deles se torna um elemento para a pluralidade destas ações.

As figuras 2 e 3 se completam, e ajudam a explicar aquele exemplo do *Pogo* citado anteriormente. O Punk, como movimento contestador, adotou todo um conjunto de práticas, influenciadas pelos anarquistas e por outros grupos contraculturais, proporcionando para seus membros, não apenas um caminho, ou uma maneira de enfrentar aquilo que consideram errado, mas várias maneiras de se impor. Provavelmente essa criatividade voltada para as ações de enfrentamento caracterizam o Punk como um movimento plural e ao mesmo tempo que segue uma ordem se comporta como algo caótico – isso tendo como base todo o conjunto bibliográfico utilizado na escrita deste trabalho – Os punks e suas formas de ação constituem a partir de um anseio por transformações, um movimento social, contestador, plural, capaz de se adaptar aos seus membros ao mesmo tempo que os influencia ideologicamente. Gerando dessa maneira uma relação de dependência mútua.

Todo movimento necessita de uma determinada participação de seus membros, motivada pelos interesses comuns e formas de ação determinadas com propósitos específicos, inclusive porque é esta participação que mantém o movimento vivo e ativo, e esta participação em muitos casos acaba criando determinadas imagens e discursos absorvidos de diferentes maneiras por pessoas que estão dentro do movimento ou alheias a ele.

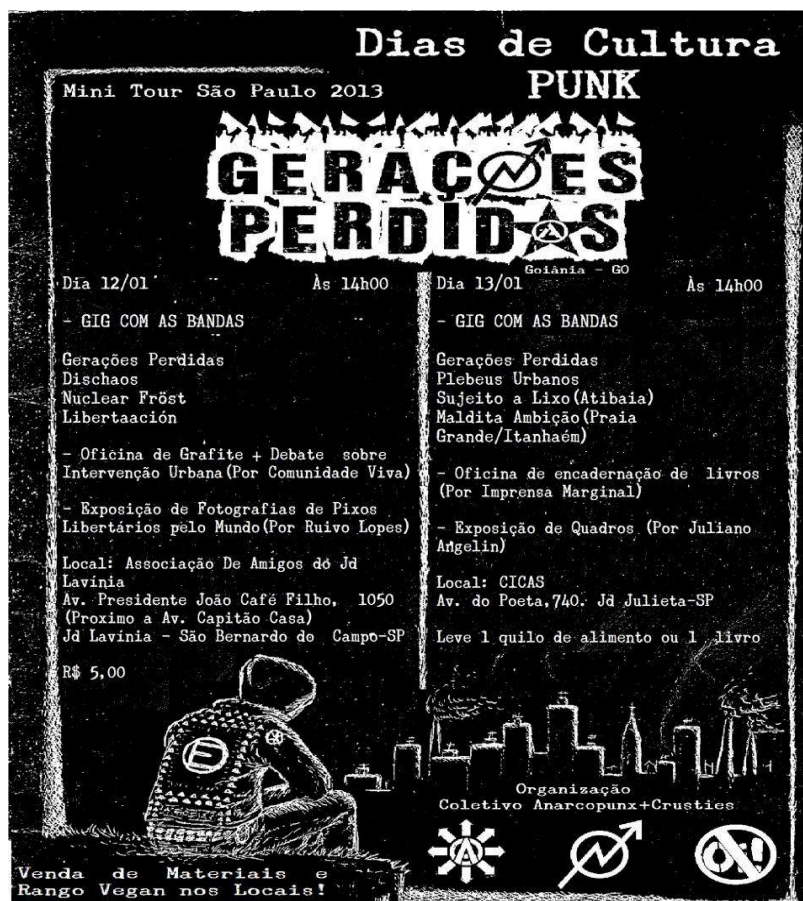


Figura 4 - Cartaz de evento Punk difundido em redes sociais e internet

Fonte: <http://www.facebook.com/GeracoesPerdidas>

Atualmente muitos punks percebem a internet como uma poderosa ferramenta para se comunicarem, compartilharem vivências, divulgarem músicas e eventos, além de se expressarem. Existem sites que constroem acervos digitalizados de zines, como por exemplo o *Punks is Hippies*³³, e também sites e páginas de grupos punks – alguns em redes sociais – que

³³ Disponível em: <<http://punksishippies.blogspot.com.br/>>

publicam textos contestadores, divulgam vídeos associados à realidade deles. A imagem apresentada na figura 4, destaca um evento da cultura Punk, divulgado em sites e redes sociais.

Muitos punks conheceram o movimento Punk a partir de materiais publicados em sites e fóruns na internet, segundo Turra (2009) os punks da cidade de Guarapuava conheceram o movimento a partir de shows e eventos que aconteceram na cidade numa época em que a internet facilitou o acesso daqueles jovens a bandas e ideias relacionadas com o movimento Punk anos após ele ter se perpetuado em São Paulo – fato que indica uma contestação por parte de simpatizantes do *Underground*, pois nesse caso, se a internet disponibiliza determinado material e qualquer um com acesso à rede pode alcançar aquele material, ele já não pode ser considerado como *Underground*³⁴ – a internet também atuou como um veículo de propaganda dos punks e ajudou o movimento a alcançar novos espaços e territórios, ajudando a surgirem novas vivências dentro do Punk. Outro ponto que pode ser pensado a partir do texto de Turra (2009) é que regiões interioranas e afastadas dos grandes centros demoraram em receber o movimento Punk tanto pelo acesso aos materiais e as ideias quanto por um preconceito enraizado naquele tipo de sociedade.

Outros punks procuram usar a internet (fig.4) para espalhar suas opiniões contestadoras ou mesmo em busca de ser de fato um vírus naquela sociedade digital que influencia diretamente a sociedade real.

Assim, é possível compreender que a arte do movimento Punk, em seus corpos, em espaços públicos, e principalmente na música, é a principal arma de resistência contra o modelo de cultura e vivência existente nos grandes centros urbanos contemporâneos, e aceito pela sociedade que apresenta estranhamento a novos conceitos, atitudes e tendências culturais. Existe um pouco de arte, embora seja antiarte, em tudo aquilo que os punks fazem, pois suas atitudes não são para dizer "olha como ficou bonito", os punks tendem a realizar esta ou aquela vivência, pois aquilo é uma manifestação do que está dentro dele.

Estudo de Craig O'Hara (2005, p36) aponta que:

(...) O punk pode ser definido como uma forma de arte que envolve também teorias políticas. Os punks levaram a mensagem de antiarte, inicialmente produzida pelos dadaístas e futuristas, para seu visual ultrajante. Entretanto diferente destes movimentos artísticos o punk ultrapassou a tática do choque com o visual que o distingue de uma

³⁴ Os sentimentos relacionados a um grupo tendem a gerar ações de segregação, para preservar as características que diferenciam aquele grupo, no caso brevemente abordado, parte da cena *Underground* originalmente exclusiva de alguns, quando acessível para todos corre o risco de ser banalizada ou corrompida, gerando algumas vezes certo incomodo naqueles que buscam preservar suas características.

mera tendência de moda (...). Embora ainda seja importante, o choque com o visual é hoje suplantado pelo choque com as ideias, sobretudo pela adesão predominante de seus membros ao anarquismo de alguma forma.

Isso também pode ser diretamente relacionado com o potencial contracultural existente no movimento Punk – está diretamente relacionado com o potencial provocativo e contestador deste grupo. Se analisarmos o texto que é apresentado na imagem “Cartaz de evento Punk difundido em redes sociais e internet” (fig. 4), podemos destacar que há uma preocupação em evidenciar o potencial contracultural dentro do movimento Punk.

A vertente artística do Punk que merece destaque é a musical, uma vez que o Punk utiliza de sua música de ritmo acelerado como uma ferramenta não somente para difundir seus ideais e questionamentos para outros punks – e interessados nas músicas – criando hinos, onde abordam sua leitura da realidade em que vivem. Essa apego à música pelos punks também observado na análise de Abramo (1994, p.66):

Boa parte da diversão destes jovens tem na música um dos seus principais elementos, seja para ouvir, para dançar ou tocar. A música está presente e acompanha quase todos os momentos de lazer: o tempo em que fica sozinho em casa, o encontro com os amigos, as festas e, principalmente, os bailes. Às vezes, a música também acompanha o tempo de trabalho, sempre que isso é possível, como em algumas lojas e em alguns serviços de apoio. Discos e fitas são um dos principais elementos de consumo.

Muitas bandas de *Punk rock* foram formadas com poucos recursos, era comum conseguirem os instrumentos e cada um começava a tocar a sua maneira, bem desordenado, dando origem a um som caracterizado por sua agressividade. Um dos objetivos das primeiras bandas de *Punk rock* é fazer as pessoas de fora do movimento se incomodar e pensar: “*isso é barulho, destruição ou anti-música*”³⁵.

A importância da música Punk é tão grande, que para os membros do movimento, enquanto tiver uma banda *Punk rock* tocando em uma garagem junto de outros punks o movimento Punk se perpetua, pois ali estão discutindo, contestando, criando e protestando por não desejarem fazer parte do jogo social. Sua música é em grande parte, o principal alimento do Punk e seus ideais. São esses pequenos eventos que tornam o Punk algo infinito – através de seu ideal máximo: o “*faça você mesmo*” – enquanto existirem jovens que vivem às margens da sociedade, descontentes e que estão contestando a sociedade, esse jovem vai ser um punk, pode

³⁵ No sentido de que o pop é legal e o punk quer dar porrada.

não se vestir ou ouvir a mesma música, isso é indiferente, ele é um punk. O movimento não existe sem a banda e essa não existe sem os que estão participando em comum.

O'Hara (2005) resume o objetivo dos punks em uma frase: “O objetivo desses punks era expressar sua fúria de uma maneira áspera e original” (p. 32), esta frase permite pensar que a música Punk foi arquitetada de uma maneira que aproximasse os punks de um ideal comum, ou seja, a fúria contra uma sociedade – ou várias – conformada e submissa, mas esta fúria não poderia ser expressa de qualquer maneira, essa fúria deveria conter aspectos de aspereza, rancor e desespero, e isso é transmitido na música Punk através das letras cantadas com berros, dos *riffs* distorcidos das guitarras e contra baixos frenéticos, além de toda a fúria das baterias, todos juntos num ritmo musical acelerado.

Os punks, atrelados ao *Underground* não tem como principal objetivo venderem suas bandas e suas músicas para o *Mainstream* ou para grupos alheios ao movimento, e para muitos punks os músicos punks e as bandas que se vendem são vistos como traidores³⁶ do movimento.

O'Hara (2005) afirma que o rock é uma parte da indústria e todas as suas subdivisões indiretamente podem alimentar essa indústria, e isso indica que o potencial de protesto do *rock'n'roll* – todo o *rock'n'roll* – é falho a partir dessa relação com a mídia, e também pelo objetivo do *rock'n'roll* de apenas entreter seus fãs.

A subcultura do *rock'n'roll* tem sido instável e complicada de definir. Parece idealístico que o rock – que começou vários anos antes de Elvis Presley e continua existindo em vários formatos até hoje – tenha tido um objetivo maior do que entreter. Jovens rebeldes têm sido atraídos por esses formatos variados ao longo de quatro décadas, mas, como um todo, o rock tem sido apenas outra parte da indústria do entretenimento em constante crescimento (O'HARA 2005, p.30).

Vale destacar também que os punks construíam uma imagem que chegava a gritar “não cruze meu caminho, não se meta comigo” – seria mais fácil para o Punk adotar um estilo “olá, vamos conversar?”, mas para os punks isso não teria a menor graça ou sentido, pois para um punk, a luta contra tudo o que está errado é algo urgente, que precisa ser posto em prática – e com esse visual agressivo, as pessoas se afastavam do Punk.

Essa forma de ação, construtora de uma determinada imagem é explicada por Abramo (1994, p.105) da seguinte maneira:

³⁶Um exemplo famoso é o caso do vocalista João Gordo, da banda Ratos de Porão. Disponível em: <<http://www.sistemampa.com.br/radio94/>> por-falam-que-o-joao-gordo-do-ratos-de-porao-traiu-o-movimento-punk/

A atuação do punk consiste, então, em primeiro lugar, na montagem de uma identidade distintiva que se expressa através de um estilo de aparecimento, que se apresenta como uma alternativa de diversão e também como uma denúncia, uma fala colérica, um ‘grito suburbano’. É um fazer expressivo que está na composição de uma máscara, no estilo de aparecimento, na produção de uma música, no próprio movimento de deslocamento pelas ruas em bandos nervosos e assustadores, na deflagração de interferências – como diz Caiafa – na produção de um choque. O centro do significado é a própria ideia de atuar, de fazer alguma coisa, mostrar-se ativo, afirmar uma presença que expresse insatisfação e não-aceitação do ‘estado das coisas’.

É importante destacar que muito mais que um estilo musical o termo “*Punk*” engloba uma diversidade de elementos que se mesclam e influenciados pelo princípio de autonomia “*do-it-yourself*”, acrescidos de doses de rebeldia, radicalismo, agressividade, pessimismo quanto ao mundo, rejeição à passividade e não aceitação da cultura vigente, características frequentemente encontradas no meio *Underground*.

O movimento Punk revelou uma cultura marginal e transgressora, que se consolidou nas ruas com a formação de tribos que comungavam de seus costumes e ideologias.

De acordo com Abramo (1994, p.103):

O estilo punk produz-se como um arranjo que se articula em torno de elementos opostos aos conceitos imperantes nas modas correntes. Constrói-se sobre aspectos puramente negativos: indigência, desarmonia e materiais desvalorizados, de pouca qualidade. Essa estética opera um conceito particular de beleza, partilhado pelo grupo. Dessa forma os punks colocam-se na posição contrária à massa que quer apagar os sinais de sua condição através da tentativa de seguir a moda dos shoppings, da ‘juventude dourada’ a fim de obter o ‘passe de circulação’.

Complementando o autor explica que:

A construção de um estilo assim diferenciado pode ser vista como crítica a imposição da moda, à valorização da roupa como sinal de status, ao mesmo tempo em que confirma a noção de sua força para a definição das identidades sociais. É uma forma de tentar escapar ao seu jogo, sair da corrente dos que procuram segui-la, fazer uma moda própria fora do esquema industrial, construindo um modo próprio de se vestir que, por meio da diferença e da espetacularidade, torna-se expressivo de um desejo de oposição ao padrão vigente. (ABRAMO 1994, p.104)

Muito desta cultura contestadora do Punk pode ser encontrado em seus zines, onde são apresentadas discussões sobre a Anarquia, sobre a sociedade, poesias, indicações de filmes, livros e músicas, além de expressões artísticas, tudo isso produzido por punks a fim de atingirem e se comunicarem com outros punks.

1.1 Dos porões da década de 1970 ao cenário brasileiro

“O que é interessante a respeito dessa moda, é que, desde o início, ela não era vista simplesmente como mais uma, e talvez monstruosamente deplorável, onda de música pop, mas como um símbolo, um movimento – de qualquer maneira, algo importante. Os moralistas é claro declararam guerra imediatamente, como sempre mostrando uma fantástica incapacidade de resolver se sua objeção estava na associação com o submundo ou com as classes inferiores”³⁷ (HOBSBAWN 2009, p. 98).

Essinger (1999) relata que a cidade de São Paulo sofreu uma invasão dos chamados *punks de boutique*³⁸ em 1984, e essa tendência de moda Punk, que transformava todo o visual influenciado pelos *Sex Pistols* foi apropriado por grupos sociais que não tinham nada a ver com o verdadeiro movimento Punk. Estes grupos além de não sofrerem abusos policiais, levaram o Punk para dentro de lojas e danceterias de bairros nobres.

Nesse momento o movimento Punk passa a deixar essa evidência de lado, e se volta para o *Underground*, também importado da Europa e dos Estados Unidos. Agora a verdadeira cena, pertenciam aos verdadeiros punks, fiéis ao movimento e sua cultura. “Com o dismantelamento do movimento Punk em São Paulo, a partir de 1984, aqueles garotos do subúrbio que haviam experimentado a dor e a delícia de estar em evidência se viram na contingência de refazer seus planos” (ESSINGER, 1999. p.167).

No início dos anos 1990, num cenário musical global, o *Punk rock* perdeu a atenção que recebia da mídia, dentro do universo do rock, para novos movimentos musicais como o *Heavy metal*, o *Hardcore* e o *Grunge*³⁹ que nascia em Seattle. Através da história do Punk é possível compreender como esse movimento se desenvolveu e como *Underground* e *Mainstream* cercam o Punk, e como estes se relacionam e ao longo de sua história⁴⁰.

³⁷ Através deste recorte do historiador Eric Hobsbawn, podemos perceber, que mesmo distante do Punk, o Jazz, por ser um movimento cultural chocante, também foi rotulado e perseguido por uma camada da sociedade que o aproximava de grupos marginais.

³⁸ Aqueles que se vestem como punks, cortam e pintam o cabelo como punks, ouviam as mesmas músicas que os punks, mas fazem isso apenas por uma questão de imagem e não de identidade.

³⁹ Outro movimento de contestação social. Teve seu grande momento na década de 1990 com bandas como *Nirvana* e *Alice in Chains*.

⁴⁰ Outros movimentos sociais, culturais, urbanos, jovens, entre muitos outros se relacionam com o *Underground* e o *Mainstream*, mas para este trabalho, preservamos o olhar apenas sobre o movimento Punk.

Não se sabe ao certo o local⁴¹, mas o ano de 1974 foi marcado pelo nascimento do movimento Punk. Existe uma rivalidade interessante entre londrinos e nova iorquinos sobre a origem do Punk, isso porque cada um destes reclama para si a origem do mesmo. Cada lado expõe seu ponto de vista histórico neste debate, entretanto, vale destacar que a cultura Punk, enquanto fenômeno musical, comportamental e visual, se originou a partir da troca de experiências e do câmbio de materiais punks em cenários *Underground*, ou seja, mesmo com um debate sobre o local de nascimento do Punk, é impossível afirmar com precisão em qual destas cidades surge este movimento devido a esta troca de informações e materiais entre os punks.

Na obra *Mate-me, por favor*, os depoimentos citados abaixo se revelam fundamentais na construção de uma cronologia do movimento Punk. Com este material⁴², nesta dissertação tomamos como ponto de partida que o movimento Punk surge nos Estados Unidos e depois graças a um intercâmbio cultural, aparece em Londres.

Dava pra sentir o mundo realmente se movendo e balançando naquele outono de 1976 em Londres. Senti que o que a gente tinha feito como piada em Nova York fora levado a sério na Inglaterra por uma plateia mais jovem e mais violenta. E que, de alguma forma, na tradução, aquilo tinha mudado, tinha acendido alguma coisa diferente.

O que pra mim tinha sido uma cultura rock muito mais adulta, intelectual e boêmia em Nova York, se tornara essa coisa louca adolescente na Inglaterra. Lembro de ter ido ver o Damned, que achei terrível, tocar naquele verão. Eu estava usando minha camiseta da revista punk e fui cercada. Quer dizer, não tenho como descrever a recepção que tive. Todo mundo ficou muito empolgado por eu estar usando uma camiseta que dizia “Punk”.

Fiquei sem palavras.

Lá estava eu no backstage, e havia milhares de garotinhos, como monstros de pesadelo, sabe como é, pequenos espíritos malignos com os cabelos pintados de vermelho cintilante e rostos brancos. Todos estavam usando correntes e suásticas e coisas fincadas nas cabeça, e fiquei pensando: “Oh meu Deus, o que a gente fez? O que a gente criou?”.

Era como se a gente tivesse feito uma coisa – e de repente ela virasse outra que a gente não pretendia ou esperava. Acho que o punk inglês era muito mais volátil e mordaz – e mais perigoso (Depoimento de Mary Harron, na obra *Mate-me, por favor*. Vol. I. p. 27).

O punk começou nos anos sessenta com bandas de garagem como Seeds, Question Mark e Mysterians. Punk é apenas o bom rock & roll básico, com riffs bem bons – não é como boogie rock. Não é uma música muito enfeitada e intrincada – não tem sintetizadores, é apenas

⁴¹ A historiografia do Punk é um tanto nacionalista. As vertentes, inglesa e estadunidense defendem cada uma a sua própria versão.

⁴² Não foi realizada uma pesquisa profunda sobre os depoimentos existentes sobre o lado dos ingleses neste caso.

rock básico dos anos cinquenta e começo dos sessenta (Depoimento de Nancy Spungen na obra *Mate-me, por favor*. Vol I. p. 49).

A única coisa que fazia a música diferente é que a gente estava levando as letras onde elas nunca tinham chegado antes. A coisa que faz a arte interessante é quando um artista tem uma dor incrível ou uma fúria incrível. As bandas de Nova York estavam muito mais na dor, enquanto as bandas inglesas estavam muito mais na fúria. As canções dos Sex Pistols eram escritas a partir da raiva, ao passo que Johnny escrevia canções porque estava com o coração partido por causa de Sable (...) (Depoimento de Eliot Kidd no livro *Mate-me, por favor*. Vol. I. p. 49).

Nesta parte da dissertação, procuro apresentar algumas bandas importantes para o surgimento do Punk⁴³, resultado dos espetáculos promovidos pelo Rock durante os anos 1970, e sobre estes acontecimentos, livros, reportagens, zines e documentários debruçam-se sobre a polêmica da origem do Punk, pois pessoas que constituíam este cenário *rock'n'roll* britânico e norte americano, deram origem a bandas, recitais de poesias, frequentar bares que tinham como características apresentarem peças de teatros e shows diversificados⁴⁴.

Pensando o movimento *Hippie* como uma espécie de “*pré-Punk*”, observamos alguns elementos comuns, como a existência de comunidades alternativas – que provavelmente possibilitou o surgimento do sentimento de *comunidade* entre os jovens de mesmas tribos e grupos urbanos – o Apego a um determinado estilo musical capaz de representar aquele movimento e o anseio por provocar a ordem estabelecida.

Graças a este “primeiro passo” dado pelos hippies, surge uma nova maneira de interagir com a sociedade, possibilitando um distanciamento parcial do modo de vida padronizado, adotado pela sociedade de consumo. Surgia neste momento, um novo estilo de vida, marcado por bandas, responsáveis por músicas, que não exigiam bons músicos para executá-las.

A considerar as fontes adotadas neste estudo é seguro afirmar que o Punk nasceu nos Estados Unidos a partir da influência e atuação de bandas como *MC5* e *The Stooges*, a segunda envolvida indiretamente com Andy Warholl⁴⁵ e seu círculo de amizades. Andy apoiou financeiramente a banda *Velvet Underground* e ilustrou a capa de seu álbum intitulado *The Velvet Underground & Nico*.

⁴³ Algumas delas, surgiram antes mesmo do movimento Punk.

⁴⁴ A música não era o único atrativo, e a grande variedade atraía grandes públicos.

⁴⁵ Em “*Mate-me por favor*”, uma das obras que narram a história do movimento Punk, Andy é citado com frequência. Andy Warholl foi uma artista que se envolveu de diversas maneiras com o meio *Underground* dos Estados Unidos daquele período. Andy aparece como um incentivador e um padrinho do novo estilo que surgia.

Quando Andy Warhol deslizou Bizarre Café adentro com toda a sua turma deu pra ver que ele ficou hipnotizado no ato. Imagem era tudo, e o Velvet Underground com certeza tinha uma. Eu não conseguia acreditar que aquela turistada toda estava lá sentada tomando uma champanhota e ouvindo os Velvets falando de heroína e S&M. Tenho certeza de que a platéia não tinha a menor idéia do que se tratava, porque as letras eram totalmente indecifráveis. Mas pensei: ‘Isso é demais!’ (Depoimento de Rosebud no livro *Mate-me por favor*. Vol. I. p. 17).

A *Velvet* iniciou sua carreira em meados de 1965, e chamou a atenção de grandes gravadoras que planejavam comercializá-la devido ao seu estilo, que influenciou o meio *Underground* existente paralelo ao cenário construído pelo *rock'n'roll* e pela quantidade de pessoas que iam as suas apresentações.

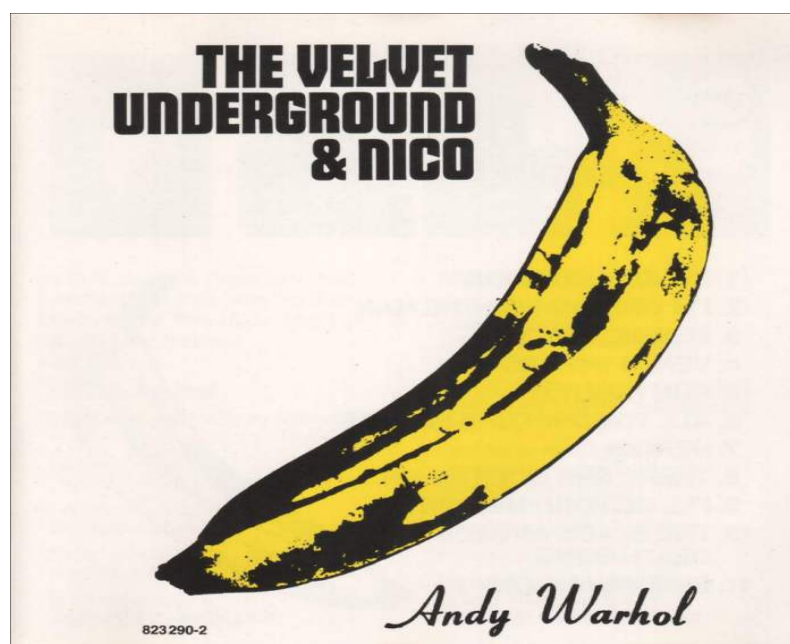


Figura 5 – Capa do disco do Velvet Underground desenhada por Andy Warhol.

Fonte: <http://bettylivin.com/2012/06/07/rewind-button-the-velvet-underground-and-nico-the-velvet-underground/>

As letras da *Velvet* falavam do cotidiano *junkie*⁴⁶ adotado pela banda. Outra coisa que chamava a atenção na *Velvet* eram as roupas que usavam no palco – como revela a figura 6 – sempre muito espalhafatosas, mas depois que passaram a ser produzidos por Andy Warhol

⁴⁶ *Junkie* é um termo utilizado para descrever pessoas com vícios em vários tipos de alucinógenos. Esse lado *Junkie* de certo modo nunca se separou completamente do Punk.

passaram a usar roupas pretas, em contraste aos vídeos que eram projetados no palco sobre a banda, realçando o caráter *junkie*, em canções como “*Run, run, run*”.



Figura 6 – Andy Warhol e os integrantes do Velvet Underground.

Fonte: <http://www.prefixmag.com/news/the-velvet-underground-named-best-new-york-band-of/63955/>

THE VELVET UNDERGROUND – RUN RUN RUN⁴⁷

*Teenage Mary said to Uncle Dave
I sold my soul, must be saved
Gonna take a walk down to Union Square
You never know who you're gonna find there*

*You gotta run, run, run, run, run
Take a drag or two
Run, run, run, run, run
Gypsy Death and you*

⁴⁷ “A jovem mary disse ao tio dave/ Eu vendi minha alma, preciso ser salva / Vá dar uma volta na union square / Você nunca sabe quem vai encontrar lá / Você tem que correr, correr, correr, correr, correr / Leve um ou dois consigo / Correr, correr, correr, correr, correr / A cigana da morte e você / Dizendo-lhe o que fazer / Marguerita passion teve que injetar sua dose de narcótico / Ela não estava bem, estava ficando enjoada / Foi vender sua alma, e estava sóbria / Não sabia, pensou que poderia comprá-la / E ela poderia correr, correr, correr, correr, correr / Arrastando dois ou mais consigo / Correr, correr, correr, correr, correr / A morte cigana e você / Dizendo-lhe o que fazer / Sarah, que sofre de enjôo do mar, tinha um nariz dourado / Botas com tachas entre seus dedos / Quando ela ficava triste, todos os anjos gritavam / Eles não sabiam, não poderiam interpretar / Ela teve que correr, correr, correr, correr, correr / Arrastando dois ou mais consigo / Correr, correr, correr, correr, correr / A morte cigana e você / Dizendo-lhe o que fazer / Beardless harry, que desperdiço / Não podia ao menos ter um sabor de cidade pequena / Andando com seu carrinho de mão pela rua 47 abaixo / Imaginando se era bom demais para pertencer ao paraíso / Pois ele teve que correr, correr, correr, correr, correr, correr / Arrastando dois ou mais consigo / Correr, correr, correr, correr, correr / A morte cigana e você / Dizendo-lhe o que fazer

Tell you whatcha do

*Marguerita Passion had to get her fix
She wasn't well, she was getting sick
Went to sell her soul, she wasn't high
Didn't know, thinks she could buy it*

*And she would run, run, run
Take a drag or two
Run, run, run, run, run
Gypsy Death and you
Tell you whatcha do*

*Seasick Sarah had a golden nose
Hobnail boots wrapped around her toes
When she turned blue, all the angels screamed
They didn't know, they couldn't make the scene*

*She had to run, run, run, run, run
Take a drag or two
Run, run, run, run, run
Gypsy Death and you
Tell you whatcha do*

*Beardless Harry, what a waste
Couldn't even get a small-town taste
Rode the trolleys down to forty-seven
Figured he was good to get himself to heaven*

*'Cause he had to run, run, run, run, run
Take a drag or two
Run, run, run, run, run
Gypsy Death and you
Tell you whatcha do⁴⁸*

Estas características da *Velvet* eram consideradas estranhas em relação ao padrão de música da época, principalmente em relação ao movimento hippie. A *Velvet* e outras bandas vanguardistas inovaram na forma de tocar os instrumentos e compor suas músicas, com isso passaram a ganhar cada vez mais espaço e reconhecimento no cenário norte americano.

Enquanto a gente estava falando com o Lou Reed, os Ramones entraram no palco, e foi uma cena espantosa. Quatro caras completamente furiosos de jaqueta de couro preta. Foi como se a Gestapo tivesse entrado na sala. Aqueles caras definitivamente não eram hippies.

⁴⁸ Retirado do site: <http://letras.mus.br/velvet-underground/113637/traducao.html>

Daí fizeram a contagem pra uma canção – “UM, DOIS, TRÊS, QUATRO!” – e a gente foi atingido por aquela rajada de barulho, você recuava fisicamente com o choque, como numa ventania, e, antes que você sequer pudesse entrar no embalo, eles paravam.

Aparentemente cada um estava tocando uma canção diferente. Os Ramones tiveram uma minibriga no palco. Estavam tão completamente de cara um pro outro que atiraram as guitarras no chão e saíram batendo os pés.

Foi espantoso. Na verdade foi como ver algo começar. Lou Reed estava na mesa rindo (Legs McNeil. mate-me 267).

A influência destas bandas resultou no surgimento das primeiras bandas de *Punk rock*, atingindo sua máxima expressão com os *Ramones* nos Estados Unidos, por outro lado, a corrente britânica defende que as bandas de *Punk rock* britânicas já faziam shows nos porões londrinos, mas que – injustamente para alguns – ganharam fama somente após a explosão Punk conhecida como *Sex Pistols*, à banda de *Punk rock* que mais chamava a atenção dos punks na metade da década de 1970. Esse embate que discute o surgimento do Punk está longe de acabar, e isso está refletido em documentários, livros, opiniões de ícones do movimento, revistas e outras fontes de informação constantemente produzidas.



Figura 7 – Cartaz de show dos Ramones no CBGB.

Fonte: <http://recordmecca.com/item-archives/ramones-1975-cbgb-handbill-earliest-press-kit/>

RAMONES – POISON HEART⁴⁹

*No one ever thought this one would survive
 Helpless child, gonna walk a drum beat behind
 Lock you in a dream, never let you go
 Never let you laugh or smile, not you.*

*Well, I just want to walk right out of this world,
 'Cause everybody has a poison heart
 I just want to walk right out of this world,
 'Cause everybody has a poison heart.*

*Making friends with a homeless torn up man
 He just kind of smiles, it really shakes me up.
 There's danger on every corner but I'm okay
 Walking down the street trying to forget yesterday.*

*Well, I just want to walk right out of this world,
 'Cause everybody has a poison heart.
 I just want to walk right out of this world,
 'Cause everybody has a poison heart,
 a poison heart, a poison heart, a poison heart ... yeah!*

*You know that life really takes its toll
 And a poet's gut reaction is to search his very soul
 So much damn confusion before my eyes,
 But nothing seems to phase me and this one still survives.*

*I just want to walk right out of this world,
 'Cause everybody has a poison heart.
 I just want to walk right out of this world,
 'Cause everybody has a poison heart,
 Well, I just want to walk right out of this world,
 'Cause everybody has a poison heart.
 a poison heart, a poison heart, a poison heart.
 a poison heart, a poison heart, a poison heart, a poison heart⁵⁰.*

⁴⁹ Retirado do site: <http://letras.mus.br/ramones/68380/traducao.html>

⁵⁰ *Coração Envenenado / Ninguém pensou que este sobreviveria/ Criança infelizes, sempre a um passo atrás / Prendo-te em um sonho, e nunca a deixarei escapar / Nunca deixarei rir ou sorrir, você não / Eu só quero ir embora deste mundo/ Pois todos têm um coração envenenado/ Eu só quero ir embora deste mundo / Pois todos têm um coração envenenado / Fazendo amizades com um mendigo em farrapos / Cheio de sorrisos e gentilezas, realmente me comove / Há perigo em cada esquina mas estou indo bem / Andando pelas ruas tentando esquecer o passado / Bem, só quero ir embora deste mundo/ Pois todos têm um coração envenenado / Eu só quero ir embora deste mundo / Pois todos têm um coração envenenado / Um coração envenenado, um coração envenenado, um coração envenenado. yeah! / Sabe, a vida cobra mesmo o seu preço/E a reação corajosa de um poeta é se encontrar / Há muita confusão perante meus olhos, / Mas nada mais me perturba e este aqui vai perdurar / Eu só quero ir embora deste mundo / Pois todos têm um coração envenenado/ Eu só quero ir embora deste mundo/ Pois todos têm um coração envenenado / Eu só quero ir embora deste mundo / Pois todos têm um coração envenenado / Um*

Após seu surgimento, o interesse da mídia se voltou para estas bandas e passou a seguir cada passo de seus integrantes, o que contribuiu para popularizá-los tornando o *Sex Pistols* e o *Ramones* em produtos extremamente rentáveis. Esta publicidade sobre a rotina destas bandas serviu para difundir como nunca o estilo Punk, através das imagens e dos ícones criados pela mídia.

Na história do Punk, o papel, a abrangência, a mídia e o mercado que o *Sex Pistols* possuía foram fatores decisivos na propagação de um estilo e de um visual Punk, que posteriormente apresentou os ideais deste movimento aos novos punks. Devido a esta divulgação midiática o *Sex Pistols* incentivou muitas bandas de *Punk rock* no Brasil a criarem e divulgarem seus *riffs*⁵¹ e suas mensagens difundindo os ideais do Punk a partir de seu maior ideal “*do-it-yourself*”, ou o *faça-você-mesmo*.

A música é uma de suas formas de protesto, de divulgar a sua ideologia, através de um som simples e direto, que abordam letras coerentes com temas políticos, envolvendo a “realidade incógnita”, é um som pouco comercial, a palavra “fama” é estranha à essência do *Hardcore*⁵², pois não tem afinidade alguma em produzir lucro.

Muitas dessas atitudes originadas no cenário *Underground* contribuíram para o que posteriormente seria identificado como Punk. No entanto, não eram apenas as bandas que mudavam e influenciavam essas mudanças de estilo no início da década de 1970, o público que absorvia este universo estava interessado em criar um estilo próprio que as diferenciasse das demais, sendo assim, existiam outras formas de manifestações artísticas que agitavam esse mundo como a poesia e o teatro, e dessa maneira outros poetas, novas bandas, e todo um novo leque de artistas que faziam parte deste cenário underground foram fundamentais para quebrar uma série de valores socioculturais e musicais e serviram para causar impacto do mundo.

O movimento Punk surgiu graças a essa série de quebras de valores, e também por causa de uma nova maneira de se fazer arte em contrapartida ao fim do movimento *Hippie* enquanto movimento contracultural e de identificação. O ano de 1977 marca a chegada do Punk no Brasil. Era período de Ditadura Militar, época da chamada Distensão, um lento movimento de

coração envenenado, um coração envenenado, um coração envenenado / Um coração envenenado, um coração envenenado, um coração envenenado, um coração envenenado, um coração envenenado.

⁵¹ *Riff* é o som repetitivo produzido geralmente por instrumentos de corda. No caso do *Punk rock*, eram principalmente as guitarras. Um *riff* é conhecido por uma sonoridade marcante e responsável por caracterizar esta ou aquela música.

⁵² *Hardcore*, também pode ser compreendido como um estilo ou comportamento apegado a uma postura contestadora, agressiva e urbana.

retomada da democracia no país. Por ainda ser um momento de opressão na história brasileira, uma vez que o governo havia imposto uma série de barreiras sobre a distribuição e circulação de ideias e materiais que promoviam a cultura e a liberdade, o número de publicações que tratavam sobre o anarquismo como livros, jornais, boletins e revistas era quase nulo e a entrada de muitos discos com mensagens subliminares contra o governo e livros que propagassem ideologias de esquerda e de conteúdo libertário também era censurada, dificultando não apenas encontrar material sobre as bandas punks europeias e estadunidenses, mas também para as bandas brasileiras era muito difícil gravar seus materiais devido ao alto custo dos equipamentos e da fiscalização sobre os estúdios.

Nesta época cada região do Brasil conheceu o Punk de uma maneira diferente, mesmo que a propaganda do Punk tenha atingido todas as regiões do Brasil, uma vez que as revistas de grande circulação e programas de rádios e televisão sempre veicularam reportagens apresentando o Punk como uma nova tendência, e é a partir destas notícias que o interesse pelo Punk se desenvolvia.

Devido a este fator, a origem do Punk no Brasil é incerta, alguns atribuem seu início à Brasília por conta do contato dos filhos de diplomatas, com a indústria cultural norte americana e europeia, que tinham acesso a discos e revistas, e, portanto, sofreram influência deste movimento⁵³.

Tal fato é questionado pela vertente paulista que não aceita essa versão da introdução do punk ao Brasil. Segundo o documentário *Botinada: A História do Punk no Brasil* de Moreira (2006), em depoimentos de punks oriundos do fim da década de 1970 e da década de 1980, o movimento não teria como começar em Brasília pela imagem que os filhos dos diplomatas tinham de “garotos ricos”. De acordo com estes depoimentos, é possível interpretar a ideia que para ser um punk era preciso sofrer a realidade da miséria e da exploração do Brasil daqueles anos, ou pelo menos se revoltar contra ela. Esta semelhança marca um fato curioso, pois da mesma maneira que é complicado afirmar que o Punk teve sua origem em Nova Iorque ou em Londres, no Brasil fica ainda mais difícil apontar a porta de entrada do Punk, uma vez que não é possível afirmar com precisão se foi em São Paulo, Brasília ou qualquer outra cidade.

⁵³ No filme *Cazuza* é mostrado um episódio sobre a relação da música e visual punk de um filho de diplomata. Essa relação também aparece em biografias sobre Renato Russo.

O que se pode afirmar é que no início dos anos 1980, o movimento Punk podia ser comparado com “uma criança descobrindo o mundo”, uma vez que era imaturo no campo político e ideológico, pois ainda não havia um contato efetivo entre punks e anarquistas, nas palavras de Essinger (1999, p.81), “Na periferia do desenvolvimento mundial, o Brasil viveu sua aproximação com o Punk de forma gradativa, na mesma medida em que este impulso primordial do pop ia se transformando lá fora”. Ainda hoje o Punk continua sendo redescoberto. Um exemplo disso é a análise de Turra Neto (2009) que discorre sobre a chegada do Punk na cidade de Guarapuava, que só aconteceu 20 anos após a chegada do Punk em São Paulo graças à Internet e de veículos de comunicação especializados.

Desde sua chegada, mesmo que indiretamente, o Punk influenciou os estilos estéticos e musicais no Brasil, como também acontecia em países da Europa e da América do Norte, isso porque era uma provocação, uma força que empurrava para a direção da inovação e das mudanças destas características, naquele momento a ideia era de chocar as pessoas. Essinger relata que (1999 p. 92):

Punk no Brasil é contradição, *nonsense*, absurdo total. Mas é também o deboche tropical, *la salerosidad*. Importamos o punk da Europa mesmo já o tendo em nosso dia-a-dia. Nossa vida é punk, nossa música é punk, são punks nossas ruas, nossas cidades, o próprio sistema em que vivemos.

Atualmente o movimento Punk condena aqueles que se caracterizam como punks apenas para chamar a atenção ou provocar sem um ideal, para seus membros ser um punk é muito mais do que vestir uma jaqueta e arrepiar o cabelo, ou mesmo se apegar exclusivamente à música punk para se definir como membro do movimento, hoje é necessário abraçar um conjunto de ideais e atitudes tornando estas partes atuantes em seus cotidianos, como cita Essinger (1999 p.116) “Nossa roupa é uma agressão visual, senão ficaríamos todos como os outros. Somos o lixo, o que sobrou da sociedade, mas não aceitamos viver na sujeira”, tornando claro que as roupas são apenas mais uma ferramenta do Punk.

Um fato interessante é que mesmo sendo conhecido em boa parte do território nacional, entre o fim da década de 1970 e início dos anos 1980 era raro encontrar punks fora dos grandes centros urbanos, e isso não se deve apenas a uma questão midiática ou a distribuição de discos ou revistas, mas sim a realidade vivida nos grandes centros onde existia certa carga de exploração e de contraste social que influenciou os jovens a adotarem o Punk como um ideal, isso porque não é apenas da desigualdade – essa encontrada em quase todo o planeta – que nasce o Punk, mas é a

partir de todo um conjunto de fatores rancorosos pelo sistema e pela sociedade conformista e excludente. É este rancor que faz os punks atacarem a sociedade e o sistema à sua maneira, mas enfim, como cada punk é um punk, e se tornou punk por motivos diferentes dos motivos dos demais punks, não é possível generalizar todo o movimento e classificá-los com termos ou conceitos: é preciso analisar cada punk à sua maneira.

De acordo com Oliveira (2008), muitos punks de São Paulo e das cidades da região do ABC paulista, herdaram de seus pais uma aproximação com os movimentos operários durante os anos 1980, que possibilitou uma interação dos punks com outras tribos urbanas baseadas e influenciadas pelos dilemas das classes trabalhadoras.

Grande parte desta primeira geração de punks brasileiros cresceu ouvindo seus pais comentando e temendo o governo brasileiro da época da ditadura militar, o que permitiu que eles nutrissem ressentimentos pelos políticos e pelos militares, que também perseguiam estes punks por causa do choque que estes desejavam causar na população e no sistema daquele período.

Assim, a década de 1980 marca uma série de investidas contra o movimento Punk, e acabou obrigando muitos punks a se afastarem, fazendo com que o movimento retornasse para o meio *Underground*, até surgir um novo chamado.

Nesse período o Punk se afastou dos centros das grandes cidades e voltou para as áreas periféricas, suas veias artísticas com as bandas, os escritores de zines e aqueles com potencial artístico se afastaram do foco para proteger o ideal Punk no Brasil e reorganizar as ideias do movimento. Pode-se afirmar que o Punk não deixou de usar as jaquetas de couro e os cabelos arrepiados por muito tempo, mas apenas esperou o momento certo para voltar. Lojas de roupas e discos na *Galeria do Rock*, voltadas para o movimento Punk também foram fechadas durante um período. Todo este momento da história do Punk no Brasil é detalhado no documentário de Moreira (2006).

Essa geração de punks do fim dos anos 1970 e de boa parte da década de 1980 foi essencial para o surgimento da “nova geração” na década de 1990. Vale destacar que como o Punk nunca morreu ou sequer chegou perto de desaparecer, não é possível falar em nova geração como um corte brusco. No caso do Punk no Brasil é preciso trabalhar o conceito de “nova geração” como uma “nova roupagem” do movimento. Isso porque estes novos punks – e mesmo alguns velhos punks – passaram a ser bombardeados por mídias que classificavam bandas norte americanas – por exemplo o *Green Day* – como bandas de *Punk rock* apenas pelo ritmo com que

tocavam, porém, estas não aderiam nem ao visual Punk e muito menos ao ideal de qualquer grupo punk.

No caso do *Green Day*, é fato que o visual desta banda foi influenciado pelo visual Punk, mas não passa disso. Nessa década o *Punk rock* perdeu muito espaço para o *Hardcore*, estilo mais rápido e mais agressivo, e por mais que o *Hardcore* também carregue toda uma cultura e conjunto de ideais, ele não se aproxima do ideal Punk, por isso esse estilo não será aprofundado neste estudo.

O fato é que a geração de 1990 vivenciou um momento adormecido dentro da história do movimento Punk, que apenas na segunda metade desta década voltou a ganhar meios de voz e a ressurgir dos becos e vielas de onde tinha se refugiado nos últimos anos da década de 1980, sendo um dos fatores que colaborou com essa retomada do Punk foi o diálogo entre as gerações de 1980 e 1990, fundamental para que o Punk se reencontrasse, pois nessa fase o movimento estava se reerguendo, mas ainda em ritmo tímido e retraído.

A geração atual de punks, que surgiu nos anos 2000, se encontrou através da realização de uma série de ações com apelo cultural e intelectual, retomando em partes algumas atitudes e características da primeira fase do movimento Punk dos anos 1980, reproduzindo a frase de Preto (2008 p.1), afirmo que “O ciclo se modifica no começo, meio e sem fim.”. E ainda na leitura deste documento, recorto:

Em fluxos e refluxos estes jovens protagonizam sua participação junto aos Movimentos Sociais e se organizam em organizações específicas de Anarquistas onde atuam socialmente em todo o mundo, alaistrando uma resistência popular com a criação de Centros de Cultura, Cooperativas, Cursinhos Populares, Sindicatos Livres, Tendências Libertárias junto aos Movimentos Sociais em uma grande aliança inquebrável (PRETO, 2008, p.1)

Ainda citando o autor,

O que prova que neste novo milênio o mundo não acabou e o Movimento Anarco Punk se soma a outros setores de juventude a construir em uma nova guerrilha cultural na construção de um imaginário social e político onde a juventude possa dizer e falar tudo que sente e pensa, com uma educação solidária construída por uma pedagogia da liberdade dos filhos de uma nova aurora libertária e que estes possam dizer: ‘mais vale investir na educação do que em armas’. (p.1)

O discurso acima deixa claro que para a geração Punk atual o que mais importa é o conhecimento, a linguagem e a atuação dos novos punks dentro do movimento, e não mais um conjunto que alia visual e comportamento agressivo.

O boletim produzido por Preto (2008) foi distribuído em centros de cultura de São Paulo e em coletivos de grupos libertários, o objetivo do mesmo era relatar brevemente a história do Punk no Brasil e dialogar com suas vertentes de ação, com foco na educação proporcionada por punks nas ocupações, nas casas de cultura e nos coletivos, e de um modo geral, hoje o papel do Punk e suas formas de atuação como veremos mais adiante mesmo que muito diversificadas, estão diretamente ligadas à cultura e à subjetividade, através de uma linguagem específica que visa atender a todos aqueles considerados como excluídos e prejudicados pela cultura vigente.

1.2 A influência de ideais anarquistas no Punk

A fé que os punks e outros anarquistas têm na anarquia provém da crença na igualdade e nos direitos de todas as pessoas. Essa visão de igualdade está explicitamente clara na reação visível dos punks ao sexismo, à homofobia, ao racismo e até ao especificismo. A reação é condená-los por serem nocivos, irracionais e intolerantes. (O'Hara. 2005.p.100)

A história, e o conjunto de ações e momentos anarquistas no Brasil, não pode – e nem deve – ser encarado como algo absoluto e ordenado, como um processo que evoluiu ao longo dos anos, mas sim como uma sequência de rupturas, algo caótico. Segundo O'Hara (2005, p.74) “Quando se trata de escolher uma ideologia política, os punks são antes de tudo anarquistas”, não apenas por um consenso geral entre os punks, mas por um posicionamento político e social característico do movimento, o autor defende esse pensamento quando estabelece:

Os punks se voltaram para o anarquismo como alternativo para os sistemas existentes no mundo e para o contínuo ciclo de opressão que cada revolução traz. A natureza dos governos hierárquicos em geral a opressão e a exploração das pessoas que vivem sob ou são afetadas por eles. Diferentemente de outras contraculturas juvenis ou burguesas, os punks rejeitam o comunismo e a esquerda de governos democráticos tradicionais, assim como o capitalismo (O'HARA 2005, p.75).

Cada momento e cada região tiveram suas influências e características peculiares. Isso vai se repetir dentro do próprio movimento Punk, onde cada uma de suas ramificações tem uma maneira de compreender e vivenciar o anarquismo. Isso fica claro nos zines e nas letras de músicas das bandas punks. Para O'Hara (2005, p.76), os locais onde o Punk se desenvolveu interfere diretamente nesta concepção política: “O movimento punk foi originalmente formado em nações que mantêm políticas capitalistas, pseudodemocráticas. Por causa disso o capitalismo e seus problemas se tornaram o primeiro alvo dos punks políticos”. De tal modo que surge um molde para o movimento Punk, um tanto rancoroso com as políticas, a economia e o posicionamento social passivo da sociedade perante aos abusos daqueles favorecidos pela política, pela economia e principalmente – para os punks – pela passividade social.

Não é possível apontar qual ramificação do Punk realmente está mais próxima de alguma determinada vertente do anarquismo, assim como não é possível medir a capacidade teórica dos punks sobre o anarquismo⁵⁴.

Por causa da impossibilidade de definir de maneira concreta o movimento Punk, também é impossível dizer qual anarquia está presente no Punk, por isso muitas vezes tal anarquia é compreendida como individualista e espontânea, enquanto, por outro lado, O'Hara (2005, p.87) classifica essa leitura da anarquia como algo contraditório: “Nesse sentido, a anarquia pessoal é elitista, não anarquista e contrarrevolucionária”

É pela multiplicidade do Punk que sua ideologia é um mar de caos, e um dos objetivos embutidos nesta ideologia seria de chocar quem está de fora do movimento, para incentivar uma busca pela libertação através de um choque. Busca-se uma liberdade de agir, vestir, falar e ser como bem entender. Tais características provavelmente mais indiscretas estão presentes em fotos, reportagens, registros e documentários durante os primeiros anos do Punk no Brasil, pois toda aquela influência dos Estados Unidos e do Reino Unido era uma enxurrada de novas ideias que possibilitavam várias interpretações e compreensões do cotidiano.

Um fato considerável é a aproximação encontrada em diversos zines, músicas e manifestos punks da anarquia com excluídos e prejudicados, e também com a liberdade.

Provavelmente seja através da ramificação dos anarco-punks⁵⁵ que o movimento punk assuma uma postura amadurecida, politizada, e de fato fundamentada teoricamente em vertentes da anarquia, com relação às demais ramificações do movimento.

Algumas abordagens de alguns punks sobre o anarquismo e a forma como a sociedade aceita esse pensamento é um tanto conturbada, pois segundo O'Hara (2005, p.84.), “Os anarquistas não poderiam obviamente forçar as pessoas a aceitar nada, por isso esperam uma espécie de aprendizado necessário e um processo de internalização para prevenir preconceitos desenfreados e ganância.”. Dessa maneira, o comportamento agressivo de alguns membros do movimento chegando ao ponto de empurrar o anarquismo pela garganta da sociedade, ainda pelo pensamento de O'Hara (2005, p.84), é algo contraditório: “Seria uma contradição para o anarquista forçar suas crenças sobre os outros, mas se as pessoas não são gananciosas, egoístas

⁵⁴ Alguns aproximam o movimento Punk dos ideais de Bakunin, enquanto outros de Proudhon e outros do anarquismo individualista.

⁵⁵ Vertente do Punk um tanto radical no apego aos ideais e práticas anarquistas. É provavelmente a vertente punk, mais próxima e dedicada aos ideais anarquistas do fim do século XIX.

ou odiosas por natureza, então talvez elas concordem com os ideais do anarquista”. Esse condicionamento para o pensamento anarquista é algo que precisa ser elaborado e dosado para a sociedade para evitar o choque. Não que o Punk precise ter algo a temer, mas para que algumas ações dos punks não prejudiquem todo o movimento, só que boa parte da sociedade nem sabe ao certo o que é anarquia:

Há muita gente que confunde anarquia com caos, por isso acham o anarquismo algo inaceitável. Seu conceito de que a anarquia seria o equivalente ao imediato desaparecimento da polícia e do governo, produzindo o caos, mostra uma má compreensão do anarquismo. Os anarquistas sabem que não haverá qualquer remoção repentina de organizações de controle, portanto não faz sentido supor que a reação das pessoas a isso seria a mesma das ocorrências diárias em uma sociedade anarquista. Se as forças governamentais desaparecessem hoje, haveria tumulto, crimes, mortes e destruição em uma escala possivelmente maior do que está havendo no momento, mas isso seria o caos, não anarquia. (O'HARA, 2005, p.96).



Figura 8 – A de Anarquia

Fonte: <http://vousescreverumblog.blogspot.com.br/2012/11/anarquia-ritmica.html>

Talvez parte da simbologia Punk anarquista seja mais conhecida do que o próprio conjunto de ideias do anarquismo. Dentre essa simbologia, se destaca o símbolo clássico da cultura Punk, ou seja a letra “A” (fig.8), estilizada dentro de um círculo com suas pontas saindo

deste círculo, que está presente em roupas, acessório, zine, instrumentos e outros elementos da cultura Punk, transparecendo a preferência e releitura do Punk sobre os ideais anarquistas.

Não existe um documento conhecido como *aquele* que marca a aproximação do Punk com a Anarquia, os dados sobre tal característica do Punk são remotos. O que se sabe é que foi em Londres que surgiu essa aproximação e autoafirmação anarquista. Foi a corrente Punk europeia que deu o primeiro passo nesta direção, uma vez que os punks dos Estados Unidos carregaram durante muitos anos alguns ideais herdados do movimento hippie.

O consenso é de que punk é anarquista por essência, é libertário por convicção e não por conveniência, e apesar de estarem todos juntos por uma mesma causa, cada um é anarquista da sua forma, do seu jeito, por isso cada um tem seus métodos, na maioria das vezes a “ação direta”, mas o que é mais importante é que se faça valer o seu lema “*do it your self*” por isso o punk além de altruísmo, significa também “responsabilidade”.

No Brasil essa aproximação com o anarquismo, segundo Essinger (1999) tem influência da obra “O que é o Anarquismo”, escrita por Caio Túlio Costa (1980), principal meio de propagação do anarquismo entre os punks em São Paulo e no ABC Paulista. Entretanto existem críticas de que a obra de Caio Túlio Costa não aprofunda as discussões sobre nenhuma corrente anarquista, e apresenta uma análise superficial de correntes da Anarquia para seus leitores.

Outro problema era que outros grupos ligados ao anarquismo⁵⁶, não aceitavam a aproximação dos punks a esta filosofia, o que indica que nas décadas de 1970 e 1980 não existia um intercâmbio de ideias e teorias, nem leituras e debates sobre importantes obras para o anarquismo entre punks e anarquistas. Estes só amadureceriam na década de 1990 durante a década de 1980, os punks começaram a frequentar as reuniões de grupos de estudos sobre o anarquismo e onde existia um acervo sobre este tema.

O aumento daqueles que se diziam anarquistas, mas não se comportavam como os grupos anarquistas tradicionais da cena paulistana das décadas 1970 e 1980, podem ser considerados como fator responsável pelo surgimento de rupturas entre os punks e os demais grupos ligados à Anarquia, portanto, qualquer aproximação entre estes grupos seria um tanto complicada, uma vez que eles eram o oposto um do outro, de um lado jovens rebeldes aderindo a um ideal e cheios de vontade de provocar e tumultuar, enquanto do outro lado estudiosos do anarquismo,

⁵⁶Caso dos anarquistas que se reuniam no Centro de Cultura Social de São Paulo, que em um primeiro momento não aceitavam o Punk como um movimento anarquista.

interessados apenas em manter viva a cultura anarquista e o debate de uma forma que eles não sofressem represálias por causa destas reuniões, e estes fatores afastavam estes dois grupos que não se viam do mesmo lado, nem como adeptos de uma mesma ideologia.

Vale destacar que a cobrança que os grupos anarquistas faziam sobre os punks para que eles realizassem a efetivação de um novo grupo politizado capaz de provocar os grupos sociais que viviam na cidade era uma cobrança que o Punk jamais aceitaria. Se de fato existisse este objetivo, ele partiria dos próprios punks.

CAPITALISMO – RATOS DE PORÃO⁵⁷

*Cultiva as guerras
 Destrói nações
 Dinheiro e poder
 Suas razões
 Capitalismo
 Um mal incurável
 Capitalismo
 O homem é irresponsável
 Ca-pi-ta-lismo!
 Destrói natureza
 Mata animais
 Só o dinheiro é o que importa
 Capitalismo
 Um mal incurável
 Capitalismo
 O homem e irresponsável
 Ca-pi-ta-lismo!
 Ganância e ambição
 Em qualquer situação
 Está gerando um caos na humanidade
 Esta é a triste realidade
 Capitalismo
 Capitalismo*

Atualmente estes grupos reconhecem o potencial anarquista dentro do Punk, e o único argumento que demonstra alguma diferença entre essas vivências anarquistas é a profundidade teórica que estes grupos possuem sobre o assunto, afinal, o Punk ainda é compreendido em muitos meios – principalmente por causa de suas múltiplas vertentes – como um movimento sem fundamentos.

Em seus anos iniciais, os punks brasileiros – pelo menos uma boa parcela deste movimento – compreendia a Anarquia pelo seu sentido pejorativo, atrelado à desordem e ao

⁵⁷ Disponível em: <http://letras.mus.br/ratos-de-porao/1284038/>

descontrole, o que se fosse verdade transformaria o Punk em um mero estilo musical caracterizado por adereços específicos. Aqueles que aderem ao Punk, em um primeiro momento se deparam com os ideais de rebeldia e nas vivências do Punk, mas a partir do momento em que passam a ter um envolvimento mais profundo com o movimento, os ideais também se tornam mais densos, a anarquia ganha força sobre estes jovens, e a partir do momento que ela passa a definir determinados comportamentos e linguagens ela também passa a separar os engajados dos alienados no movimento Punk.

Um dos motivos que levavam os jovens a aderirem ao anarquismo era que eles não se encaixavam nem em uma política de esquerda, muito menos em uma política com tendências de direita, a visão política deles não estava resumida neste jogo de polaridades. O que fortalece a ideia de que o Punk, ao aderir ao anarquismo, cria novas vertentes e releituras da anarquia com base em ideologias e atitudes em uma ramificação local, definida pela realidade/peculiaridade de cada grupo Punk. O'Hara (2005, p.87) aponta os objetivos limitados dos anarquistas, e ilustra isso ao indagar sobre o posicionamento anárquico de alguns punks: "Muitos punks anarquistas contentam-se em permanecer dentro de seu próprio círculo e rejeitam a possibilidade da anarquia amplamente difundida. Essa atitude pode ser interpretada como uma concepção de anarquia 'pessoal' ou 'estilo de vida' anárquico.". O autor aproxima este grupo de punks de uma camada burguesa ao afirmar: "Essa ideia ecoa o epítome da cultura burguesa. A crença de que 'estou bem, mas todas as outras pessoas estão ferradas' não é anarquismo, mas encontrou um refúgio patético em muitos escritos punks anarquistas."

Neste estudo não se pretende entrar no mérito de nenhuma subdivisão ou subgênero do Punk, principalmente no caso do subgrupo intitulado *Anarco-Punk*, estes se portam como um grupo Punk excludente, que não aceita os outros punks, uma vez que para este grupo, apenas ele conhece e domina os sentidos da anarquia e por isso apenas eles são os verdadeiros anarquistas dentro do Punk. Entretanto, afirmar que os *Anarco-Punk* são o único grupo Punk realmente focado na Anarquia é dizer uma meia verdade, eles podem ser de fato o grupo mais ligado e imerso nos ideais anarquistas, mas não formam o único grupo anarquista do Punk. Para O'Hara (2005, p.95), "Punks anarquias veem a anarquia como liberdade da autoridade e da regras; uma sociedade em que as pessoas poderiam viver suas vidas sem nenhuma forma de obrigação externa. Assim, a polícia e até mesmo as leis formais não seriam necessárias."

Este apego à Anarquia observado nestes movimentos está diretamente relacionado com o fato de que o Punk não se encaixa nos sistemas de governo, até mesmo porque para o Punk não devem existir governantes ou representantes da ordem, ou seja, não deve existir um soberano.

Se o Punk possui um inimigo⁵⁸, ele não é uma pessoa ou uma categoria social, mas sim o próprio sistema – que permite abusos e desigualdades – e seus manipuladores, representados pela totalidade dos modos de ação do poder sócio econômico despersonalizado, racionalizado e burocratizado. Lembrando que o Punk não tem como meta elaborar uma revolução, uma vez que isso poderia criar um novo governo, um novo controle, novo soberano e novas burocracias, ou seja, um novo sistema, um novo inimigo. “Assim, o punk anarquista tem rejeitado o modo como o governo atual funciona. Agora, é importante observar como sua concepção da anarquia é possível – ou muitas vezes reconhecidamente impossível – e como ela difere do que tem sido criticado” (O’HARA, 2005 p.86).

Uma vez que um punk não ordena nem institui normas ou leis, mas procura expor seu ponto de vista ele automaticamente reconhece outros punks a sua volta como indivíduos iguais, o que indica que para os punks seus nomes, suas conquistas e seus traços e atitudes individuais não interessam.

A fama de um, a iconização de outro ou as conquistas pessoais de fulano, de maneira isolada, elas não significam nada para o Punk, pois dentro do Punk nenhum membro vale mais do que o outro. Justamente por isso que todos os membros deste movimento se respeitam e se tratam como iguais, pois não se veem de outra maneira e aquele que não segue tal regra é afastado do grupo. Independente de qualquer traço pessoal, os punks dialogam entre si e estabelecem a partir destes diálogos uma relação de respeito entre eles, anulando a imagem de soberano.

Na concepção de Anarquia e de uma criação de subjetividade, cultura e identidade próprias os punks retomam a noção do indivíduo, pois as pessoas precisam se auto conscientizar e auto emancipar – uma vez que o Punk não tem a intenção de converter – na medida em que as pessoas se engajam, elas se tornam livres.

⁵⁸ Como citado anteriormente, devido sua proximidade com a contracultura. Elemento descrito na segunda parte deste trabalho.

Sobre a relação do punk com o anarquismo, é necessário aprofundar o estudo a fim de traçar definições e relações entre esta corrente de pensamento e o Punk, juntamente com as suas atitudes.

A análise da literatura levantada possibilita afirmar que o mesmo muda conforme as mudanças da sociedade, o que significa que o anarquismo muda de acordo com a região e de acordo com o passar dos anos. Dessa forma existe uma grande dificuldade em situar o Punk dentro de uma corrente anarquista.

A moral burguesa se torna alvo do Punk, a partir do momento que os punks começam a voltar seu discurso de revolta contra os padrões dessa sociedade. Nesse embate os punks afirmam preferir o lixo ao luxo. O objetivo desses punks é de destacar sua revolta contra um sistema que simboliza todas as características e valores contrários aos defendidos pelos punks. Seu maior argumento neste embate seria fundamentado por uma concepção de anarquia, presente em suas manifestações culturais.

É com base nas ideias anarquistas que os punks procuram maneiras de enriquecer sua produção cultural, a fim de manifestar seu descontentamento, destinado às estruturas da sociedade atual, as quais os punks compreendem como opressora devido aos seus valores e conceitos desta sociedade.

Estas manifestações dos mais diversos grupos punks têm alvos claros, como as barreiras de classe, o conservadorismo, a discriminação e a falta de liberdade, fatores que legitimam as atitudes de rebeldia dos membros do Punk e de outros movimentos sociais ao redor do mundo, comprovando a ideia de que a cultura de resistência do Punk – ou a contracultura Punk – tem como um de seus princípios a recusa dos padrões vigentes e na repulsa pela falta de preparo da sociedade para aceitar sem prevenções os punks e suas manifestações.

Parte do anarquismo individualista de Stirner pode ser pensada a partir da análise de uma de sua obra ‘O único e sua propriedade’ onde Stirner lança as bases de um individualismo amiúde falsamente interpretado e apresentado como um individualismo levado ao extremo ou ainda como uma deificação do egoísmo” (ARMAND, FREITAG E BARRUÉ 2003)

De acordo com os autores,

A obra de Stirner, ao contrário, libera a liberdade de todos os preconceitos, de todas as estruturas autoritárias, diretas ou indiretas. O criador do anarquismo individualista odeia o Estado. Não admite nenhuma de suas formas, não mais a absolutista do que a republicana, não mais a socialista do que a comunista. (ARMAND, FREITAG E BARRUÉ 2003, p.24)

O egoísta segundo Stirner, “é o homem tornado livre em seu foro íntimo e que rejeita todas as pressões autoritárias de seu meio” (ARMAND, FREITAG E BARRUÉ 2003, p.26).

Tal autoritarismo também está presente no anarquismo. Essa libertação promovida por Stirner, responsável por influenciar comportamentos individualistas, acaba, portanto, influenciando um padrão, que incentiva os adeptos da teoria anarquista de Stirner de buscarem apenas a liberdade própria e na do grupo. Egoísmo se confunde com individualismo a partir do momento que a busca pela libertação e autonomia parte de cada um e na do todo.

A liberdade individualista⁵⁹ se configura desta maneira como elemento básico e fundamental na anarquia Punk. Pois é justamente essa liberdade que estimula os punks a buscarem uma alternativa contra tudo o que a sociedade de consumo empurrava para eles. Uma das alternativas encontradas foram os espaços onde esses jovens podiam se expressar como bem entendiam geralmente ao som de uma banda que traduzisse os seus anseios.

Esse individualismo se aproxima do niilismo a partir dos questionamentos direcionados contra tudo o que é empurrado para estes jovens. Quando esses jovens negam os valores que lhe são impostos – por qualquer pessoa – ele tende a criar seus próprios valores.

⁵⁹ De cada indivíduo, procurando uma existência harmônica e não competitiva.

2 O MOVIMENTO PUNK E O UNDERGROUND NAS CIDADES DE ATIBAIA E BRAGANÇA PAULISTA

“Acontece ainda que quando estudamos o espaço social de um dado grupo, especialmente se de pequenas dimensões, sejamos induzidos a privilegiar quase pela força das coisas, o espaço geográfico, quadro das suas atividades, em prejuízo do resto do universo tal como ele o concebe” (Georges Condominas. Enciclopédia Einaudi, volume 38, p.356)

Antes de direcionar a pesquisa para o local onde ela foi desenvolvida, é necessário explicar o *Underground* enquanto objeto de estudo. Pensando sobre as práticas dos punks inseridas no universo *Underground*, é possível aproximar este conjunto de ações da noção de contracultura. A contracultura tem como característica aproximar contingentes de jovens com anseios por inovações culturais contrárias à tecnocracia, ao capitalismo e a burocracia, ou seja, contrárias a cultura vigente no mundo ocidental construído durante a Guerra Fria.

Toda uma gama de comportamentos e características dos jovens, como música, vestimentas, livros, filmes, ídolos, falas e gírias, suas poses, entre outros tanto elementos, foram propagados por veículos de comunicação em massa responsáveis por difundir essa nova ideologia popular de enfrentamento – provavelmente em busca de novos organismos sociais voltados para o bem estar coletivo – e assim obviamente alguns aderiram a essa contracultura radicalmente ao ponto de formarem comunidades hippies ou mesmo *squatts* punks.

A contracultura pode ser definida como um ideário alterador que questiona valores centrais vigentes e instituídos na cultura ocidental. A contracultura desenvolveu-se onde as pessoas buscavam valores novos. Movimento que se apega a um estilo de mobilização e contestação social, com um espírito mais libertário, na busca de outros espaços e novos canais de expressão para o indivíduo e pequenas realidades do cotidiano, através da tomada de consciência, da mudança de atitude e do protesto político.

A contracultura pode ser lida como uma forma de revolta contra algo considerado errado, geralmente imposto pela cultura vigente. Em sua obra, Guanaccia⁶⁰ apresenta o movimento *Provos* que aconteceu nos anos 1960 em Amsterdã, e sobre ele o autor afirma: *“Provo foi uma revolta ditada pela escolha e pelo prazer, não pela necessidade”* (GUARNACCIA, 2010 p.14).

⁶⁰ GUARNACCIA, Matteo. PROVOS. Amsterdã e o nascimento da contracultura. São Paulo: 2010. SP.

As ações do *Provos* narradas por Guarnaccia apresentam um conjunto inovador e sarcástico⁶¹ para aquela sociedade. Os primeiros movimentos do *Provos* podem ser considerados como algo espontâneo e surpreendente. Essa surpresa que caracterizou o *Provos* foi também sua principal arma, a ideia de surpreender a sociedade e usar isso para chocar as autoridades. Sobre este grupo:

Provo nunca foi nem partido nem movimento. Podemos vagamente defini-lo como um conjunto instável de indivíduos absolutamente heterógenos que, no ápice do próprio sucesso, não contava com mais de vinte agitados/agitadores capazes de provocar simpatias e cumplicidades inesperadas, de envolver em suas ações milhares de pessoas. (GUARNACCIA. 2010 p.14)

O *Provos* se tornou um enorme referencial para a noção de contracultura – tanto que suas ações influenciaram a universidade de Amsterdã a fundar um acervo sobre contracultura⁶² – e seus modos de ação passaram a servir como incentivo e influência para os grupos de mesmo posicionamento social e político perante sociedades consideradas por eles como passivas e obedientes. Para Guarnaccia, o *Provos* foi pioneiro nesse tipo de revolta, organizada por jovens descontentes e dispostos a propor mudanças na sociedade onde viviam.

A revolta Provo foi o primeiro episódio em que os jovens, como grupo social independente, tentaram influenciar o território da política, fazendo-o de modo absolutamente original, sem propor ideologias, mas um novo e generoso estilo de vida antiautoritário e ecológico (embora essa palavra ainda não existisse naqueles anos). Caminhando contra a corrente do ‘cair fora’ beatnick, os *Provos* holandeses empenharam-se descaradamente em permanecer ‘dentro’ da sociedade, para provocar nela um curto circuito. (GUARNACCIA, 2010 p.13)

Entre as ações dos *Provos* é possível estabelecer proximidades com algumas ações do Punk já citadas no capítulo um. O *Provos* se preocupou em manter um folhetim de informações sobre suas ações e formas de pensar, que também é percebida nos zines punks – talvez o que separe estes grupos seja o fato do jornal *Provos* representar todo um grupo unificado, enquanto os zines representam tanto grupos punks ou punks solitários – essa ideia do periódico era em um primeiro momento a maior maneira de difundir as ideias *Provos*.

Outros elementos como o deboche ao poder vigente, e as bicicletas pintadas de branco – simbolizando uma luta pelo anticonsumismo automobilístico, destacando o desprezo do *Provos* pelo rumo que os transportes e seu papel social tomavam em Amsterdã – e o enfrentamento da

⁶¹ A criatividade, e o inusitado também ajudaram o *Provos* a ganhar reconhecimento e a crescer cada vez mais.

ordem e contestação do *Provos*, pode ser encarado como uma referência para alguns grupos dentro do Punk.

O *Provos* foi a referência para todo um conjunto de atitudes contraculturais, mas suas ações se tornaram previsíveis, e eles encontraram uma barreira que assombra muitos grupos apegados à contracultura, a falta de originalidade – que em muitos casos transforma a contracultura em uma cultura – permitindo que qualquer um se apropriasse das práticas destes grupos.

Após os dias da sublevação do monstro de Amsterdã, os *Provos* começam a se dar conta de que estão perdendo sua melhor arma: a surpresa. Durante mais de um ano conseguiram surpreender a todos com sua imprevisibilidade, com seu nonsense e agora estão correndo risco de se tornar a caricatura de si próprios, de perder a originalidade. As próprias autoridades começam a adotar uma política mais inteligente para com eles. (GUARNACCIA, 2010 p.145)

No Brasil não houve um levante de um grupo intitulado *Provos* propriamente dito⁶³, porém, muitas das ações similares as que foram vistas em Amsterdã durante as ações dos agitados/agitadores foram reproduzidas no Brasil, não apenas por punks, mas também por outros grupos contraculturais.

Em sua obra Craig O'Hara (2005), não chega a elaborar uma definição para contracultura, mas ele aproxima em todos os momentos as ações, a cultura, a imagem e o ideário Punk de diversos outros grupos com posicionamentos políticos e sociais contrários a uma ordem vigente contestada de alguma maneira. O'Hara (2005) ainda transparece que todo o conjunto de ações dos punks são contraculturais por excelência.

De acordo com Pereira [S.d] uma definição de contra cultura pode ser obtida através do seguinte fragmento:

“A contracultura foi certamente propiciada pelas próprias doenças da nossa cultura tradicional. Tais doenças condicionaram seu surgimento, como um antídoto ou um anticorpo, necessário a preservação de um mínimo de saúde existencial, que passou a ser socialmente exigido pelo próprio instinto de sobrevivência de nossa vida em comum” (p. 70).

Essas noções de contracultura indicam uma interpretação de uma ferramenta de resistência perante uma sociedade tomada por um conjunto de práticas controladoras e

⁶³ Mesmo com a onda de protestos de 2013.

tecnocratas⁶⁴, porém, em sua análise, Pereira [S.d] destaca dois fatores constituintes do padrão contracultural, a idade de seus simpatizantes e as parcerias necessárias entre a contracultura e outros grupos de enfrentamento da ordem.

Embora a contracultura não seja uma invenção exclusiva da juventude, o que é fácil de demonstrar pela idade avançada de alguns de seus teóricos e gurus mais destacados, ela entra no jovem seu interprete e o seu motivo mais forte. Eram estes mesmo jovens que atualizavam e colocavam em prática, no seu cotidiano, algumas das ideias, hipótese e suposições daqueles teóricos ‘mais velhos’. Está assim profundamente marcada por um inegável ‘espírito juvenil’, no sentido mais rico da expressão. De uma certa forma podia-se falar agora da entrada em cena de um poder jovem que, não apenas pelo seu vigor próprio, mas também pelas alianças que conseguia estabelecer com grupos de contestação às vezes muito diferentes, ia se revelando uma presença cada vez mais incomoda do ponto de vista do status quo (p.75).

Pensando no Punk, como um movimento de enfrentamento e contestação, é possível pensar que o movimento Punk não é algo exclusivo daqueles com pouca idade, mas é um movimento que constrói um ideal de vida tendo como base, provavelmente o principal ideal do Punk, expandido para o *Hardcore* e já existente no *Underground* e na contracultura antes do surgimento dos punks – tanto ingleses quanto estadunidenses – o *Faça Você Mesmo* – do *it yourself* – tem como ideia base, fazer aquilo que ninguém faria para te favorecer, e pensando diretamente no Punk, é possível aproximar esse ideal com os selos, contratados pelas bandas para produzir e distribuir seu material musical, ou mesmo sobre os zines, responsáveis diretos por difundir visões e opiniões de vários punks. Isso tudo são elementos responsáveis por fortalecer movimento, uma vez que os envolvidos começam a fazer tudo por conta própria e a valorizar ainda mais o movimento.

Um dos maiores exemplos desse ideal é a banda *Test* de São Paulo. Formada por João Kombi, vocalista e guitarrista, e por Thiago Barata, baterista, a banda sempre se apresenta de maneira inusitada. Primeiro eles chegam em uma Kombi dirigida por João, mas não é uma Kombi qualquer, é uma Kombi branca, simples, mas recheada dos aparatos utilizados pela dupla, como os instrumentos, geradores, amplificadores, pedais, cabos e outras coisas do tipo, essa Kombi de certo modo caracteriza a dupla⁶⁵. Então os dois começam a montar no meio de uma

⁶⁴ Como a prática política voltada diretamente para os avanços da tecnologia e aumento de consumo. Neste sistema os políticos dão lugares a cientistas renomados, preocupados em preservar a indústria como seu bem supremo.

⁶⁵ Assim como as bicicletas do *Provos*.

calçada sua parafernália sonora e começam a tocar para o público que transita por aquele espaço⁶⁶.

É comum os integrantes da *Test*, anunciarem em redes sociais que vão se apresentar – muitas vezes divulgam poucas informações quando vão para alguma rua – e seu público tende a comparecer. Os transeuntes que não conhecem a banda, destacando uma interação da banda com estes públicos. O estilo da banda, com seu som pesado e agressivo, os vocais gritados e a bateria incessante, agradam seu público e tornaram a *Test* uma das maiores bandas *Underground* do Brasil. Para aqueles que desconhecem a banda ou não escutem este estilo musical, talvez exista o choque, o desconforto e o estranhamento, e nesse momento surge a manifestação contracultural da banda.

O *Test* está diretamente aproximado com o *faça-você-mesmo* por elementos constituintes da banda, como o som de autoria própria, instrumentos baratos fáceis de trocar ou improvisar se for necessário, um veículo dirigido por eles mesmos capaz de carregar todo seu equipamento para eles tocarem em qualquer lugar.



Figura 9: Apresentação da Test.

Fonte: <http://roquereverso.com/2011/06/23/banda-test-conquista-publico-do-metal-com-shows-de-divulgacao-criativos-em-uma-perua-kombi/>

⁶⁶ O Jornal Folha de São Paulo, publicou uma matéria sobre a banda em 20/01/2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/1036663-dupla-paulistana-faz-shows-relampago-na-rua-para-fas-de-metal.shtml>

A banda já tocou em frente de diversos estádios de futebol que receberam shows enormes. Para a banda, tocar em frente ao estádio, de graça, sem pista *vip* – que segrega os fãs que pagam mais, dos que pagam menos – é uma maneira de espalhar suas ideias, divulgar sua música e combater uma cultura que transforma a música em um tipo de propriedade ao alcance de poucos.

Assim como essa peculiaridade da contracultura, antes de focar a discussão sobre o Punk e suas relações com *Underground*, é necessário discorrer brevemente sobre o *Hardcore*, corrente musical que surge após o Punk, mas que se tornou um movimento muito presente nos meios urbanos.

O conceito de cena abreviando cenário, resume as significações presentes em um conjunto de estilos dentro do *Underground*, uma vez que cada vertente musical *Underground* tem a sua própria cena. Esta está relacionado com a imagem construída pelos movimentos urbanos contemporâneos⁶⁷, e os ambientes transitados por estes grupos. Dessa forma, a cena Punk é compreendida como o espaço composto pelas casas de shows, pelas lojas de discos, pelos selos⁶⁸, e dessa forma os próprios punk, que participam e constroem a cena com suas músicas, sua arte, sua moda, seus fanzines, seus valores e toda sua interação com os outros ao seu redor. Assumindo que cada estilo do *rock'n'roll* dentro do *Underground* possui uma cena distinta da outra – e dessa forma que o *Underground* é formado por um emaranhado de cenas – estas compõem um elemento essencial para o mapeamento do *Underground*.

O *Hardcore* enquanto estilo musical está próximo do *Punk rock*, mas a grande diferença está na velocidade dos *riffs*, acordes, batidas e na melodia cantada com gritos e berros. Porém, o *Hardcore*, também pode ser compreendido como um estilo ou comportamento apegado a uma postura contestadora, agressiva e urbana, mais perceptível nos grupos apegados à prática do skate. Não existe uma análise profunda sobre o *Hardcore*, uma vez que este é um objeto de estudos recente, e ainda pouco explorado, os materiais que existem sobre o HC são alguns estudos e produções sobre o tema, e fica evidenciado a partir de documentários⁶⁹ é um movimento próximo do Punk e do *Hip Hop*, a partir de sua característica voltada para o “faça você mesmo” e o contracultural – Todas as culturas e tendências, ou seja, o *Hardcore* ataca

⁶⁷ Que neste trabalho eu relaciono com o skate, o *Hip Hop*, o *Heavy metal*, o eletrônico e principalmente o Punk dentre muitos outros.

⁶⁸ Responsáveis por gravar e distribuir o material as bandas de punk rock (daquelas que procuram os selos).

⁶⁹ Como no caso dos citados na bibliografia: “*Botinada*”; “*Do Underground ao EMO*”; e “*Punks*”.

vários alvos, e muda de alvos frequentemente – com poucas influências dos movimentos da década de 1960, como a visão de arte e liberdade. Mesmo no campo musical, o *Hardcore* pouco tem a ver com as bandas de 1960, pois a sonoridade *Hardcore* aliou a distorção das guitarras dos anos 1970, com a violência da bateria e dos vocais guturais da década de 1980.

Neste contexto ganha proeminência, no Brasil, um gênero musical denominado *hardcore*. Este se constitui por uma lógica derivada do punk, no melhor estilo *Do it yourself*, em que manter certa complexidade musical não é considerada, como em outros gêneros, o importante, nesse caso, é “musicalizar suas ideias”. Muito ligado à cultura jovem urbana, durante a década de 1990, ganha espaço nas capitais brasileiras (BIGUNATTI. 2013 p.1).

Nascido nos Estados Unidos, o *Hardcore* pode ser dividido em duas partes. A primeira na costa Oeste, mais concentrado em Los Angeles, caracterizado por bandas apegadas ao surf e ao skate⁷⁰, que mesmo com letras politizadas, não possui uma sonoridade pesada e agressiva. A segunda, e talvez a mais influente no cenário brasileiro, a costa Leste, tendo como referência Nova Iorque, já possui uma sonoridade bem pesada, letras agressivas e politizadas, influências do *Hip Hop* e um relacionamento profundo com movimento contraculturais. De acordo com o autor “A guitarra e o baixo, com fortes *overdrives* (distorções) e conduzidos por uma bateria rápida e seca, são de uma simplicidade característica do gênero e, igualmente, se faz com o vocal, estridente e de difícil compreensão da letra.” (BIGUNATTI, 2013 p.8).

A partir de uma análise sobre bandas do gênero, pode-se afirmar que o HC da costa Leste está mais para um posicionamento político e social, enquanto a vertente do Oeste está diretamente relacionada com uma cena, apegada a uma moda e determinadas práticas. Parte desse visual está relacionada com as regiões do *Hardcore*, e é representado em parte pelas camisetas de times de basquete dos Estados Unidos⁷¹.

Essa peculiaridade regional do HC nos Estados Unidos, também influenciou o cenário musical brasileiro, pois a juventude contemporânea⁷² se revela segregada em uma vasta teia de grupos, com cenas musicais peculiares, caracterizadas e recaracterizadas frequentemente – que constitui todo o *Hardcore* – e dentre estes estão os punks. Neste estudo o HC será caracterizado como uma cena, pois a vasta gama de movimentos, como o próprio Punk e cenas presentes nele, dificultam sua caracterização como movimento – capaz de abranger várias posturas, estilos de vestimentas e sonoridades, possibilitando a interação constante entre elas, que constitui a base

⁷⁰ Neste caso, algumas como *NOFX*, *Pennywise*, *Off Spring*, *Bad Religion* e *Rancid*.

⁷¹ Geralmente Times das cidades de Boston e Nova Iorque na costa Leste, e times do estado da Califórnia.

⁷² Considerando o ano de 2001 até o ano de conclusão desta pesquisa.

para o surgimento do *Hardcore*. Existe todo um conjunto de códigos e linguagens entre os grupos que compõem o *Underground*, indicando uma cópia do movimento Punk ao criar uma identidade para seus simpatizantes.

O Brasil viveu momentos curiosos entre seus períodos musicais. Entre os anos 1960 e 1970 com o crescimento de uma cultura *rock'n'roll* influenciada por artistas estrangeiros, alguns integrantes de movimentos musicais no Brasil chegaram até a realizar uma passeata contra o uso das guitarras⁷³ em vertentes musicais brasileiras. Com a chegada do Punk e sua vertente musical nos anos 1970, houve em um primeiro momento o choque, pois o *Punk rock* era feio, chato e bobo, e nos início dos anos 1980, o Punk se tornou uma moda, e suas músicas eram consideradas como “influências” e “essenciais” para músicos do período⁷⁴.

A cena definitivamente começou a crescer como uma bola de neve. O CBGB's era sem dúvida o lugar onde as coisas estavam acontecendo, desde a primeira vez que a gente tocou lá. Na real éramos únicos. Não havia no mundo nenhuma outra banda de rock & roll com cabelo curto. Não havia nenhuma outra banda de rock & roll com roupas rasgadas. Todo mundo ainda estava usando purpurina e roupas de mulher. Éramos uns chinelões, arruaceiros sem-teto, tocando uma música poderosa pra caramba, apaixonada, agressiva e também lírica (Richard Hell. *Mate-me por favor*. Vol. I, p. 225).

Ainda nos anos 1980 houve uma avalanche musical Brasil, nesta dissertação devo citar dois acontecimentos essenciais, relacionados com o *rock'n'roll* – uma vez que outros estilos como o samba, o eletrônico, a MPB, entre outros, não compõem o campo de interesse deste estudo – o nascimento do *Hardcore*, que de certo modo ajudou no “desaparecimento temporário” do *Punk rock*, e o crescimento da mídia brasileira para o rock nacional, uma vez que nos anos 1980 várias bandas de enorme destaque na cultura musical brasileira conquistam os holofotes.

O *Underground* representa todo um cenário capaz de abraçar e confortar vários movimentos e tribos. E há o momento que o *Underground* se torna uma cena musical complexa, onde artistas independentes podem apresentar seus materiais para o público. Serve para representar um estilo, uma pose, uma imagem adotada por jovens e seus grupos.

UNDERGROUND - INOCENTES⁷⁵

Ele morreu no underground...

Temos tudo e não temos nada

Só um punhado de canções

⁷³ Citado por Essinger (1999 p.87), a passeata teve participação de Geraldo Vandré, Elis Regina e Gilberto Gil.

⁷⁴ Renato Russo, a Legião Urbana, o Capital Inicial e o Ratos de Porão são os principais exemplos.

⁷⁵ Retirado do site: <http://letras.mus.br/inocentes/790442/>.

*Nossos hinos de batalha
 E a certeza nos corações
 De que faríamos tudo outra vez
 Exatamente da mesma maneira
 E cantaremos a plenos pulmões
 Que tudo valeu a pena
 VIVER E MORRER NO UNOERGROUND! (2x)
 Tudo sempre é mais difícil
 Pra quem é assim como nós
 Fazem tudo até o impossível
 Pra tentar calar nossa voz
 Faremos sempre à nossa maneira
 Por mais difícil que pareça
 Faremos com as próprias mãos
 Não esperamos que aconteça
 VIVER E MORRER NO UNDERGROUND! (2X)*

Com isso, o ideal máximo do Punk, o “faça você mesmo”, pode ser inserido, tanto no Punk, quanto na contracultura, no *Hardcore* e até no *Underground* por duas razões: Primeiro lugar porque os adeptos dessa prática acreditam que ninguém vai fazer algo por eles sem esperar algo em troca. Segundo, esse ideal dá força ao movimento, pois o Punk começou a se movimentar sozinho para se organizar, crescer e se preservar, uma vez que isso não iria acontecer com nenhuma fórmula mágica. Esta é uma postura transformada em um ideal de vida por muitos punks. É também um princípio associado ao anarquismo e vários outros movimentos *anti-consumistas*, principalmente pelos punks.

É possível o *Underground* como um espaço social interpretado de maneiras particulares por seus transeuntes, e como espaço de fuga – ou mesmo como uma “zona de conforto” – e não o espaço onde vive, estuda e trabalha. O *Underground* não é um espaço exclusivo de apenas uma tribo ou grupo. Vários grupos de jovens – cada um com seu estilo musical – possuem lugares e espaços determinados e particulares – para cada grupo – dentro do *Underground*. Isso se torna explícito com a apresentação de determinadas bandas e conjuntos em espaços pré-determinados para seus frequentadores. Nesta dissertação, o *Underground* não é limitado apenas ao contexto de espaço, ou mesmo de cena, mas como um complexo estilo de vida, que abrange uma série de movimentos e posturas apegados a práticas relacionadas com a Contracultura em todas as suas formas, capaz de caracterizar espaços, ambientes e posturas frequentemente presentes em demais movimentos ligados ou influenciados por ele.

Ao definir o *Underground*, surge a necessidade de descrever seu antagonista: o *Mainstream*, que de uma maneira superficial, pode ser compreendido como “aquilo que é vendido e divulgado pela grande mídia”, mas analisando alguns elementos profundos deste espaço, é possível compreender que este, também é constituído de uma corrente de pensamento e ideologia, voltado para a necessidade de “estar em evidência”.

Ao contrário do que acontecia na cena nova iorquina, que contava com o CBGB⁷⁶ (fig.10), famoso bar e casa de shows, frequentado por grupos ligados as artes e a música, como por exemplo, Andy Warhol e a primeira geração de punks, não havia aqui uma casa de shows, um bar, ou qualquer outro ponto de encontro que pertencesse aos punks.



Figura 10 – Os Ramones na porta do CBGB.

Disponível em: <http://www.rayographix.com/?l=rxeditions&viewproduct=11>

No documentário *Botinada*, alguns punks narram o caso do clube Galery, frequentado nos anos 1970 por uma elite social paulistana, que durante um jantar ao som de bandas de punk

⁷⁶ Bar lendário de Nova Iorque. Segundo os dados apresentados no longa metragem produzido sobre o espaço, o palco do CBGB já contou com a presença de cerca de 50.000 bandas, e o Ramones realizou mais de 70 shows por lá. A sigla significa *Coutry, Blluegrass e Blues*. A segunda Sigla OMFUG significa *and Other Music for Upliting Gomandizers*, u em uma tradução superficial: *e Outras Músicas para Levantar – Inspirar – Gulosos*. O CBGB foi capa da Punk Magazine nº13, e faz parte do roteiro turístico dedicado a cultura musical de Nova Iorque.

rock convidadas. Alguns sócios do clube, e membros dessa elite rejeitaram o comportamento e a sonoridade e as bandas e estas foram expulsas do lugar.

O espaço que vai suprir de certo modo essa necessidade dos punks por um território próprio é a *Galeria do Rock* – que atende diversos grupos juvenis, não apenas aqueles relacionados as vertentes do *rock'n'roll* – no centro de São Paulo, que servia como ponto de encontro para os punks e era o lugar onde eles encontravam novos materiais de novas bandas estrangeiras, além de agendarem shows e eventos. Essa característica da Galeria permitiu o surgimento de novos grupos do *Underground* paulista gerando de certo modo, uma busca por elementos característicos deste espaço.

As lojas de discos voltadas para o público Punk, fortaleciam uma identificação desta cena – o mesmo se repete com outras cenas, como o *Heavy metal* e o *Hardcore* – pois as lojas de discos ao formarem não apenas um espaço comercial, mas também um espaço de reuniões para pessoas do mesmo grupo, são essenciais para a sobrevivência de uma cena musical, ou de um movimento apoiado em uma cena, como o caso do Punk.

A procura por um local Punk não acaba na *Galeria do Rock* – mesmo porque por pressão dos demais comerciantes do local, as lojas de discos que atendiam os punks na *Galeria do Rock* foram fechadas durante um tempo – basicamente os anos 1970 e 1980 destacam uma procura de grupos urbanos, por um espaço onde eles pudessem ficar e ouvir suas músicas, conhecer novas bandas, se relacionar com pessoas parecidas com eles. E nos anos 1990 surge em São Paulo um lugar, que poderia ser uma alternativa para aquela geração, onde esses grupos poderiam começar a viverem novas experiências, o *Hangar 110*⁷⁷.

Os anos 1990, influenciados pelo *Grunge* vindo de Seattle e pelo *Hardcore* californiano, proporcionaram o surgimento de uma nova cultura musical brasileira, o *Hardcore 90*, onde as bandas preservam um estilo sonoro parecido como o *Hardcore* californiano e muito distante do *Hardcore* dos porões nova iorquinos. Essa nova leva de bandas brasileiras vai ser responsável pelo firmamento do *Underground* no Brasil e – infelizmente – pela transformação⁷⁸ da cena *Hardcore 90* no famigerado *Emo*, por sua vez, responsável pelo crescimento do *Mainstream* nacional.

⁷⁷ Casa de shows de São Paulo. Surge no final dos anos 1990 e vive seu auge nos anos 2000, com a onda de bandas que surgem nessa época, influenciadas pelo *Hardcore* californiano.

⁷⁸ Como apresentado no documentário “*Do Underground ao Emo*”.

O documentário “*Do Underground ao Emo*” mostra essa mutação vivida pelo HC 90, para o *Emo* no início dos anos 2000, e um dos elementos destacáveis logo no início do vídeo é a característica de criação de letras em português, aliadas a uma melodia, ambas influenciadas em um primeiro momento por bandas do *Hardcore* californiano – como a *Garage Fuzz* e o *Dead Fish* – e com elas, mostra um novo fôlego do *Underground* no Brasil, sendo reinventado no final dos anos 1990 em São Paulo, a partir das bandas e dos frequentadores da *Galeria do Rock* e do Hangar 110.

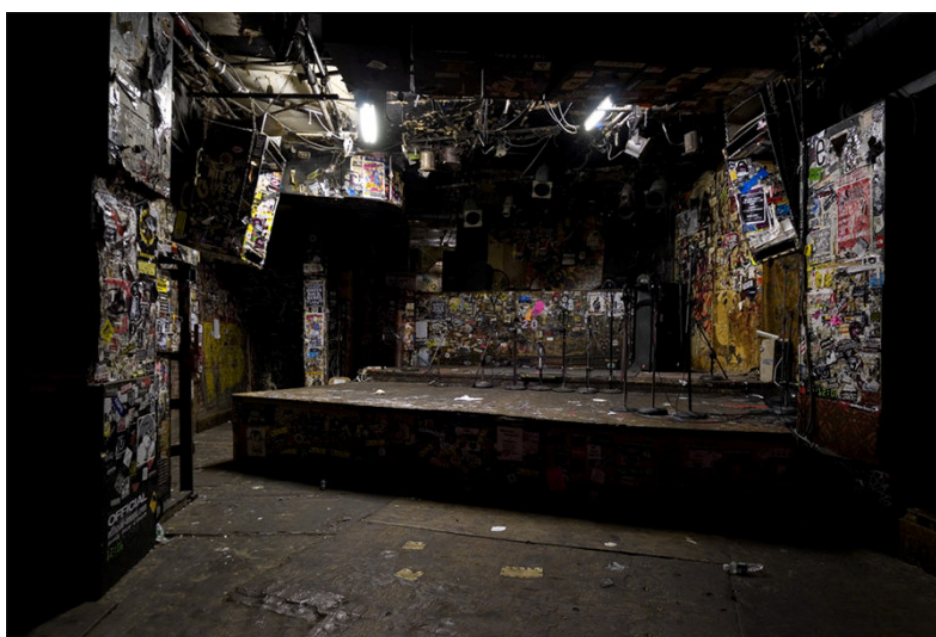


Figura 11 – Palco do CBGB.

Disponível em: <http://nowyorkcity.com/2013/09/04/cbgb-2/>

Esse novo fôlego do *Underground* – um tanto próximo do *Mainstream*, segundo o documentário – é impulsionado pelo surgimento de selos⁷⁹ – que produziam os discos das bandas de forma barata e os distribuíam – e de uma nova cena musical – HC 90 – que conquistavam cada vez mais espaços apenas com suas músicas e visual, muito distantes de um possível renascimento do Punk, uma vez que o ideal Punk pouco era visto nessa nova cena. A única proximidade dessa nova cena com o movimento Punk está na estrutura das melodias das músicas, que apresentam características muito semelhantes, como a composição por três acordes e uma sonoridade distorcida e rápida.

⁷⁹ Micro gravadoras e produtoras.

Dentro dessa nova cena, havia algumas bandas que desejavam romper com os selos e assinar com grandes gravadoras e com isso aparecer nas rádios e programas de tv. Na cena Punk atual acontece o contrário, existe uma efervescência com muitas bandas, selos e distribuidoras, impulsionados pelo ideal máximo do Punk, o “faça você mesmo”, colaborando para uma preservação da autonomia do movimento. Parte destas características do Punk, influenciam diretamente a cena *Underground* esses, que desejavam aparecer em mídias odiadas pelo *Underground*, passaram a serem vistos como vendidos⁸⁰.

O sucesso destas novas bandas que buscavam novos espaços – caso do *CPM 22*, e do *NX Zero*, por exemplo – fez com que aparecesse um grupo muito amplo de jovens desejando fazer parte daquele meio. Quando estas bandas começaram a tocar nas rádios e vários grupos de adolescentes cantavam as músicas nas escolas, assistiam os clipes na TV, e começaram a frequentar as casas de shows, essa nova cena ganhou força e repercussão inesperada para o período, mas foi isso que a derrubou.

Uma vez que o público, as casas de shows, as gravadoras, as rádios, e outros veículos de mídia ganham essa nova cena, a internet já estava popularizada e ferramentas como o *Orkut* e o *Fotolog* ajudaram as bandas e gravadoras a conquistarem cada vez mais fãs, e com isso um holofote foi direcionado para aquela cena *Underground*, que entrou em evidência e ela se transformou em mais um produto do *Mainstream*.

O *Mainstream* nesse momento se revelou como um buraco negro, que engoliu toda cena *Hardcore* dos anos 1990 e 2000 – que era um tanto romantizada, como fica evidente no documentário *Do Underground ao Emo* – e acabou vomitando naquela cena, uma nova tendência do *Hardcore* apegado em características melódicas, o *Emo*, que acabou por definir um lado *Mainstream* do *Hardcore*, defendido como opção pelas bandas e pelos jovens que consomem esta cena.

De acordo com esse documentário, boa parte dos membros da cena que acontecia no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 se afastou daquilo tudo, assim como os punks nos anos 1980. O *Hardcore* nos anos 2000, como o Punk dos anos 1980 viu seu espaço ser invadido por

⁸⁰Um caso parecido aconteceu com a banda Ratos de Porão nos anos 1980. Podemos concluir de maneira superficial que esta classificação está associada ao apego dos jovens pelo *Underground* e a um sentimento de traição por estas bandas que abandonam não apenas o *Underground*, mas também estes jovens que não identificam somente com a cena, mas também – ou principalmente – com a banda.

um grupo⁸¹, que cansou de jogar tênis no clube e quis se mostrar para a sociedade como roqueiros. O *Underground* com isso tudo revelou uma enorme fragilidade nesse período.

Essa nova onda que nasceu no *Underground* dos anos 2000, não tomou conhecimento da relação excludente deste espaço com a grande mídia. Tal dualidade na relação entre *Underground* e a cultura de consumo, aponta uma proximidade pouco evidente entre estes, permitindo até mesmo o surgimento de transeuntes entre estes espaços que não se prendem em nenhum destes polos, tendo acesso a mais opções e variedades de consumo, era uma proposta contrária a apresentada pela contracultura, uma vez que esta ignora determinadas tendências, destacando o problema entre essa relação do *Underground* com a cultura de consumo, pois o *Underground* se perpetua longe de uma lógica consumista.

Essa mesma dualidade vivida pelo underground a partir do início dos anos 2000, foi vivida pelo Punk nas décadas d 1970 e 1980, e isso fica evidenciado em alguns recortes da *Punk Magazine*⁸², que servia como referência musical e visual para os punks nos Estado Unidos.

Com isso, a *Punk mag*, que se afirmava como “a legítima revista Punk”, e se colocava como referência e de certo modo, guiava as tendências punks naquele período, influenciando vários jovens que seguiam o Punk como um estilo.

O Punk, pertence ao *Underground*, e vivencia o *Underground*, mas algumas de suas ações o inserem no *Mainstream*, assim como acontece com o *Hardcore*, e o próprio *Underground*.

⁸¹ Chamados de *Playboys*, *Mauricinhos* e *Posers*.

⁸² Revista referência sobre o estilo e a cena Punk nos Estados Unidos.

2.1 Cenas *Undergrounds* de Atibaia e Bragança Paulista

“a cena do interior não tem muita coisa, mas tem alguma coisa”⁸³

Existe um estudo que analisou o Punk em cidades interioranas e foi realizado por Turra Neto (2009), em que relata como o movimento Punk chegou na cidade de Guarapuava no interior do Estado do Paraná:

Na segunda metade da década de 1990, quando Guarapuava já ultrapassava 100.000 habitantes urbanos, foi que começaram a aparecer os primeiros sinais de que o punk e o hip-hop, em diferentes pontos da cidade, estavam servindo de referência para jovens constituírem suas identidades individuais e seus grupos de amigos. (p. 128)

Conforme o autor:

Em Guarapuava a cena punk se constituiu com mais de 20 anos de atraso em relação a São Paulo. Começou a se estruturar apenas a partir dos anos de 2002 e 2003, quando algumas bandas locais promoveram eventos e deram início a congregação de punks dispersos pela cidade. Ou seja, a cena emergiu numa época em que já era comum a internet, os CDs e as facilidades de gravação de som em que já estavam postas várias tendências em que se fragmentou o movimento punk e as divergências entre elas. (p. 132)

A importância do relato deste estudo de Turra Neto (2009) se deve ao fato de que também foi necessário construir uma história do Punk nas cidades de Atibaia e Bragança, algo parecido com o trabalho realizado por ele na cidade de Guarapuava.

Antes de discorrer sobre as características dos espaços *Underground* na região, para quem é de fora, talvez ao contar um caso que aconteceu com uma outra grande nacional de *Hardcore* em Atibaia ilustre os espaços disponíveis para esta cena na região. No programa *Contos do Rock*, episódio “pela ordem e pela moral” – produzido para um canal de televisão por assinatura e publicado no *YouTube* no dia 24/09/2013 – o baixista da banda *Mukeka di Rato*, Fabio Mazine, contou sobre uma apresentação fatídica da banda em Atibaia. Neste programa o músico entrevistado fica sentado contando histórias de sua banda, como se estivesse em uma roda de conversa com colegas. Mazine conta que o *Mukeka di Rato* iria tocar no segundo andar de uma loja no centro de Atibaia, mas devido a problemas com a polícia, que não queria autorizar o show – segundo a entrevista de Mazine alguém havia dito que a loja poderia receber uma multa – a banda precisou organizar seus equipamentos em silêncio – fato que o Mazine

⁸³ Frase de Quique em depoimento para documentário *Punk roça: Música e conflito no interior*.

caracterizou como um desenho animado – e que após tudo ligado, eles posicionaram algumas pessoas na porta e na calçada para avisar quando a polícia chegasse perto da loja. Perto do fim do show, faltando poucas músicas para acabar, a polícia chega, sobe e questiona o pessoal sobre o show, mas todos estavam preparados e guardaram os equipamentos e desligaram o que não dava para guardar. Mazine brinca com essa situação e além de agradecer a polícia de Atibaia, afirma que a banda deveria “contar” mais com a polícia em seus shows, pois foi a primeira vez que a banda conseguiu tocar todo seu repertório de um show sem ser interrompida e sem enrolar no palco, além do fato de que quando acabou o show tudo foi guardado e arrumado muito rápido e sem reclamação. Por fim, Mazine ri ao lembrar do acontecimento e acaba agradecendo a polícia pela ajuda prestada à banda.



Figura 12 – Principais Rodovias que cercam o município de Atibaia

Fonte: www.atibaia.sp.gov.br

A região Bragantina encontra-se localizada no sudoeste do Estado de São Paulo localizada entre três importantes cidades do Estado – Como mostra o mapa na Figura 12 – a cidade de Atibaia está à 67 km da cidade de São Paulo, 60 km de Campinas e a 90 km de São José dos Campos, e por sua vez, Bragança Paulista, está situada à 17 km de Atibaia, 84 km de São Paulo, 70 km de Campinas e 100 km de São José dos Campos.

Além disso, a região está no centro do maior polo consumidor do país, no cruzamento de duas das mais importantes rodovias para o desenvolvimento da região, do Estado e do país; a Rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte, e a Rodovia Dom Pedro I, que liga Campinas a Jacareí (fig.11).

Esses fatores favorecem a vinda de bandas e a troca de materiais entre os membros dessa cena, além da veiculação de tendências e pensamentos. Outro destaque da proximidade com São Paulo é a proximidade com o berço e maior polo da cultura Punk no Brasil.

A região bragantina está muito relacionada ao turismo. Cidades como Atibaia, Bragança Paulista entre outras, recebem muitos turistas de outras regiões devido ao clima, pelas belezas naturais e principalmente pelas festas características dessas cidades. Em Atibaia temos as congadas e cavalhadas, a Festa do Morango e outros eventos culturais que vem ganhando destaque como o Festival de Cinema, o Festival Internacional de Esportes Radicais e o Carnaval de rua com os tradicionais bonecões. Outros eventos que merecem destaque são as festas juninas e as comemorações do aniversário da cidade que acontecem no mesmo mês, o *Bondori*⁸⁴ festa típica da colônia japonesa, e do Festival de Inverno, o que resulta em uma enorme comemoração com vários eventos simultâneos, e não se pode deixar de lado o Festival Internacional de Cinema de Atibaia. Bragança Paulista apresenta um carnaval com o tradicional desfile de suas escolas de samba, e também os blocos de rua. Festivais temáticos como o Festival de Inverno que sempre apresenta diversas atrações e o Festival de Arte Serrinha, que reúne artistas da região e apresenta seus trabalhos e oficinas.

Assim como Bragança Paulista, a cidade de Atibaia foi fundada no tempo das bandeiras, e com o passar do tempo foi desenvolvendo seu potencial cultural, sem, contudo abrir mão de seus costumes, suas belas paisagens e a preservação histórica de seu patrimônio aliada a proximidade com a cidade de São Paulo a torna um cenário perfeito para o turismo que a vende como o slogan o “Paraíso quase possível na Terra”, entretanto, como tantas outras é uma cidade que possui diversas realidades sociais e territórios em constante processo de desenvolvimento.

Fato que de certo modo desencadeia um conflito específico: a cidade cria uma imagem de “cartão postal”, e com isso passa a ignorar e a esconder as culturas e grupos que não se encaixam nesta idealização, como os punks, que por natureza, tem a intenção de se mostrar, chocar e

⁸⁴ Evento onde são apresentadas musica da cultura japonesa. Tradicional em Atibaia devido a influencia da colônia japonesa instalada na região.

enfrentar todo o consumismo e elitismo criado para apresentar a cidade como uma referência no turismo.

Existe um conflito em relação a essa idealização de cartão postal relacionada às duas cidades, que muitas vezes segregam e marginalizam regiões consideradas “de periferia” e “industriais” ou mesmo “de produção rural”, e os grupos como os punks partem na contra mão desta tendência e buscam revelar tudo aquilo que não aceitam e os desagradam neste processo de embelezamento fictício das cidades.

O Punk chegou em Atibaia muitos anos antes em relação a Guarapuava, mas isso talvez só foi possível devido a proximidade da cidade com grandes centros urbanos do estado de São Paulo, e principalmente o fato de estar situada próxima da capital paulista, com suas lojas de discos e casas de shows, que constituem um fator determinante para a chegada da cena e do movimento na região e a aquisição de materiais das bandas, assim como zines e contatos para eventos da cultura Punk.

Mesmo sem registros oficiais⁸⁵ é possível afirmar que sempre houve um número considerável de punks⁸⁶ em uma cidade com mais de 126.000 habitantes⁸⁷. Em Bragança Paulista – com mais de 158.000 habitantes⁸⁸ – sempre existiu um número maior de punks⁸⁹. Outro detalhe é que Bragança Paulista sempre foi mais ligada a uma cena *rock'n'roll* – independente do estilo, da época, dos ritmos e dos *riffs* – Atibaia, por sua vez, sempre esteve mais influenciada a tendências e estilos veiculados nas grandes rádios e em programas de televisão, por este motivo as casas noturnas de Atibaia sempre se preocuparam apenas em tocar o tipo de música da moda, enquanto Bragança sempre teve espaços para o rock em todas as suas vertentes e estilos.

O Punk em cidades como Atibaia, Bragança Paulista, ou mesmo Guarapuava está fortemente associado com a contracultura⁹⁰, esta que procurava negar a sociedade de consumo, sobrevivendo a partir da criação de uma série de práticas e produtos para enfrentar a cultura

⁸⁵ Conversando com alguns punks da região, alguns afirmam que existiam apenas trinta punks, outros dizem que havia mais de cem punks apenas em Atibaia.

⁸⁶ Não tem como ter certeza deste número, uma vez que não existem dados estatísticos oficiais. Esse dado foi coletado em conversas com os entrevistados e outros membros e simpatizantes da cena Punk em Atibaia.

⁸⁷ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=350410>

⁸⁸ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=350760>

⁸⁹ Que também é impossível afirmar com precisão.

⁹⁰ A contracultura quando foi incorporada à cultura dos hippies estadunidenses na década de 1960, inicia um processo de distanciamento da sociedade de consumo desenfreado, que se formava a partir do crescimento do mercado industrial em todo o bloco ocidental capitalista – Uma vez que naqueles anos acontecia o conflito entre Estados Unidos e União Soviética.

“oficial”, e dessa maneira o *Underground* surge a partir dessas necessidades da contracultura. Por sua vez, o *Underground* enquanto espaço social subjetivo cria uma série de tendências a partir do momento que passa a receber jovens que pertencem aos mais variados grupos.

Enquanto existem semelhanças entre estes grupos sua relação será harmoniosa, mas quando surgem às disparidades, os conflitos aparecem. Tanto essa proximidade quanto esse distanciamento entre os grupos e tribos, indica a existência de fronteiras entre eles. Sobre esta questão, ao discutir a diversidade existente entre os jovens, Pais (1993) sugere atenção às práticas culturais que se dão em contextos vivenciais, cotidianos, no curso das interações e redes de sociabilidade. Dessa forma, os hábitos, as relações grupais, os gestos, os gostos e as práticas culturais combinam-se numa lógica de significação. São signos que comunicam algo para além da aparência. As tribos e os grupos urbanos adotam estes símbolos para se identificarem e se afirmarem como membros de algo maior do que eles mesmos, destacando também certo apego pelo estilo e pelos padrões de um determinado território que frequentam.

O autor coloca a questão da seguinte forma:

Em suma, objectos simbólicos como a música, o vestuário, a aparência, a linguagem, as formas de interacção, são cristalizações expressivas que ajudam a definir a identidade dos grupos, isto é: como todas as construções culturais, os usos simbólicos desses objectos ajudam a expressar e a consolidar uma identidade dotada de ‘coerência interna’ [...]. No entanto, é olhando os jovens segundo os seus quotidianos que melhor nos apercebemos dos efeitos de desigualdades nas práticas de sociabilidade grupais [...]. (PAIS, 1993, p. 106).

Uma vez que o próprio *Underground* já é um espaço onde os seus frequentadores se orgulham por serem diferentes, as diferenças⁹¹ entre os grupos jovens e seus estilos – principalmente a partir de sua cultura musical – que abrangem uma série muito ampla de cenas⁹² associadas ao *rock’n’roll*, ao *Punk rock* e ao *Hardcore*.

A partir do momento que estes grupos jovens associados com estilo musicais se inserem nesse *Underground*, o tem como um espaço social, de lazer e até mesmo uma zona de conforto, onde podem se caracterizar livremente e realizar suas transgressões ao som de sua tribo “ao fundo”, o *Underground* deixa de ser apenas uma classificação artificial para estes espaços sociais e passa a ser compreendido como algo maior.

⁹¹ A adoção de visuais agressivos e provocativos e específicos entre as tribos e grupos urbanos deve-se ao interesse destes em demonstrar sua representatividade e influência perante as outras tribos numa espécie de jogo de poderes a fim de proteger e se impor dentro de seus territórios.

⁹² Tendo como cena, a aproximação de um grupo, e geralmente de um espaço, com alguma tendência musical, da maneira explicada na primeira parte deste capítulo.

Destacando a cena Punk, a proximidade entre os seus adeptos está tanto em seu posicionamento social, quanto em seus ideais e práticas culturais – ambos explícitos em seus símbolos e visuais – mas principalmente em suas músicas. Outro vínculo muito forte entre Punk e *Underground* por causa de sua veia *anti-modismo*⁹³

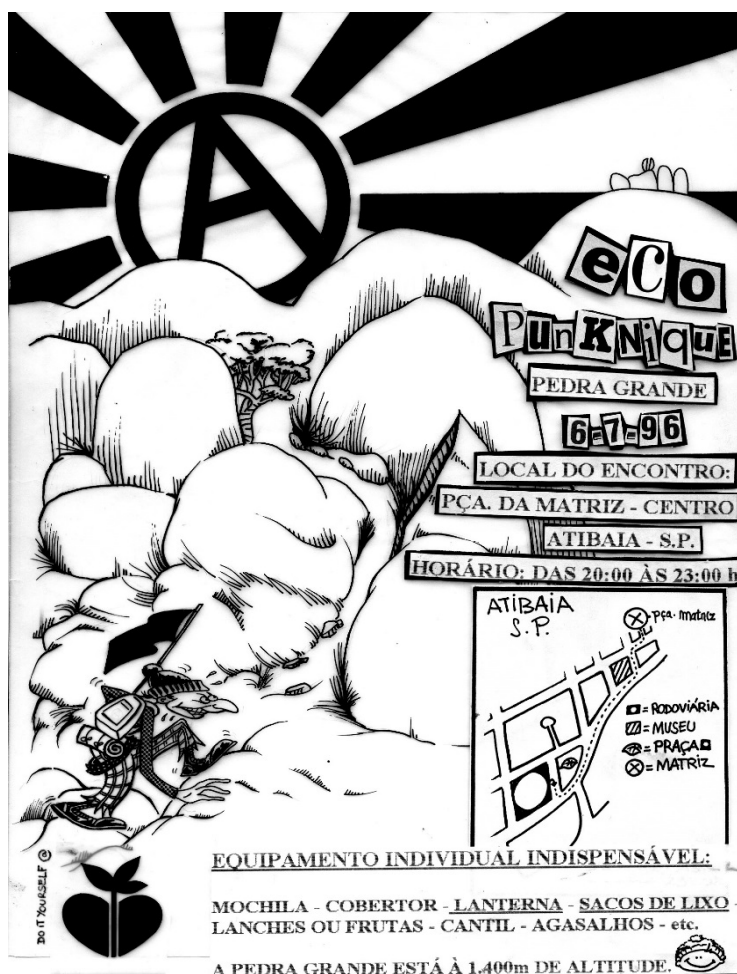


Figura 13 – Cartaz do Anarco-Punk-Nick em Atibaia de 1996.

Fonte: Acervo pessoal.

Atualmente o visual Punk já não causa tanto espanto nas pessoas alheias ao movimento, e alguns elementos de seu visual já foram completamente tomados pelo mercado da moda. Uma vez que o Punk era recusado pelas pessoas nas décadas de 1970 e 1980, o visual e a música Punk influenciaram várias tendências nos primeiros anos do século XXI, fato que reforça – mesmo

⁹³ Pois o Punk tende a se distanciar daquilo que é considerado moda e assim comercializado.

contrariando e possivelmente incomodando os membros deste movimento – a existência de uma Cena⁹⁴ Punk bem caracterizada dentro e fora do *Underground*. O uniforme Punk, que no início do movimento destacava um posicionamento e uma identidade, atualmente é apenas um uniforme e uma máscara que qualquer pessoa pode vestir.



Figura 14 – Cartaz contra o consumismo natalino

Fonte: Acervo pessoal

Um ponto em comum as duas cidades é que não existe uma loja de discos especializada no estilo – na verdade nunca existiu uma loja dessas, o que existe são pessoas que trazem estes produtos e montam pequenas lojas em suas casas ou escolas de música, sendo sempre algo muito pequeno e às vezes desconhecido, e isso acaba refletindo nos festivais do gênero. Para conhecer

⁹⁴ Associada apenas à imagem e ao estilo.

o Punk na região Bragantina, o jovem que não tinha nenhuma relação com algum punk, deveria ir atrás e descobrir o movimento por si só, dinâmica mantida até hoje, pois os festivais, as ações e outras formas de vivência continuam acontecendo sem grande preocupação com a divulgação, forçando as pessoas interessadas a procurarem a cena, o que de certo modo preserva o interesse e um comprometimento maior daqueles que se envolvem com o movimento.

Alguns dos punks da região tendem a realizar algumas ações a fim de manter o movimento vivo nestas cidades. Uma destas ações, que merece destaque foi o *Anarco-Punk-Nick* que aconteceu na Pedra Grande em Atibaia em 1996⁹⁵, e foi um evento organizado pelo Sid com o objetivo de fazer um passeio com características naturais pela cidade e aliar as práticas punks com o meio ambiente na região – que de certo modo destacou uma prática *Straight Edge* em Atibaia, muito antes dessa vertente do Punk chegar à região bragantina. Segundo Sid⁹⁶, o organizador do evento, punks de vários lugares vieram com o intuito de participar.

Outro ponto de destaque é que nas cidades de Atibaia e Bragança Paulista, os conflitos entre os grupos e tribos urbanas, mais especificamente entre os “tipos” de punks são raros, e são casos isolados, isso porque os grupos são muito pequenos, tendendo a um relacionamento harmonioso⁹⁷ nos mesmos espaços, uma vez que os ambientes que abrem as portas para shows de bandas de *Punk rock* são extremamente raros.

Nos anos 1990 alguns punks de Atibaia colavam cartazes pela cidade se manifestando contra as comemorações natalinas e o consumismo da época (fig.14), com o passar dos anos, a atitude dos punks nestas cidades também esfriou.

Atualmente a nova geração do movimento Punk na região quase não realiza mais ações como esta, e sobre suas ações, Sid afirma:

Na minha adolescência o movimento Punk era uma forma de devolver o repúdio que eu sentia pela forma que as pessoas se relacionavam e uma válvula de escape para me expressar com liberdade. Eu me julgava punk por estar às margens de todos os valores que a sociedade contemplava, não tinha dinheiro nem para arrumar os dentes estragados, trabalhava e na época menores não podiam receber nem salário mínimo. (Depoimento cedido pelo Sid em entrevista para esta dissertação.)

⁹⁵ O cartaz do evento está na figura 13.

⁹⁶ Sid é um dos punks mais conhecidos de Atibaia, e aceitou colaborar com a pesquisa desde seu anonimato fosse preservado. Sid (em homenagem a Sid Vicious do *Sex Pistols*) cedeu imagens, zines, e topou realizar a entrevista de onde foi retirado o fragmento acima.

⁹⁷ Eles tinham os mesmos interesses, que eram defender seus ideais e demonstrar sua insatisfação. O anseio por shows e eventos na região também influenciou na colaboração que um grupo tinha com o outro.

Neste cenário de shows e eventos cada vez mais raros, se destaca a figura de Quique Brown, que já organizou vários shows e eventos na região. Sua banda é reconhecida em todo o cenário *Underground* nacional e Quique chegou até a escrever um livro sobre a turnê de sua banda pela Europa. Hoje Quique é dono da escola de música *Jardim Elétrico* e nas eleições de 2012 foi eleito vereador da cidade de Bragança Paulista. Alinhado ao discurso em prol do desenvolvimento social e cultural, Quique teve o apoio de jovens que mesmo não pertencendo a um determinado movimento, habitam a cena *Underground*, principalmente em Bragança Paulista, e o elegeram⁹⁸ por julgarem que devido a sua trajetória Quique seria um bom representante da juventude bragantina.

A figura de Quique Brown é reconhecida por punks de regiões mais influentes⁹⁹ no Brasil, como aparece no documentário “*Punk roça: Música e conflito no interior*”, onde é relatado que Quique Brown é uma figura importante para o desenvolvimento e manutenção do cenário Punk no interior de São Paulo.

Durante os anos da gestão do Partido Verde (mesmo partido de Quique Brown) na cidade de Atibaia entre os anos 2000 e 2012 – existiam ações de pessoas ligadas a este partido e à gestão da cidade, que incentivavam a existências de projetos culturais que atendessem ou procurassem atender – os mais variados grupos e estilos urbanos. A maioria destes projetos sempre esteve próxima da arte urbana e de uma cultura influenciada principalmente pelo *Hip Hop*, e nestes anos da gestão do PV eram comuns os shows, as oficinas culturais, e principalmente a divulgação da existência destas culturas, e foi através das oficinas de arte oferecidas na *Galeria Mutante* e no *Centro de Convenções*, que estilos de arte urbana como, por exemplo, o *stencil* fosse desenvolvido e depois trabalhado em muros da cidade com autorizações cedidas pela prefeitura ou por pessoas que passaram a enxergar estes estilos como uma forma legítima de expressão artística.

A *Galeria Mutante*¹⁰⁰ (fig.14) funcionou até o ano de 2012 e era um espaço de propagação e divulgação da cultura e da arte urbana, onde aconteciam exposições, oficinas de

⁹⁸ Para alguns é estranho um punk envolvido na política, para outros, é uma voz forte e necessária, que representa os grupos inseridos no Underground de Bragança Paulista.

⁹⁹ O vocalista João Gordo do Ratos de Porão frequentemente aparece em shows usando o boné da banda de Quique, a Lepstospirose.

¹⁰⁰ Espaço onde aconteciam oficinas de arte urbana, shows de bandas da região e eventos associados com o *Underground*. O espaço também servia como ponto de encontro para muitos jovens. Na foto em questão, o show de despedida da galeria. Nesse dia, além de uma exposição de alguns artistas, aconteceram shows de bandas de punk rock e *Hardcore*, e na calçada algumas pessoas improvisaram uma rampa de skate.

arte e shows de bandas de *Punk rock* da região. Além da galeria, Atibaia ainda possuía dois bares, o *Candangos* e o *Caricatus*, onde os membros da cena Punk se reuniam para trocar ideias, ouvir música Punk, e HC¹⁰¹, e também se divertirem. Hoje em dia apenas os bares ainda funcionam. A galeria fechou com a troca de prefeito na cidade nas eleições de 2012, com a justificativa de restaurar a estrutura antiga do prédio.



Figura 15 – Galeria Mutante – Atibaia-SP.

Foto acervo pessoal

A imagem apresentada na imagem acima foi tirada no evento de despedida da Galeria Mutante em Atibaia, no dia em que a galeria – que era um espaço de shows de rock e propagação da cultura urbana associada com as culturas do Skate, do *Hardcore* e do Punk – foi fechada sendo que atualmente, não existe nenhum espaço como este na cidade.

A falta de espaços como este é uma lacuna no processo de socialização e no desenvolvimento cultural de jovens. Segundo Abramo:

O lazer para os jovens aparece como um espaço especialmente importante para o desenvolvimento de relações de sociabilidade, das buscas e experiências através das quais procuram estruturar suas novas referências e identidades individuais e coletivas – é um espaço menos regulado e disciplinado do que os da escola, do trabalho e da

¹⁰¹ Outros estilos musicais próximos a estes e pertencentes ao Underground também caracterizavam o espaço.

família. O lazer se constitui também como um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida. Podemos dizer, assim, que é uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil (ABRAMO, 1994, p. 61).

De acordo com o autor, o ambiente de lazer pode ser considerado como um formador da linguagem, do imaginário e da cultura dos jovens, e sem esquecer que é uma relação de trocas, pois os jovens tendem a agir e transformar os ambientes que frequentam. Ainda sobre esta ideia de lazer, a autora ainda comenta que:

Isso nos permite enxergar o lazer como uma das dimensões mais relevantes a compor a especificidade da condição juvenil no interior das camadas populares. Não é à toa que será justamente no espaço do lazer e nas atividades ligadas à diversão e ao consumo cultural que poderemos ver surgir modos de expressão dessas novas condições juvenis, da qual fazem parte as críticas ao modo de vida atual e as elaborações referentes às expectativas de futuro. (ABRAMO, 1994, p.66)

É consensual a importância que tais referências assumem nos processos de identificação vivenciados na juventude e nas maneiras pelos quais os jovens criam e recriam seus grupos de pertencimento e amizade e incorporam características e práticas atreladas a tais identificações, as práticas culturais.



Figura 16: Evento de bandas no Kandangos.

Fonte: Acervo pessoal.

Em Atibaia e Bragança, existem alguns bares, como o Karicatus Bar, localizado no Centro de Atibaia, numa rua conhecida como “rua das duas igrejas”, pois possui em suas extremidades igrejas¹⁰². Devido a sua localização, este espaço que reúne boa parte dos músicos e envolvidos com a cena *Underground* de Atibaia. Poucas vezes aconteceram eventos relacionados com bandas, mas impulsionado por seu público, o local divulga e incentiva eventos *Underground* na cidade.



Figura 17 : Evento de bandas n Red Bar.

Fonte: Acervo pessoal.

O *Kandangos Bar*, também situado em Atibaia, é um bar frequentado por punks e excepcionalmente por pessoas ligadas ao *Hardcore* e ao *Underground* de Atibaia. Esse bar fica

¹⁰² A Igreja da Matriz, com sua primeira parte construída em 1665, frequentada por uma elite local, e a Igreja do Rosário, construída por escravos em 1817, para poderem acompanhar as práticas religiosas.

em frente à delegacia de Polícia Civil de Atibaia, e o convívio entre estes espaços e seus frequentadores é muito tranquilo, pois até a elaboração deste trabalho, nunca houve grandes problemas de abusos ou violência de nenhuma das partes. O *Kandangos* é um bar aberto, e todos que passam podem ver seu público e seu interior, a pequena mesa de sinuca sempre tem uma certa fila de espera. No *Kandangos* eventualmente acontece apresentações de bandas da cidade. Lá a trilha sonora sempre caminha bem próxima ao som Punk.

Outro bar de Atibaia, o *Red Bar*, localizado ao lado da pista de boliche, no andar superior de um conjunto de lojas, em uma das ruas mais badaladas da cidade a *Lucas*¹⁰³, sempre funcionou como um bar de Karaôkê e para jogar sinuca, mas sempre teve uma trilha sonora e um público voltado para o rock e suas vertentes. Nunca foi um bar frequentado exclusivamente por punks, mas já foi um espaço destinado a um público próximo da cena *Underground*. Em algumas ocasiões – Como na imagem 16 – O espaço retirou suas máquinas de Karaôkê e permitiu que bandas de Punk rock e *Hardcore* se apresentassem.



Figura 18: Foto tirada do palco da Taberna Dharma durante um show.

Fonte: Acervo pessoal

¹⁰³ Alameda Lucas Nogueira Garcez, conhecida também como “estância”.

Em Bragança entre 2003 e 2011 existiu o bar *Taberna Dharma Rock*, que recebia shows de várias vertentes de rock e que em muitas ocasiões também abriu as portas para as bandas e o público Punk da região. Localizada em uma avenida movimentada do centro de Bragança Paulista. O bar não era muito grande, o palco era minúsculo, para ajudar ainda tinha uma mesa de sinuca e algumas máquinas de fliperama pelo lugar. Pensar em comer ali era um luxo, no máximo o dono e os garçons do bar serviam cervejas e algumas bebidas. O bar ficava no subsolo de um prédio. Geralmente os frequentadores ficavam na calçada fugindo do calor esperando a banda começar, e assim que a banda começava a tocar, e suas músicas tomavam conta do lugar, todos desciam para o espaço exprimido. Em sua melhor época, era raro um fim de semana sem algumas bandas, ou algumas pessoas com instrumentos se apresentando por lá. Quando o *Dharma* fechou, muitas pessoas fiaram sem seu ponto de encontro e fonte de novidades musicais.

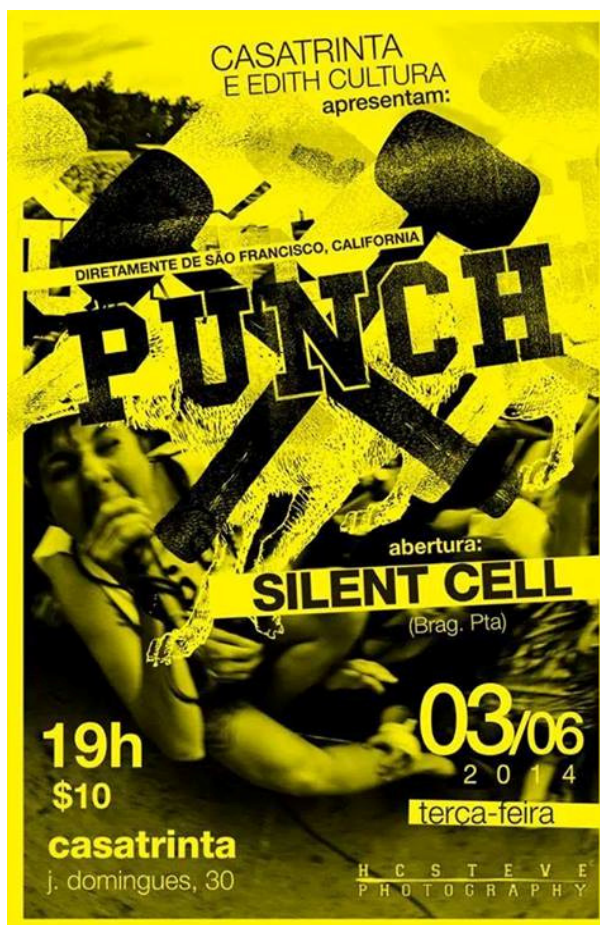


Figura 19: Cartaz de show de bandas na Casa 30 divulgado pelo Facebook.

Existia na região, a *Casa 30*, localizada em Bragança Paulista, um espaço que era um coletivo¹⁰⁴ habitado por alguns jovens que mantêm o espaço da casa aberto para shows de bandas pertencentes à cultura *Underground* e para eventos que promovem a arte urbana da região e debates entre os mais engajados. A *Casa 30* promovia shows, eventos e oficinas, e parte do – insignificante – lucro obtido com estes eventos os moradores mantêm a casa funcionando. Além dos shows, o coletivo recebe bandas e artistas *Underground* brasileiros e estrangeiros. O Espaço é um dos coletivos associados ao *Fora do Eixo*¹⁰⁵, não necessariamente próximo ao Punk ou ao *Hardcore*, a proximidade com essa cena se deve aos próprios moradores e bandas de Bragança Paulista que frequentam o espaço.



Figura 20: Evento de bandas no Clube Literário de Bragança Paulista

Fonte: Acervo pessoal.

¹⁰⁴ Espaço mantido por um grupo onde acontecem diversas práticas apegadas a cultura *Underground*.

¹⁰⁵ Grupo que organiza vários coletivos pelo Brasil e em outros países, a fim de apoiar a cultura *Underground*.

O Clube Literário de Bragança Paulista, localizado no centro da cidade em um prédio antigo, é um espaço que abre as portas para vários artistas da região, e sempre acontecem alguns shows de algumas bandas no local. É raro o clube ficar muito tempo sem receber alguma banda para se apresentar. Os grupos de artistas alternativos – a maioria sem muito apoio – aproveitam o espaço para organizar eventos e shows. É um espaço eclético, mas que frequentemente abre suas portas para o público *Underground*.

O antigo *Bar do Chups* também é um local que já fechou e também deixou muitas pessoas com saudades. O *Chups* ficava próximo ao lago de Bragança, que além de ser um local onde as pessoas se exercitam e se encontram, é um dos pontos mais badalados de Bragança, com vários barzinhos e casas noturnas na região. O *Chups* ficava em uma elevação atrás do Habbib's na margem oposta aos barzinhos do lago. Boas partes dos punks de Bragança passavam por lá com frequência. Além de um ponto de encontro o dono e todo o ambiente aderiam ao Punk e com isso surgia uma aproximação natural entre os frequentadores e o espaço.

Na região bragantina, acontecem alguns festivais de bandas *Underground* de vários estilos, a maioria deles em Atibaia, e isso se deve a dois fatores, primeiramente a músicos e bandas que sempre se preocupam em garantir um local e uma divulgação para promoverem esses festivais, sempre com várias bandas. Em segundo lugar a pessoas que estão próximas a estes grupos, faz uma aproximação com o poder público, seja através de secretarias de eventos e cultura, ou com participações mais ativas, como a de Quique Brown em Bragança Paulista.

Na cidade de Atibaia, o festival mais famoso é o *Abrigo Atômico*, mais próximo da cena *Trash metal* – que também pode ser inserida na cena *Underground* – e em Abril de 2014 teve sua décima quinta edição, organizado por bandas e músicos interessados em manter suas cenas ativas. Outro festival realizado em Atibaia, mas desta vez em parceria com a prefeitura, foi o *Grito Rock*, que aconteceu em 2012 no maior espaço de eventos de Atibaia, o *Centro de Convenções*, e reuniu uma das bandas mais emblemáticas das cenas Punk e *Hardcore* do Brasil, o *Ratos de Porão*.

Em Bragança Paulista, por outro lado, não acontecem tantos festivais como em Atibaia – eventos em bares e promoções de bandas realizadas por escolas musicais neste estudo, não se encaixam na categoria de festivais – mas como atualmente Bragança conta com a figura de Brown, e da *Casa 30*, muitas bandas e artistas conhecidos da cena Punk e *Hardcore* mundial, tem se apresentado na cidade desde 2014.

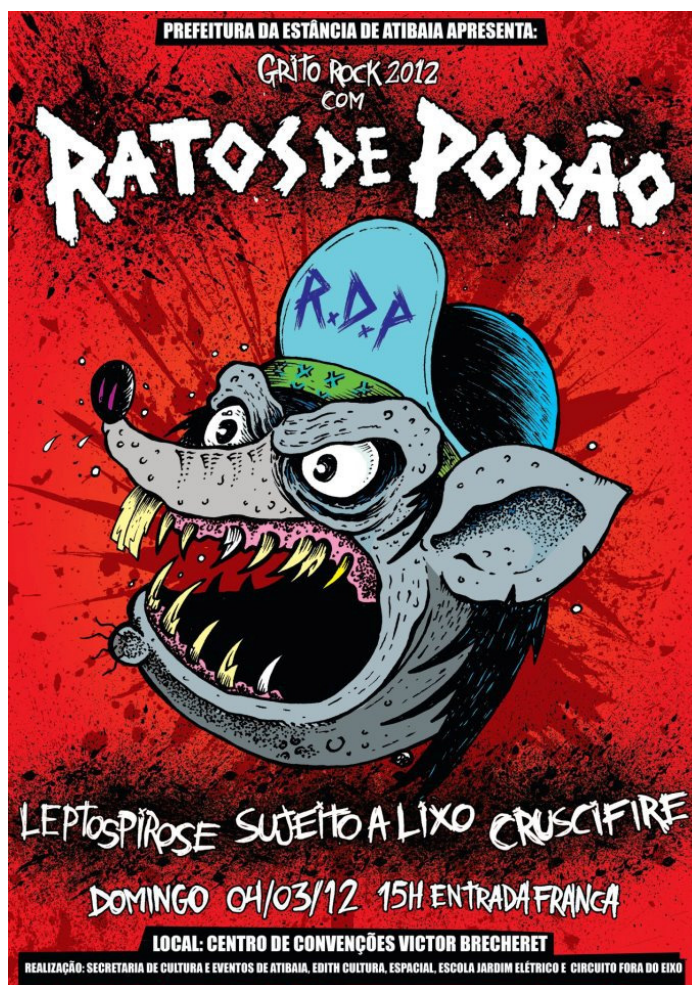


Figura 21: Cartaz do Grito Rock de 2012.

Diponível em <http://espacoedithcultura.blogspot.com.br/2012/02/neste-domingo-tem-ratos-de-porao-no.html>

Em Atibaia, existe um dos poucos *squatts* em atividade no Brasil, alguns chamam de *Casa Reciclada* e outros de *Lama Negra*. Além das práticas e da produção dos punks realizadas ai, o espaço se configura como um foco de resistência à cultura imobiliária da cidade, uma vez que o preço dos imóveis não para de crescer, a ocupação se configura como um espaço de convívio e de reconhecimento para os adeptos do *squatting*, como mostra a reportagem: “Atualmente, ainda há grupos existentes no Brasil. Em Atibaia, interior de São Paulo, há a *Casa Reciclada*. Na periferia de Curitiba, existe a *Kaazaa*, que já completou 13 anos de ocupação. Em Blumenau, há o *Corcel Negro*. Em Porto Alegre, a *Kasa de Kultura*.” (Disponível em: <http://anarquismoverde.org/arquivos/1105>).

O *Squatt* como espaço constituído pela ação de ocupação e construção de hippies, anarquistas e punks, geralmente não se aproxima de coletivos e associações como o Fora do Eixo, por causa da autonomia geralmente desejada pelos moradores do squatt, mas as práticas e as atividades que acontecem nestes espaços podem sim, muitas vezes, serem aproximadas.

Algumas vezes no ano, acontece em Atibaia um evento de poesia crítica e libertária – poesia marginal como alguns punks gostam de chamar – chamado *Sarau do Manolo*, que sempre acontece em locais públicos e abertos pela cidade. O evento conta com todos os tipos de pessoas interessadas, e essa característica, de atrair os interessados, que literalmente procuraram conhecer e saber mais sobre o evento, possivelmente revele a característica de abrangência do *Underground*.

Sobre as bandas de *Punk rock* e *Hardcore* da região, escolhi três bandas para analisar, duas por suas músicas, e uma pela capa de seu disco, todos estes elementos de análise, apegados a características de protesto, e sobre esse aspecto do protesto, elemento presente na música Punk, e em boa parte das bandas apegadas em ideais contraculturais e ao *Underground*. Para Hobsbawn, o protesto, como elemento de análise para a produção musical de bandas *Underground*, se revela algo secundário:

O motivo do protesto do jazz é, para nós, secundário. Os protestos que os gaiatos da Califórnia, ou que os adolescentes ingleses, os africanos de Johannesburgo, ou os stilyagy de Moscou procuram expressar através dele variam de um grupo para outro, e para os diversos grupos de negros americanos. Eles também são de níveis de seriedade variável. Seria tolice reduzir todos a um denominador comum; no entanto eles tem isso em comum. O jazz por si só não é consistente politicamente ou revolucionário. As vozes que gritam ‘Não gostamos disso’ não devem ser confundidas com ‘Isso tem que continuar’ e menos ainda com o slogan ‘Temos que revolucionar isso’. Nem a não ortodoxia musical deve ser tomada por uma não-ortodoxia em todos os outros aspectos; da mesma forma que a não-ortodoxia do ladrão com relação às leis criminais não implica pontos de vista não convencionais a respeito de política. Na verdade, antes de ser adotado por grupos de intelectuais, o jazz prestava-se muito menos a revolução política do que outros gêneros de música popular, como os hinos religiosos, por exemplo. E há uma forte razão para isso (HOBSBAWN, 1989 p.340).

Para este estudo, o protesto presente não apenas no *Punk rock*, é essencial, pois aproxima todo um conjunto de bandas, e conseqüentemente as pessoas que escutam essas bandas, espalham aspectos associados com a contracultura com suas músicas. Uma das características marcantes do *Hardcore* e de algumas bandas de *Punk rock* é a técnica gutural para cantar suas músicas utilizando berros, e isso não é apenas mais um elemento utilizado para chamar a atenção e chocar a sociedade como muitos podem pensar, mas os berros têm como principal objetivo calar uma sociedade considerada doente e fazer com que ela acorde de um coma.

A capa do disco da banda bragantina *Desvio de Conduta* (fig. 22), mostra uma menina de corpo magro berrando para algo que não aparece na imagem, com predomínio de tons de cinza e alguns detalhes em vermelho. Essa banda tem como característica fazer um tipo de música apegado à violência sonora, com cantos guturais, bateria sendo surrada e uma guitarra agressiva, além de distorcida e rápida. As letras dessa banda são carregadas de mensagens e ideais contrários a toda cultura de consumo impregnada em cidades como Atibaia e Bragança Paulista, e através de suas atitudes e canções tentam espalhar mudanças de comportamento e ideais construindo um estilo contestador e provocador.



Figura 22: Capa do disco do Desvio de Conduta.
Fonte: Acervo pessoal.

Mesmo estilo presente nas letras da banda atibaiense *Sujeito a Lixo*, também influenciada por essa ideia de espalhar uma cultura reflexiva e contestadora. Suas letras além de serem críticas, são subjetivas, e isso se revela algo proposital a fim de fazer aqueles que escutam essas músicas pensarem sobre a sociedade em torno deles. Na canção a seguir, fica claro o

posicionamento da banda em relação a um estilo de vida considerado ideal e as ideias propagadas em grandes meios de comunicação¹⁰⁶.

SUJEITO A LIXO – CARPE DIEM

*Não quero me tornar profissional em reclamar
Mas ver beleza no concreto que invade a mata e faz árvore agonizar
É rima que dá liga a samba de quinta
Espero que ainda restem árvores clássicas pra chorar debaixo
Uma amendoeira talvez, um pé de acerola
Para quando chegar o dia em que pedirem a cabeça
Dos heróis anônimos que não estão na Globo
Que suaram a camisa por dias de glória!!*

Nesta primeira canção, a banda protesta contra vários elementos considerados como inimigos pelos punks, como o mercado de trabalho considerado exploratório, a degradação do meio ambiente e um veículo de mídia tido como um dos maiores vilões da alienação social. Em outra canção da banda, é possível reparar em detalhes semelhantes:

SUJEITO A LIXO - MIXORDIA¹⁰⁷

*Arte mal interpretada / justiça deturpada
Salário mínimo moído no crediário
Carregar a cruz dos desafios diários
Aceitação em miséria de um amor necessário
Ser contestador e ser solidário
Altruísta concebido num pensamento lavado
Há, com clareza, luz no final deste túnel
Tirar as vendas não é o suficiente
Será preciso abrir a mente para contemplar seus olhos.*

¹⁰⁶ Como evidenciado na abordagem sobre contracultura, considerado por muitos como o grande inimigo do movimento Punk.

¹⁰⁷ Os trechos das músicas da banda *Sujeito a Lixo*, podem ser visualizadas em sua página no Facebook. <https://pt-br.facebook.com/sujeitoalixo>.

Nesta segunda canção, os alvos são praticamente os mesmos. A banda utiliza elementos críticos, apoiados em palavras cuidadosamente posicionadas – que pode ser um mecanismo para chamar a atenção de pessoas alheias ao movimento, para suas causas; ou simplesmente uma questão estética na hora da composição – letras curtas para as canções que prontas duram menos de dois minutos, na maioria da vezes chegando a menos de um minuto. O ritmo acelerado e o vocal gutural, possivelmente expressem um misto de anseio e desespero por propagar sua mensagem. A outra banda escolhida para ser analisada é a *Leptospirose* de Bragança Paulista, seguramente a banda de *Punk rock* e *Hardcore* mais influente da região bragantina.

LEPTOSPIROSE – ALMOÇO / QUE BEM¹⁰⁸

*no distúrbio da passagem eu estou atento
com o que está acontecendo com o seu entretenimento
mudar de ideia não me faz trocar de coração faltando idéia lalalalalala...
eu tenho a força contrária para deixar doente o seu positivismo
lavrador de teleencéfalograma de rocambole
tapete de terra vira jardim que bem me faz
janela aberta os carros te esmagam
um mês canarinho arapuca não foi tv poste digitado para o rei
a sorveteria está aberta não me resta condizer o que eu não disse
e ainda é pra explicar o cigarro a buzina o prédio e o farol*

Nessa primeira canção, assim como nas analisadas anteriormente, a banda ataca uma série de alvos, mas deixa em evidência, uma brincadeira relacionada com a televisão, a ideia de *Teleencéfalograma de rocambole*, como uma prática dos meios de comunicação voltados para o entretenimento como responsável, pela alienação social, uma crítica presente em várias canções de bandas de *Punk rock* brasileiro. Já a segunda, apresenta uma crítica voltada a um problema da região onde os integrantes daquela banda moram.

LEPTOSPIROSE – ESGOTO¹⁰⁹

*Olhe para o alto nuvem carregada
Bueiro entupido e obra parada
Na periferia começam a rezar*

¹⁰⁸ Disponível em <http://letras.mus.br/leptospirose/1727010/>

¹⁰⁹ Disponível em <http://musica.com.br/artistas/esgoto/m/leptospirose/letra.html>

*É mais uma enchente não dá para acreditar
 Olha o piscinão de nada resolveu
 Esgoto a céu aberto, o povo se fudeu
 A água está subindo, a favela está isolada
 Fuja para o telhado não dá para salvar nada
 Leptospirose (contamina a meninada)
 Leptospirose (governo não faz nada)
 Leptospirose (mais um corpo na enchurrada)
 Leptospirose (governo não faz nada).*

Nessa música, o *Leptospirose* canta em protesto contra um problema corriqueiro na região, os alagamentos e enchentes. Por mais que a banda faça algumas ironias com o nome da banda, e na própria canção com esse problema das cidades, fica claro na letra da canção o posicionamento da banda sobre estes problemas, identificando um padrão de enfrentamento e posicionamento das bandas contra aqueles que pouco fazem para reverter essa situação e chegam a ignorar estes problemas, e isso levanta o fato de que analisando estas canções, é possível encontrar relações entre a contracultura e os ideais das bandas.

Através das pesquisas realizadas sobre o movimento Punk e suas aproximações com o underground, e as relações entre estes punks com os espaços das cidades – conflitando ou não, mas se impondo com os outros grupos sociais destes meios urbanos – analisando os espaços e as vivências destes meios, se torna evidente a relação da criação da identidade Punk, tanto para os frequentadores dos espaços, quanto para os próprios espaços – estes se tornando “espaços do Punk” – indicando um jogo de forças, que resulta na construção de um meio *Underground*.

O próprio reconhecimento destes punks com os sujeitos e os espaços cria uma subjetivação sobre estes e nas relações entre eles, indicando um posicionamento “dos punks sobre os outros”. Estes espaços se tornaram parte da identidade Punk – não apenas em Atibaia ou Bragança Paulista, mas se repete em qualquer cidade onde exista o movimento Punk – e assim como todos os elementos de sua identidade, os punks não aceitam a apropriação e a exploração deste espaço por outros que não sejam os próprios punks.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do estudo apresentei subsídios que possibilitaram a análise da relação entre o movimento Punk e o *Underground*. A investigação que empreendi sinaliza que o *Underground* constitui uma série de práticas e ambientes frequentados por aqueles que buscam cenas musicais alternativas.

Os elementos estudados podem ser lidos de diversas maneiras, por pessoas diferentes e momentos diferentes, sendo esta uma característica inibidora de qualquer construção absoluta, feita sobre os objetos de estudos selecionados para a realização dessa pesquisa. Sem abandonar a proposta apresentada na introdução, elaboro alguns pontos que analisam o *Underground* a partir daquilo que a bibliografia aponta um caminho pra interpretar o que pode ser a História do movimento Punk, e parte de um conjunto das atitudes marcantes deste movimento.

Atualmente, o Punk pouco choca a sociedade em comparação ao que acontecia nos anos 1970, e da mesma maneira que as práticas contraculturais de um movimento como o *Provos* em Amsterdã se tornaram ultrapassadas perante a sociedade e as autoridades daquela cidade, elementos clássicos do Punk também se tornaram um tanto comuns. O Punk atualmente pode ser interpretado como um estilo de vida baseado em ideais de confronto com o poder vigente.

Dessa maneira, os punks se tornam próximos do *Underground*, pois este é um posicionamento adotado não apenas por punks, mas também por vários outros grupos sociais que se voltam contra a indústria cultural, ou mesmo contra políticas e práticas de abusos contra estes grupos. Ainda sobre esta indústria cultural, e retomando a ideia de Hobsbawn sobre a história das artes, é possível interpretar o *Underground* e a vasta gama de grupos inseridos nele, e suas práticas como a arte caracterizada por ele como a dos comuns. Não que estes comuns sejam necessariamente alguma minoria pobre ou explorada, mas os comuns são aqueles que não aceitam os bens e valores impostos por uma cultura cada vez mais tecnocrata. As práticas de todos os membros de cenas e movimentos que se aproximam do *Underground* podem se configurar como ações contra essa cultura, e no caso do Punk, enquanto movimento de contestação com uma história riquíssima, essas práticas estão diretamente associadas ao ideal do “faça você mesmo”, que possibilitou tanto para o Punk, quanto para o *Underground*, não apenas um crescimento como cena musical, mas também de certo modo, como elementos de referência para outros grupos e tribos.

Assim os elementos da contracultura que influenciaram os punks, também permitem uma aproximação direta com o *Underground*. Considerando o *Underground* um posicionamento – ou mesmo um conjunto de sentimentos – adotado por aqueles que buscam alternativas para barrar aquilo que é empurrado por uma cultura vigente.

Parte das relações entre Punk e *Underground* podem ser comprovadas a partir de práticas contraculturais. E sobre o Punk, uma das influências contraculturais, é a própria relação com a Anarquia, sentida por cada punk de uma maneira, e é provavelmente a partir desse sentimento, que as práticas culturais são alavancadas.

Por meio de toda literatura analisada neste trabalho, parte das ações culturais dos punks podem ser aproximadas a um enorme conjunto de ações de outros grupos e tendências com características contraculturais, como o *Hardcore* ou o *Provos* de Amsterdã – uma vez que as práticas do deste grupo, se tornaram algo esperado, e perderam sua essência, atrelada ao elemento surpresa, mas criando mesmo sem intenção, todo um conjunto de práticas copiadas por outros grupos contraculturais – muitas vezes próximos de ações confrontantes.

As práticas do Punk, buscam essa essência do enfrentamento, sem abandonar o reconhecimento, que também era almejado pelos membros do *Provos*, e provavelmente o *Underground* se configure para o punk como um espaço onde esse pode se reconhecer e se proteger ao lado de outros próximos ou iguais a ele, de certo modo, possibilitando a sobrevivência de uma determinada cultura construída a partir de elementos contraculturais.

Cada cidade ou região que recebeu o Punk, vai perceber esses aspectos, de maneiras distintas, e isso por ser exemplificado pelo *Pogo*, pois a partir do momento que a cidade estabelece o ritmo da dança com sua sociedade, a chegada do movimento Punk, altera tudo o que essa dança representa, pois tudo no ato de pogoar, parte contra aquilo que é esperado pela população, seja o ritmo ou a brutalidade da roda punk naquela sociedade. Por esse raciocínio, o Punk não é sentido apenas por quem está dentro do movimento, mas por todos aqueles que mesmo alheios traçam suas definições sobre os membros deste movimento.

Se formos analisar o *Underground* como um espaço, também é possível enxergar um conjunto de relações com o Punk pois nessa leitura, o *Underground* pode ser considerado o ambiente de excelência dos punks, a partir de seu diferencial, anti-música, configurada mesmo que sem querer, como uma forma de um anti-rock'n'roll. Um exemplo da composição desta peculiaridade são os *Sex Pistols*, feios, roupas feias, e cabelos curtos, numa onda contrária ao que

acontecia com o *Led Zeppelin* e outras bandas de rock dos anos 1960 e 1970. Isso se deve ao fato de que nestas bandas os músicos se preocupavam com suas imagens e discursos, e bandas como os *Sex Pistols*, corriam na contramão destas outras. Mesmo o *Punk rock* fazendo parte de uma vertente musical enorme, o *rock'n'roll*, a sonoridade e as bandas, acabam realizando um anti rock, uma vez que elas pretendem ir ao contrário do caminho tomado pelas bandas de rock.

Claro que existem casos como o já citado de João Gordo, que segundo alguns críticos, abandonou seus ideais e deixou de lado sua postura de enfrentamento para seguir por um caminho próximo ao *Mainstream*. Por outro lado, isso aponta para uma característica plural do movimento Punk, denunciada na subjetividade de cada um, de aceitar e viver o punk a sua maneira, afinal um movimento contestador também pode receber contestações de seus próprios membros, alguns mais radicais que os outros.

Outro elemento a ser considerado, sobre o *Underground*, é o surgimento de espaços diferentes dos ambientes que viviam o *rock'n'roll* das grandes gravadoras, a fim de quebrar o padrão estabelecido sobre o que era considerada a música da juventude contestadora, e isso, ao que tudo indica, atraía, de uma maneira incontrolável, os punks para estes lugares repletos de elementos alternativos a tudo o que era oferecido, desde os anos 1950. Dessa forma, é possível considerar estes ambientes do *Underground* como formas de anti-espço, permitindo a abertura de locais marcados pelas práticas punks, e considerados como “aqueles onde as pessoas não querem estar”, por causa da aparência suja e desleixada, ou mesmo abandonada daqueles ambientes.

Por outro lado, o *Underground* é algo amplo, e que permite a frequente aproximação de aspectos do *Mainstream* em seu território, e é nesse momento que o Punk, o próprio *Underground* e outros movimentos estampam sua indignação perante a apropriação de seus elementos de reconhecimento.

Essa relação do Punk com o *Underground* em cidades pequenas permite uma reflexão sobre a amplitude do *Underground* e a relação deste com outras tribos e cenas diferentes próximas ou distantes do Punk, e, a partir desta reflexão, podemos considerar alguns pontos chave para obter algumas respostas, e um deles, é o que eu vou chamar aqui de *Buraco*, o bar, ou espaço nem sempre frequentado apenas pelos adeptos do *Underground*. Nos anos 1960 e 1970 havia multidões de jovens alienados de movimentos e ideologias, mas apegados a uma noção sobre um determinado estilo de cena ou tendência musical, que frequentavam os mesmos porões

que jovens punks, e o mesmo exemplo pode ser dado com o que aconteceu com o CBGB em Nova Iorque e o Hangar 110 em São Paulo. Em alguns casos, o Buraco, deixa de ser “só mais um espaço” e se torna “o Buraco de luxo”, ainda com elementos do *Underground*, mas apropriado para o *Mainstream* e seu público.

Assim como o Punk, outros movimentos e cenas cabem no *Underground*, mas o contrário não é recíproco, e isso acontece porque além dos bares, casas de shows e espaços e características e elementos visuais e subjetivos do Punk, assim como do *Hardcore*, do *Hip Hop*, do *Trash metal* – e muitos outros não citados – são considerados – até numa relação romântica – como exclusivas deles, e assim podem ser consideradas um tanto limitadas, e provavelmente constituintes de algo maior responsável por caracterizá-las como *Underground*, mas todo o *Underground* não cabe dentro do Punk, ou de qualquer outro movimento ou cena, ou grupo, que atenda apenas seu público.

Retomando a bibliografia selecionada voltada para o tema da contracultura, tanto O’Hara (2005), quanto Pereira [S.d], quanto Guarnaccia (2010), afirmam que essa é o conjunto de práticas contrárias a tudo o que é imposto por uma cultura vigente, marcada muitas vezes pelo conservadorismo e pelo consumismo, além de uma questão de ideais perante uma massa alienada. Se formos considerar o *Underground* como o espaço receptor – e muitas vezes gerador da contracultura – é possível compreender o *Underground* como um espaço ao mesmo tempo abrangente e segregador, pois o posicionamento dentro dos ambientes do *Underground* são tomados por opiniões e considerações dos grupos aliados a esta contracultura.

Talvez a maneira e a época em que o Punk chegou em cada cidade interiorana do Brasil – como é possível observar também nos textos de Turra – tenha sido de uma maneira bem diferente da outra, mas não podemos deixar de reparar em elementos comuns como o reconhecimento do Punk em cada cidade, tanto por seus membros quanto pela sociedade em volta deles, a partir das práticas e interações dos punks com a cidade. A partir do momento que temos elementos culturais regionais tradicionais, como festas típicas ou datas importantes em provavelmente todas as cidades ou regiões, também é possível presenciar a edificação de uma identidade cultural para cada uma destas cidades. Cada um destes elementos culturais interferem de várias maneiras no reconhecimento e na interação com os punks, ou dos próprios punks.

Levando estas considerações para as cidades onde realizei a pesquisa, e visando responder a segunda questão e os elementos que possibilitam reconhecer as relações entre o

movimento Punk e o *Underground* em cidades interioranas como Atibaia e Bragança Paulista, antes de me preocupar com a resposta, é preciso considerar o fato de que não é porque foi assim nestas cidades que será assim em todas as outras cidades interioranas, e também vale destacar que as peculiaridades regionais de cada cidade – Mesmo pequena ou interiorana – podem sim influenciar no recebimento do Punk. Tanto para aqueles que aderem ao movimento, quanto para aqueles que apenas observam de longe. Essas influências não mascaram as relações entre o Punk e o *Underground*, pois os elementos visuais e uma possível necessidade de se apresentar como anti-música e de configurar seu anti-espço, e promover sua posição em uma sociedade, as práticas contraculturais dos punks se revelam excelentes ferramentas delimitadoras ou construtoras de espaços.

Interpretar os mais variados e complexos espaços de uma cidade – mesmo aqueles que pertencem ao *Underground* – por uma ótica Punk é algo possível, mas também é algo segregador e delimitador de espaços muitas vezes já limitados. O cenário *Underground* presente em cidades como Atibaia e Bragança segue um padrão diferente de lugares clássicos como o CBGB, o cenário destas cidades e sua disposição muda muito e se transforma constantemente, possivelmente estruturando uma relação de resistência e de mutação ao mesmo tempo, possibilitando a consideração de que os punks destas cidades tenham elementos de adaptação como necessários para a perpetuação de sua cultura. A cultura Punk e o *Underground* em cidades como Atibaia e Bragança Paulista apresentam espaços que se aproximaram da cultura Punk em diferentes períodos. O surgimento de espaços *Underground*, também se configura como uma ação de resistência, e pessoas que se dedicam para manter a cena viva, com seus eventos e costumes, se tornam referências locais para os demais membros destes movimentos.

A partir destas considerações é possível ponderar sobre a possibilidade de reconhecer este grupo em cada cidade, a partir de todos os elementos característicos do Punk, mas também é possível cometer erros e generalizações. A bibliografia selecionada aponta para reconhecimentos e aceitações diferentes sobre o Punk, tanto para membros do movimento, ou para pessoas alheias a ele, gerando dessa maneira uma série de distorções sobre a compreensão da história e da atuação do movimento em cada sociedade, e a existência de bandas e zines, cada um com sua mensagem e ideologia, voltados em alguns casos para elementos regionais, pode comprovar esta ideia.

O protesto presente nas músicas das bandas de *Punk rock* de diferentes locais mostra uma relevância enorme, para a pesquisa, diferente da visão de Hobsbawn sobre o protesto presente no Jazz, pois, como os casos analisados no último capítulo desta dissertação, são apontados elementos regionais, e algumas influências de ideais comuns do Punk, como o enfrentamento a uma determinada cultura imposta. Destacando que as bandas de *Punk rock* podem abordar elementos considerados por elas como abusivos em suas sociedades e explicitar a influencia de elementos presentes na música Punk desde os anos 1970.

Considero que o ideal e as práticas do Faça-Você-Mesmo surja como principal elemento de classificação e reconhecimento do Punk e também do *Underground* em regiões como Atibaia e Bragança Paulista. Pois é este ideal que preserva a produção de zines, a existência de bandas, os locais e sociabilidades, em sintonia com a contracultura regional também aparece como grande elemento para essa conclusão, pois é através da contracultura que a cultura local, os costumes, o conservadorismo e mesmos as práticas tradicionais regionais são enfrentadas, e quanto mais conservadora é a sociedade, maior é o choque desta com o Punk.

Podemos chegar a uma conclusão de que a relação de cada cidade com cada movimento varia de cidade para cidade e movimento para movimento, e isso se estende também para a personalidade de cada pessoa que interpreta o movimento Punk – ou qualquer outro – seja dentro ou fora dele. A análise da bibliografia sobre a história do movimento Punk, apresentada nesta dissertação, comprova esta ideia, pois cada período da história do movimento Punk, apresentado em diferentes locais – e no caso brasileiro, em épocas diferentes – causou diferentes impactos em toda a ordem e estruturas vigentes naquelas sociedades.

A cultura Punk se aproxima do *Underground* por sua pluralidade, representada pelos modos de ação, e de reconhecimento entre aqueles que se identificam através de seus ideais, e principalmente por suas práticas contrárias a uma cultura vigente. Tanto o Punk, quanto o *Underground* configuram aspectos de continuidade da contracultura, e assim, atacam tudo aquilo que a cultura vigente, influenciada por uma tendência tecnocrata tende a impor. Ambos se constituem como alternativas adotadas por várias pessoas possivelmente insatisfeitas.

É de se pensar que a sonoridade proporcionada pelas guitarras turbinadas por pedais de distorção, criando uma pesada anti-música, provoquem nos punks um sentimento constituído de um misto de “vontade de resistir” a tudo o que é imposto, de “reconhecimento” dentro de vários porões abafados espalhado pelas cidades, destacando a existência de anti-lugares, dessa forma, o

Punk e o *Underground* constituem tanto a criação do ideal, quanto a apropriação – mesmo que sentimental – de lugares onde as práticas contraculturais que partem de ambos são preservadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: Punks e Darks no espetáculo urbano*. São Paulo. Scritta. 1994.
- ARMAND, E.; BARRUÉ, J.; FREITAG, G. *Max Stirner e o anarquismo individualista*. São Paulo: Imaginário, 2003.
- BROWN, Quique. *Guitarra e ossos quebrados*. Lãjä Records Editora. Vila Velha. 2007.
- CARIAS, Bigunatti Thales. Hardcore no Brasil e Discursos Jovens: Representações da Sociedade de Consumo em Mék Kâncer Feliz (1997) e Sonho Médio (1999). In: ANPUH-SIMPÓSIO REGIONAL DE HISTÓRIA, Natal: RN, 2013. *Anais...* Natal, jul., 2013.
- CAIAFA, Janice. *Jornadas Urbanas*. Exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2002.
- _____. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2007.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- COSTA, Caio Túlio. *O que é o anarquismo*. Brasiliense. São Paulo. 1980.
- ESSINGER, Silvio. *PUNK – Anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- GALLO, Ivone. *Punk: Cultura e Arte*. *Varia História*, Belo Horizonte: Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, vol 24, n. 40 jul/dez. 2008.
- _____. *Punk: Cultura e Arte*. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 24, n. 40, p.747-770, jul/dez. 2008.

GUARNACCIA, Matteo. *PROVOS*. Amsterdã e o nascimento da contracultura. São Paulo: Ed. Conrad. 2010.

HOBBSAWN, Eric. *Bandidos*. Ed. Paz e Terra. São Paulo. 2009.

KEMP, Kenia. *Grupos de Estilo Jovens: O 'Rock Underground' e as práticas (contra) culturais dos grupos 'punk' e 'thrash' em São Paulo*. 1993. 222f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

MCNEIL, Legs & MCCAIN, Gillian. *Mate-me por favor*. Volume I. Porto Alegre. L&PM Editores, 2004.

_____. *Mate-me por favor*. Volume II. Porto Alegre. L&PM Editores. 2004.

MERHEB, Rodrigo. *O som da revolução – Uma história cultural do rock: 1965-1969*. Editora Civilização Brasileira. 2012.

O'HARA, Craig. *A filosofia do punk: mais do que barulho*. São Paulo: Radical Livros, 2005.

OLIVEIRA, Vantiê Clínio Carvalho de. *O movimento Anarco-Punk: a identidade e a autonomia nas produções e nas vivências de uma tribo urbana juvenil*. Natal: Imprensa, 2008.

OLIVEIRA, Valdir da Silva. *O anarquismo no movimento punk* (Cidade de São Paulo, 1980 – 1990). 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PEREIRA, Angélica Silvana. *Somos expressão, não subversão! A gurizada punk de Porto Alegre*. 2006. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *Contracultura*. São Paulo: Circulo do Livro [S.d].

PUNK. *The Bestt of Punk Magazine*. New York: Punk Magazine, 2012.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo. Ática. 1993.

ROMANO, Ruggiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi – Volume 38 – Sociedade – Civilização*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1999.

RUDY, Cleber. Na(s) entranha(s) da(s) cidade(s) – Resistências à organização capitalista da vida urbana. *História Agora*, n.08 jan. 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *Fobópole – O medo generalizado e a militarização da vida urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre o espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

TURRA, Nécio Neto. *Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina*. Editora UNESP. São Paulo. 2004

_____. Punk e Hip-Hop na cidade: territórios e redes de sociabilidade. *Revista Cidades*, vol. 6, n. 9, p.93 – 120, 2009.

_____. *A Difusão da Cultura Punk como Difusão da Ideia de Anarquia*. In: Primeiro Colóquio Território Autônomo, Rio de Janeiro, 2010.

DOCUMENTÁRIOS

BOTINADA: A História do Punk no Brasil. Direção de Gastão Moreira. São Paulo. 2006. Áudio em Português. Colorido. 75 minutos.

PUNK Attitude. Escrito e Dirigido por Don Letts. 2005. EUA. Áudio em inglês. Legendado. Colorido. 87 minutos.

PUNKS. Produção de Sarah Yakhni & Alberto Gieco. São Paulo. 1983. Som. Áudio em Português. Colorido. 35 minutos.

PUNK ROÇA: Música e conflito no interior. Produção e direção de Barbara Bretanha, Bruno Teixeira e Talita Bristotti.

DO UNDERGROUND AO EMO. Direção de Daniel Ferro. Produzido pelo canal BIS.

DOCUMENTOS E OUTRAS FONTES DE PESQUISA

PRETO, Eduardo. *Boletim Informativo*, nº4 (edição única) do Centro de Cultura Social Antônio Martinez de 2008.

El Cardoso. *Zine Rabisco Zero*, nº 0, 2008.

Vários. *Zine La Poema*, S/N, s/d.

Revista Punk Rock. S/N. 1977.

Cartaz do evento: *Dias de cultura Punk: Gerações perdidas*. Distribuído em redes sociais como o Facebook. DEZ 2012.

PICÓN, Matias. *Zine New Pollution*. S/N. 2009.

Punk Magazine. nº1. 1975.

Punk Magazine. nº11. 1977.

Zine punk Attack; 2010; nº5; Recife – Brasil

PROGRAMAS DE TELEVISÃO

Fantástico – 28/10/2007

Fantástico – 11/09/2011

Altas Horas – 14/04/2012

Altas Horas – 21/04/2012

Contos do Rock, episódio “pela ordem e pela moral” – produzido para um canal de televisão por assinatura e publicado no You Tube no dia 24/09/2013

DISCOGRAFIA

Phobia Punk Rockers. Submissão.

Calibre 12. Hino da irmandade Punk .

The Velvet Underground & Nico. Run, run, run.

Ramones. Poison hearth.

Inocentes. Underground.

Inocentes. Restos de nada.

Ratos de Porão. Capitalismo.

Sujeito a Lixo. Carpe Dien

Sujeito a Lixo. Mixordia

Leptospirose. Almoço/Que bem

Leptospirose. Esgoto.

SITES CONSULTADOS

<http://vouescreverumblog.blogspot.com.br/2012/11/anarquia-ritmica.html>. Consultado em 06/02/2013.

<http://punksishippies.blogspot.com.br/>. Consultado em 06/02/2013.

<http://www.facebook.com/GeracoesPerdidas>. Consultado em 06/02/2013.

<http://instintocanibal.blogspot.com.br/>. Consultado em 06/02/2013.

www.atibaia.sp.gov.br. Consultado em 13/03/2013.

<http://bettylivin.com/2012/06/07/rewind-button-the-velvet-underground-and-nico-the-velvet-underground/> Consultado em 10/01/2014.

<http://www.prefixmag.com/news/the-velvet-underground-named-best-new-york-band-of/63955/> Consultado em 10/01/2014.

<http://recordmecca.com/item-archives/ramones-1975-cbgb-handbill-earliest-press-kit/> Consultado em 10/01/2014.

<http://www.rayographix.com/?l=rxeditions&viewproduct=11> Consultado em 10/01/2014.

<http://www.chartattack.com/features/2013/11/13/videoburn-our-five-favourite-performances-from-cbgb/> Consultado em 10/01/2014.

<http://nowyorkcity.com/2013/09/04/cbgb-2/> Consultado em 10/01/2014.

<https://www.facebook.com/177220715665119/photos/a.219279061459284.67522.177220715665119/623358947717958/?type=1&theater> Consultado em 30/04/2014

<http://www.punkmagazine.com/> Consultado em 30/04/2014

<http://anarquismoverde.org/arquivos/1105>. Consultado em 29/05/2014.

<http://www.atibaia.com.br/turismo/turismo.asp?numero=12>. Consultado em 29/05/2014.

<http://www.atibaia.com.br/turismo/turismo.asp?numero=13>. Consultado em 29/05/2014.

<http://www.oatibaiense.com.br/News/20/5352/grito-rock-tera-show-gratuito-da-banda-ratos-de-porao/>. Consultado em 29/05/2014.

<http://espacoedithcultura.blogspot.com.br/2012/02/neste-domingo-tem-ratos-de-porao-no.html>. Consultado em 29/05/2014.

<http://foradoeixo.org.br/>. Consultado em 29/05/2014.

<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/1036663-dupla-paulistana-faz-shows-relampago-na-rua-para-fas-de-metal.shtml>. Consultado em 29/05/2014.

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/okupar-e-resistir>. Consultado em 29/05/2014.

<http://www.youtube.com/watch?v=1S0N52udimI>. Consultado em 29/05/2014.

<http://letras.mus.br/velvet-underground/113637/traducao.html>. Consultado em 29/05/2014.

<http://letras.mus.br/ramones/68380/traducao.html>. Consultado em 29/05/2014.

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=350410>. Consultado em 29/05/2014.

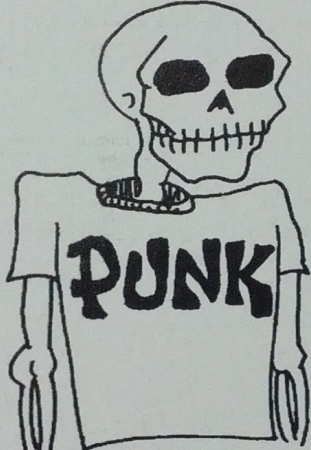
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=350760>. Consultado em 29/05/2014.

ANEXOS

Anexo 1: Propaganda “seja um punk” publicada na revista Punk Magazine. Retirado da Punk Magazine nº1 de 1975.

BE A PUNK.

**WEAR A PUNK
T-SHIRT!**



SEND \$3.00 CHECK OR MONEY ORDER
TO PUNK T-SHIRT

356 10TH AVENUE
N.Y.C., N.Y. 10001

LARGE MEDIUM SMALL

BLACK ON WHITE
 WHITE ON BLACK

NAME _____

ADDRESS _____

CITY _____ STATE _____ ZIP _____

Anexo 2 – Manifesto Underground. Distribuído via Facebook pela página do selo Cospe Fogo.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/177220715665119/photos/a.219279061459284.67522.177220715665119/623358947717958/?type=1&theater>

CONQUEST FOR DEATH MUITAS NAÇÕES, UM UNDERGROUND

SÃO FRANCISCO, TÓQUIO, OAKLAND, MELBOURNE, NOVA YORK, OKINAWA, MILWAUKEE...
"MUITAS NAÇÕES, UM UNDERGROUND" É O MANIFESTO, POR FALTA DE PALAVRA MELHOR,
QUE O CONQUEST FOR DEATH ADERE.

NOSSOS MEMBROS RESIDEM EM TRÊS CONTINENTES E EM TRÊS REGIÕES GEOGRÁFICAS
DIFERENTES DOS ESTADOS UNIDOS, MAS NÃO DEIXAMOS ISSO SER UM OBSTÁCULO PARA
GRAVAR OU FAZER TURNÊS POR AÍ. TEMOS ESCUTADO E COLECIONADO HARDCORE, PUNK,
THRASH, METAL, GARAGE E OUTRAS FORMAS DE MÚSICA ALTA, CRUA E RAIVOSA POR ANOS, E
APESAR DAS DIFERENÇAS EM ESTILOS, NÓS SENTIMOS QUE ELAS SÃO TODAS PARTES DE UMA
MESMA FAMÍLIA.

NÓS IREMOS TOCAR EM UM SHOW DE PORÃO NUM QUARTO CHEIO DE PUNKS OU EM UM
FESTIVAL PARA UMA MASSA DE METALHEADS E ABORDAREMOS AMBOS COM A MESMA
ATITUDE E ENERGIA. NOSSA MÚSICA É UMA EXTENSÃO DE NOSSAS AMIZADES DE LONGA DATA
ASSIM COMO UM VEÍCULO PARA EXPRESSA RAIVA E EMOÇÃO, VIAJAR, VER NOVOS LUGARES,
CONHECER NOVAS PESSOAS E EXPERIMENTAR NOVAS COMIDAS.

A MÚSICA É O DENOMINADOR COMUM QUE COMPARTILHAMOS COM AS BANDAS E PESSOAS
QUE ENCONTRAMOS. DESSAS AMIZADES, NÓS SOMOS CAPAZES DE CONSTRUIR PLATAFORMAS
PARA APRENDER MAIS SOBRE ESTILOS DE VIDA, HISTÓRIA, POLÍTICA, RELIGIÕES, FAUNA,
FLORA E CULINÁRIAS DE REGIÕES E PAÍSES DIFERENTES DOS NOSSOS.

AS LETRAS DE UMA MÚSICA DO CONQUEST FOR DEATH DECLARAM: "**O METAL ME ENSINOU
HISTÓRIA, O PUNK ME ENSINOU GEOGRAFIA**" E ESSAS PALAVRAS SÃO TOTALMENTE
VERDADEIRAS. TOCAR EM UMA BANDA PUNK DIY, UNDERGROUND E VIAJANTE NOS ENSINOU
MUITO SOBRE NÓS MESMOS E SOBRE O MUNDO EM QUE VIVEMOS.

FORMADO NO COMEÇO DE 2006, CONQUEST FOR DEATH LANÇOU DOIS ÁLBUMS "FRONT ROW
TICKETS TO ARMAGEDDON" E "BEYOND THE HIDDEN VALLEY" E JÁ FEZ TURNÊS PELOS
ESTADOS UNIDOS, JAPÃO, ÁFRICA, AUSTRÁLIA E ÁSIA.

CONQUEST FOR DEATH TIRA SEUS MEMBROS DOS INTEGRANTES OU EX-INTEGRANTES DAS
BANDAS: WHAT HAPPENS NEXT?, ASSFORT, CHARM, ARTIMUS PYLE, SAY BOK GWAI, MORBID
LIFE SOCIETY, ALL YOU CAN EAT, YOUR MOTHER, LOVE SONGS, COLBOM, STITCHFACE, HIGH
ON CRIME, HOT LIXX HULAHAN, FUCKFACE, MALACHI, PEOPLE AGAIN, PISSCHRIST, STRAIGHT-
JACKET NATION, SPAZZ, SCHOLASTIC DETH E UMA PORRADA DE OUTRAS.

WWW.CONQUESTFORDEATH.COM | WWW.COSPEFOGO.COM

Anexo 3 – Página do zine *Ação Direta* nº2 de 2009. Acervo pessoal.

Ação Direta
em **Quadrinhos**
a present

Anarquismo Tendências?

"O anarquismo é idéia para se colocar em prática! Proposta de vida livre, responsável e sem alienações..."

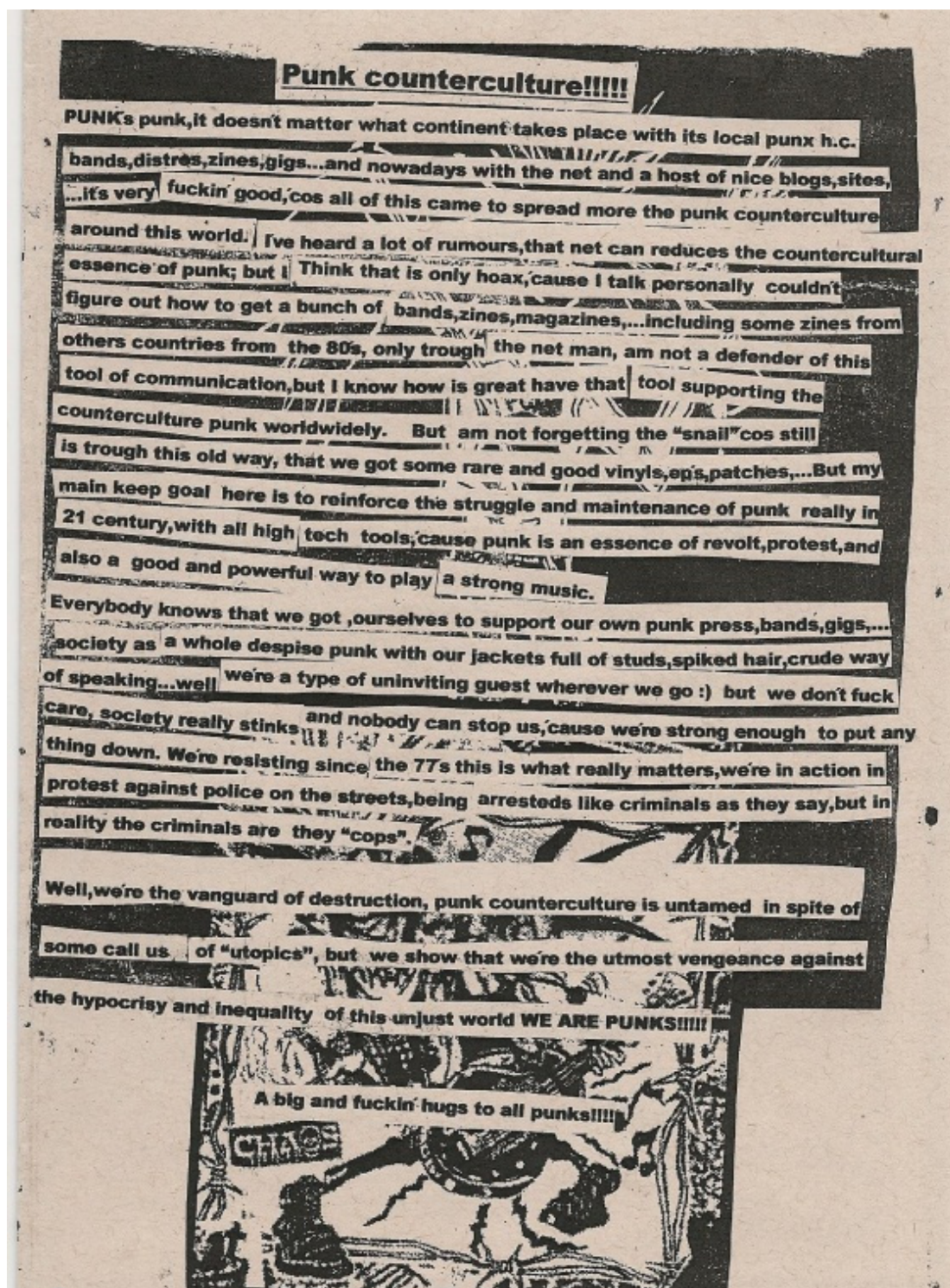


Jaime Cuberos é anarco punk!!! Vivo e presente entre nós.
Anarco punk muito mais que palavras. Movimento político, cultural, social e de resistência ao capitalismo. Guerreiros e guerreiras da periferia!!! Proposta de alternativa ao lixo-cultural que nos é imposto pelo sistema vigente!

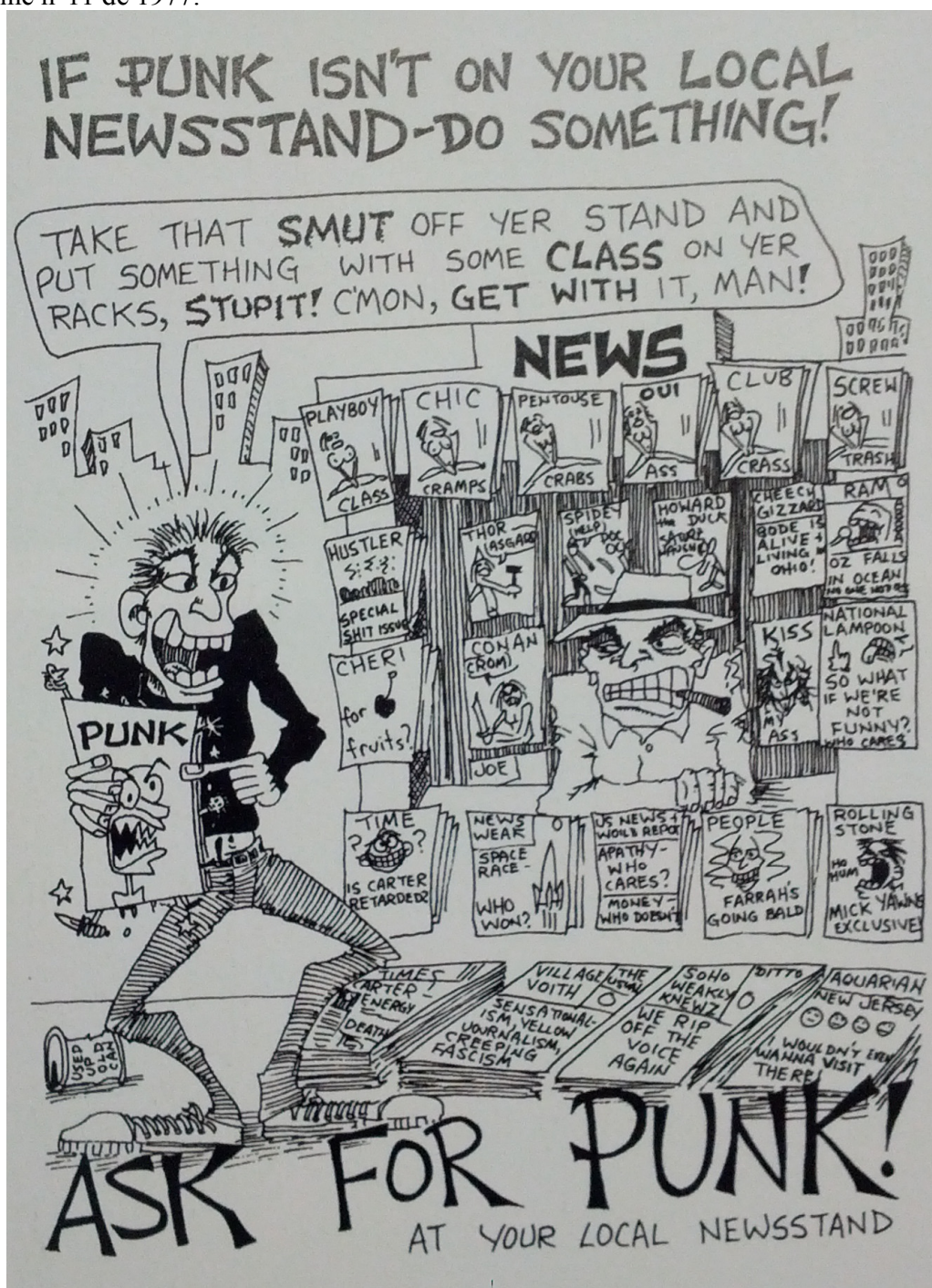


"Assim, sob qualquer ângulo que se esteja situado para considerar esta questão, chega-se ao mesmo resultado execrável: o governo da imensa maioria das massas populares se faz por uma minoria privilegiada. Esta minoria, porém, dizem os marxistas, compor-se-á de operários. Sim, com certeza, de antigos operários, mas que, tão logo se tornem governantes ou representantes do povo, cessarão de ser operários e pôr-se-ão a observar o mundo proletário de cima do Estado; não mais representarão o povo, mas a si mesmos e suas pretensões de governá-lo. Quem duvida disso não conhece a natureza humana".

Mikhail Bakunin

Anexo 4: Página do Zine *Punk Attack* nº5 de 2010. Acervo pessoal.

Anexo 5: Propaganda “Ask for Punk” publicada na revista Punk Magazine. Retirado da Punk Magazine nº11 de 1977.



Anexo 6: Campanha on-line para salvar o CBGB.



Anexo 7: Celebração da cultura Faça-Você-Mesmo (DIY) na casa 30.



Anexo 8: Evento do Squat Lama Negra.


SARAU DO MANOLO

SÁBADO, 25 DE JANEIRO DE 2014

16 H

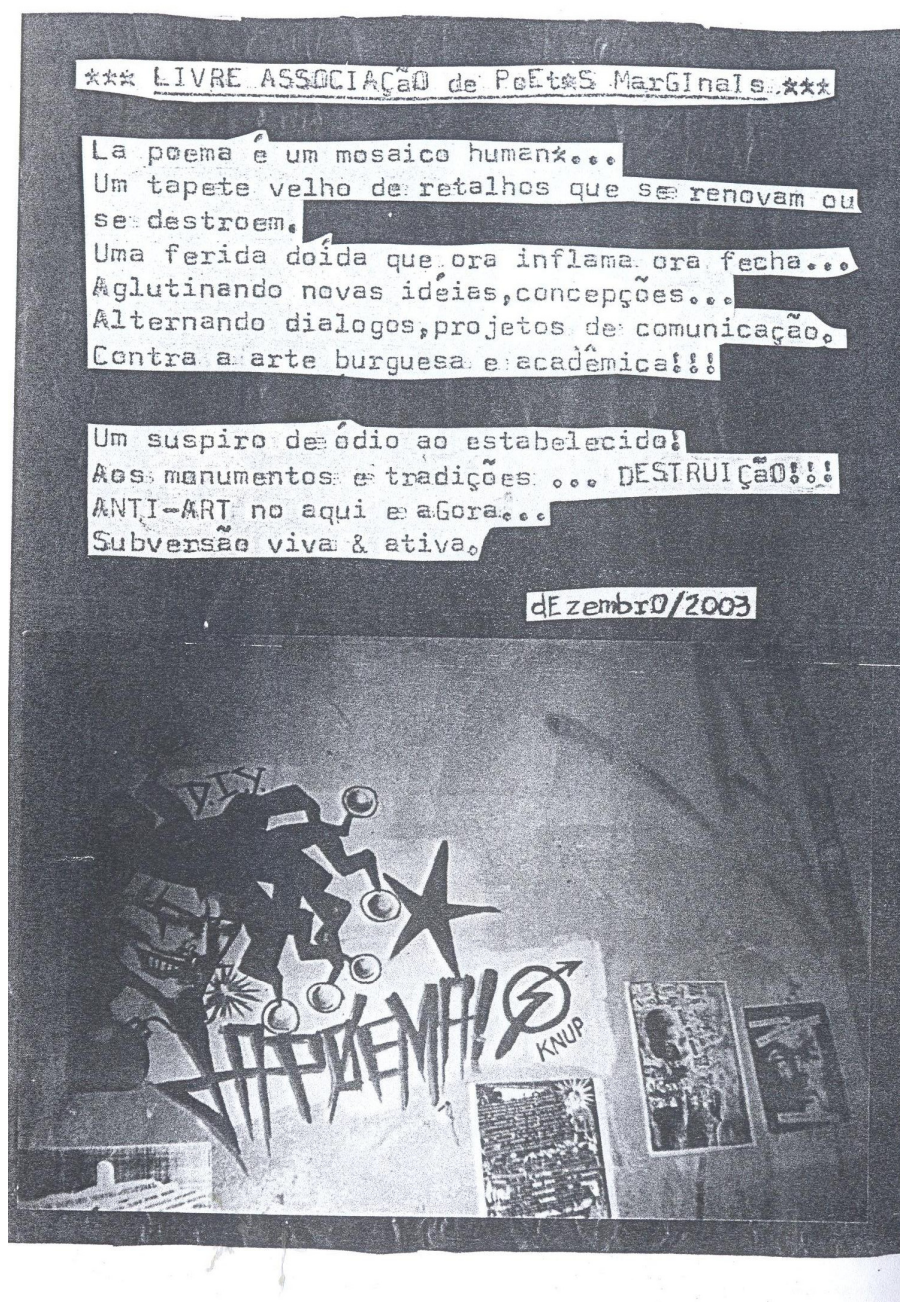
NO SQUAT LAMA NEGRA

ENDEREÇO: RUA MANTIQUEIRA, 140
CAETETUBA, ATIBAIA|SP



PARIS, 1871

Anexo 9: Editorial do zine Ramificações, de 2003. Acervo pessoal.



Anexo 10 – Página do zine Ramificações, de 2003. Acervo pessoal.

